

O

# LAR CATHOLICO

P<sup>e</sup> JOAQUIM SILVERIO DE SOUZA



† Livros Católicos para Download



RIO DE JANEIRO  
Typ. BESNARD FRÈRES — Rua do Hospicio 138  
**1900**

**D. SILVERIO GOMES PIMENTA**, por mercê de  
Deus e da S. Sé Apostolica, Bispo de Ma-  
rianna, Prelado Domestico de S. S. o  
Papa Leão XIII, etc., etc.

Fizemos examinar por theologo de nossa  
confiança o manuscripto do Padre Joaquim Sil-  
verio de Souza intitulado «O Lar Catholico»,  
que elle pretende publicar para proveito das fa-  
milias christãs, e tendo sido achado irrepre-  
hensivel em sua doutrina, de boa vontade o  
approvamos e muito o recommendamos aos  
nossos diocesanos, convencidos que a licção  
attenta d'esses capitulos será de grande utili-  
dade a todos os fieis. Marianna, 4 de Janeiro  
de 1899.

† SILVERIO, bispo de Marianna.

L. † S. CONEGO J. HORTA, secretario.

## **DEDICATORIA**

---

SINCERO amigo da formosa terra brazileira,  
Sem cujo seio quiz a Providencia trazer-me  
á luz do dia; agradecido e jubiloso por ter  
fruido no lar domestico os espirituas conche-  
gos que proporcionam a doutrina e o exemplo  
de paes sériamente christãos; ancioso por ver  
conservado e dilatado na estremecida patria,  
ao longo dos seculos, o rico patrimonio da  
crença catholica, legado á terra do Cruzeiro  
por venerandos antepassados, apresento hoje  
às familias brazileiras este pequeno trabalho,  
que certamente abona mais o esforço de boa  
vontade do auctor, que o seu engenho,

Oxalá, propiciado pela benção do Dispen-  
sador de todos os dons, logre este humilde

opusculo ser d'algum prestimo na grande casa do Pae Commum de todos os homens.

O que disse no Poema das Coroas celebre poeta christão do quinto seculo, com mais justa razão digo eu aqui «Aquelle que é innocent, fiel, pudico, piedoso, immola a Deus os dons da consciencia, cuja immensa copia lhe inunda a alma bemaventurada.

« Quem possue bens da fortuna alarga as mãos na distribuição da prata, que va ematar a fomedos pobres. Mas eu, indigente quanto á santidade, sem meios para soccorrer necessitados, consagro a Deus este trabalho, cuja somenos valia não lhe arredará, certo estou, a benevolencia e approvação do Céo.

« Na casa do rico vêem-se utensis diversos. Aqui se ostentam taças de oiro, alli resplandecem vasos de prata e bronze, mais além estão trastes de ébano, olmo ou carvalho, e até cantaros de barro : cada cousa no seu logar proprio. Todo vaso é util desde que se presta para o serviço do dono.

« No vestibulo paterno, Christo me applica, instrumento ponco prestadio, a misteres de menor cabedal, e permitte que eu fique num cantinho. Eis-me, pois, no palacio da salvação com presente de argilla ; é sempre util prestar a Deus qualquer serviço, por infimo que seja.»

Não podendo, á imitação do immortal Prudencio, cujas palavras acabo de citar, en-

Irmãos, com versos deliciosos, corôas scintilantes em honra dos martyres, venho hoje, em linguagem despida de vãos adornos, conversar com as familias brazileiras sobre seus deveres christãos.

Façam ellas que produza fructos o meu esforço, acolhendo com boa sombra o presente que lhes faço.

P<sup>c</sup>. JOAQUIM SILVERIO DE SOUZA.

---

## INTRODUCÇÃO

---

**A**FAMÍLIA é a base que sustenta a sociedade, e como o edifício não pode ser mais forte que seu fundamento, segue-se que da família nasce a força protectora da sociedade.

Firmar a família, fazê-la saudável, é firmar a sociedade, torná-la viva e saudável.

Destruí-la é destruir a sociedade.

Para erguer, pois, ou abaixar o nível moral d'um povo basta erguer ou abaixar a família, que é o princípio formador d'aquelle.

Firmado neste princípio, dizia o poeta romano: «A geração presente, filha d'um século perverso, deixará após si uma posteridade mais perversa ainda».

Devendo fallar da família, pede a razão encetemos por aquillo que a funda e constitue, que é o matrimonio.

E' elle o fundamento da familia, e como tal, esta será o que elle fôr por suas leis e costumes. Si os costumes que dizem respeito ao matrimônio se depravam, a familia tambem cár.

O unico meio de erguer a familia é o casamento christão.

A historia de todos os tempos o prova.

Vêde o paganismo.

Por bocca de Epicuro é a origem do casamento attribuida ao instincto grosseiro dos prazeres da carne, os esposos comparados a animaes, que disputam pelas leis da força os gozos sensuaes : *Mulum et turpe pecus....*

*Quos Venerem incertam rapientes, more ferarum... ul ingrege laurus (Hor).*

Quereis ver sobre o casamento o senso moral dos philosophos pagãos ? Considerae o que Platão, com toda a força de seu esplendido talento, legisla para a sua Republica, a mais bella e sabia dellas : « 1º, a communidade de mulheres; 2º, aborto da mulher que concebesse depois dos 40 annos; 3º, immolação dos filhos mal constituidos, incorrigiveis ou nascidos sem a permissão da lei; etc. — *Éludes t. 2, p. 374, Nicolas.*

A mulher, que o Christianismo tanto exaltou, perde na legislação do mesmo philosopho a aureola de sua grandeza .

Platão coloca a mulher muito abaixo do homem, e pouco acima das bestas. E' por qué-das successivas na qualque as almas se tornam almas de mulheres e depois almas de bestas.  
*Meignan 1894 p. 477 — Les Proph. et le Mess.*

Relembrar, porém, estas cousas, é repizar logares já muito communs.

Por evitar prolixidades ponhamos, portanto, fecho a estas reflexões, tanto mais dispensaveis quanto é certo que no decurso d'este escripto haveremos occasião de tocar ainda nesta materia .

---

## **CAPITULO I**

---

### **Instituição do Matrimonio**

---

**D**eus, Creador e Supremo Senhor de tudo, foi quem pelos labios de Adão, nosso primeiro pae, instituiu a essencia e santas leis do matrimonio, quando lhe offereceu Eva para esposa.

Conta a Sagrada Escriptura que Adão, ao despertar do sonno que Deus lhe infundira para formar-lhe d'uma de suas costellas a primeira mulher, disse : «Eis aqui agora o osso de meus ossos, e a carne de minha carne... Por isso deixará o homem a seu pae e a sua mãe

e se unirá á sua mulher : e serão dous numa carne. » (1).

Estas palavras revelam a nossa commum e alta origem, e mostram uma certa dignidade concedida ao primeiro homem, principio de toda a sua especie, como Deus o é do universo, diz o Angelico Doutor, S. Thomaz de Aquino. (2).

Durante esse sonno profundo ou extase, Adão, ensinam interpretes abalizados, presenciou o que Deus fazia e comprehendeu a significação do que se passava. Por isso é que elle pronunciou as palavras acima citadas cuja leitura nos faz assistir em espirito á celebração do primeiro matrimonio. Que grandes lições nos offerece este primeiro consorcio !

Quem é ahi o pae que apresenta a esposa ao esposo ?

Deus.

---

(1) Hoc nunc, & ex ossibus meis, et caro de carne mea....

Quamobrem relinquet homo patrem suum, et matrem, et adhærebit uxori suœ : et erunt duo in carne una. Genesis c. 2, V. 23 e 24.

(2) Primo quidem, ut in hoc quædam dignitas primo homini servarietur ; ut secundum Dei similitudinem esset et ipse principium totius suœ speciei, sicut Deus est principium totius universi. 1 Part. Quæ t. X<sup>o</sup>II, art. 2.

**Quem a testemunha?**

**Deus, os Anjos, a natureza em todo o esplendor de sua magnificencia.**

**Quem o sacerdote, quem o magistrado?**

**Sempre Deus.**

**Deus é quem funda a família; Deus, quem a abençoa; Deus, quem lhe dá leis conservadoras: unidade, santidade e indissolubilidade do laço conjugal.**

**Expliquemos estes pontos.**

**Deus deu a Adão uma só mulher e não mais, e isto quando tratava de povoar a terra, para nos ensinar que não é licito ao homem ter ao mesmo tempo mais de uma esposa, e vice-versa.**

**Por pouco que conheçamos o coração humano, não podemos ignorar que não é com a posse de muitas mulheres que elle se satisfaz.**

**O seguinte facto comprova o que dizemos.**

**Um official francez, que, depois da queda de Napoleão, afamou-se no Oriente sob o nome de Solimão-Pachá, vivia em Esneh com as mais formosas mulheres gregas e egypcias. Entretanto elle sentia vazio o coração e suspirava pela posse de uma companheira digna de seu amor. «Para minha felicidade só falta uma amiga verdadeira, cujo espirito e coração encantem minha solidão; este thesouro far-me-hia gozar**

detodos os outros», dizia este official, conhecido em França pelo nome de Selva. (1)

Fleury, fallando da polygamia no povo de Israel, descreve do modo seguinte as desgraças que cahem nas familias onde lavra esta praga detestavel. «Em vez de esta licença tornar o casamento mais commodo, tornou o seu jugo muito mais pesado.

« Um marido não podia dividir o coração tão igualmente com as suas esposas que todas ficassem contentes. D'ahi era reduzido a governal-as com auctoridade absoluta, como ainda hoje acontece no Oriente. Assim no matrimônio, continua Fleury, não havia mais igualdade, amisade, sociedade. Ainda mais difícil era que as esposas pudesseem viver em harmonia. Só se viam desuniões, cabalas, guerras domésticas. Os filhos d'uma mulher tinham tantas madrastas, quantas eram as outras mulheres de seu pae. Cada filho se punha a defender os interesses de sua mãe, e os filhos das outras mulheres de seu pae tratava como pessoas estranhas ou inimigas. D'aqui vem este modo de fallar tão frequente na Escriptura : « E meu

---

(1) Revue britannique, Décembre 1826, n. 18, pag. 321, em Martin. 1,66. Éducation des mères de famille.

irmão e filho de minha mãe.» Notam-se exemplos terríveis d'essas divisões na familia de David, e mais terríveis ainda na de Herodes (...)»

Adão era um : Deus tomou uma parte de sua carne para formar Eva, e quando une estes dousentes em matrimonio, proclama ou faz proclamar que são uma só carne.

Adão e Eva, esposa e esposo, são uma só carne. Aqui tendes a indissolubilidade do casamento. Porquanto a identidade de carne, que forma os dous sexos, demonstra que o matrimonio não pôde ser união accidental e passageira para reprodução da especie, como sucede nos animaes, mas união indissoluvel e para toda a vida, diz S. Thomaz. (2)

De todos os vinculos terrestres, diz Cornelio a Lapide, o mais estreito e inviolavel é o matrimonio. Eis aqui porque Deus fez Eva d'un lado de Adão, dando a entender que o esposo e a esposa são antes um que dous; que

---

(1) Mœurs des Israélites.

(2) Ut vir magis diligenter mulierem et ei inseparabilius inhaereret, dum cognosceret eam ex se esse productam... Et hoc maximè necessarium fuit in specie humana, in qua mas et femina commandant per totam vitam; quod non contiugit in aliis animalibus. 1 Part., Quæst XCII, art. 2, em Cornelio a Lap. t. 1, pag. 93. Comment, in Genesim.

ellos são indivisíveis e inseparáveis. Assim como a carne não pode ser dividida e continuar a ser uma, assim o esposo não pode ser separado da esposa, pois que é uma mesma carne com ella; e esta unidade de carne é imagem da unidade de amor e vontade que devem reinar entre elles. D'ahi esta palavra de Pythagoras: «No bom matrimonio ha só uma alma em dois corpos.» *Cornelio a Lap., Com. in Genis. T. 1, pag. 95.* (1)

Unindo-os em matrimonio indissoluble, Deus os abençoou e disse: Crescei e multiplicae-vos, etc. — *Benedixitque illis Deus et ait: Crescile et multiplicamini, etc. Genes. C. 1, V. 28,*

Destas palavras se infere quão santo é o matrimonio. Porquanto, é impossível pensar, reflecte o Padre Ventura, que esse mesmo Deus, o qual a Escriptura nos representa consagrando e abençoando como verdadeiro Pontifice o

---

(1) *Inter humanae necessitudines arctissimum et inviolabile est vinculum matrimonii: hinc ex Adamo costa Deus fecit Eram, ut significaret primo, quod vir et uxor non tam duo, quam unus sint. Secundo, quod sint indivisibilis et inseparabiles; sicut enim una caro non potest dividi et tamen una manere, sic non potest conjux a conjugé separari, eo quod sit una caro cum conjugé. Unitati enim divisione, puta divertium et polygamia repugnant. Tertio, quod debeat unum esse amore et voluntate... Unde Pythagoras dixit, in conjugio amico esse unam animam in duobus corporibus. C. a Lap. t. 1., pag. 95.*

primeiro casamento não tenha derramado sobre esses primeiros esposos as graças do seu novo estado.

Vêde como tudo no primeiro consorcio é santo. Santo, tres vezes santo, o seu fundador, Deus; puros como Anjos os primeiros nubentes, Adão e Eva; augusto e sagrado o fim, a santificação da familia; affeição isenta de baixos interesses, eis aqui o motivo.

E depois, a benção do Creador lançada sobre os primeiros esposos, benção tão fecunda que produziu todo o genero humano, povoador e dominador da terra. (1)

Si deste primeiro consorcio que houve no mundo, passarmos a examinar como eram celebrados os da Lei Antiga, veremos que, com quanto o matrimonio ainda não houvesse sido elevado á dignidade de Sacramento, era com tudo definido como união do homem e da mulher, que, vivendo como si fossem uma pessoa, glorificassem a Deus nos filhos que procreassem. (2)

---

(1) Benedixitque illis Deus et ait: Crescite et multiplicamini et replete terram. Genes. 1,28.

(2) Pensamento de Glasson, p. 145 - Le Mariage Civil et le divorce.

A benção do Céo não faltava então a este importantíssimo acto da vida humana, e os parentes e assistentes oravam para attrahil-a sobre os nubentes.

Apresentemos um exemplo da Sagrada Escritura.

« E (Raguel) tomado a mão direita de sua filha a uniu com a direita de Tobias, dizendo : O Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob, seja com vosco, e elle mesmo vos ajunte e vos encha de sua benção . » (1)

Até fóra do povo de Israel, povo que Deus escolheu para si, o matrimonio foi considerado como instituição de carácter religioso. Monte queieu estabeleceu que em todos os tempos e em todos os lugares a Religião presidiu o matrimonio, o qual foi sempre objecto d'uma benção particular. *Moigno* i, p. 597.

Ahi ficam, pois, indicados os tres grandes e magnificos caracteres que Deus no principio do mundo imprimiu na união matrimonial do homem e da mulher.

---

(1) Aprehendens dexteram filiae sue, dexteram Tobiae tradidit, dicens: Deus Abraham, et Deus Isaac, et Deus Jacob, vobiscum sit, et ipse conjungat vos, impletatque benedictionem suam in vobis. Tob. VII, 15.

Os filhos de Deus, fieis ás tradições dos primeiros tempos, conservaram por muitos annos o casamento com seus gloriosos caracteres. Pela Sagrada Escriptura se vê que Noé tinha uma unica esposa quando entrou na Arca para escapar do diluvio. O mesmo se lê dos seus tres filhos. (1)

Os filhos dos homens, porém, muito tempo antes do diluvio, violaram a unidade matrimonial e revolveram-se em um asqueroso lamaçal de voluptuosidade.

Lamech, a quem Tertulliano chama homem maledicto (2), S. Jeronymo — homem sanguinario e homicida (3), e o Papa Nicoláo accusa do crime de adulterio (4), é o primeiro que violou as santas leis do matrimonio como consta do texto sagrado : *qui accepil duas uxores. Genes. IV, 19.*

Depois do diluvio, os filhos de Noé, insensíveis ao castigo que havia ferido seus antepassados, corromperam logo seus costumes.

---

(1) *Ingressus est Noé, et Sem, et Cham, et Japhet, alii ejus; uxor illius, et tres uxores filiorum ejus cum eis, in arcam. Genes. VII, 13.*

(2) *Numerus matrimonii a inaledicto viro cœpit, primus Lamechi duabus maritatus. Tert de Exhort. cast. c.5.*

(3) *Primus sanguinarius et homicida unam carnem in duas divisit uxores. Hieron. adv. Jovin. lib. 1.*

(4) *Canon. 24, 9. 3.*

Du novo as leis do Creador foram desprezadas, e a família instituída tão santamente por Deus, foi privada pelo homem de seus caracteres divinos. Então Deus formou com Abraham a aliança, que devia conservar a luz de sua doutrina no meio das trevas, que envolviam a sociedade domestica no mundo antigo.

No dominio da Synagoga continuaram as transgressões da lei primitivamente estabelecida por Deus sobre o casamento.

Chegada, porém, a plenitude dos tempos, como fala S. Paulo, veiu o Verbo de Deus restaurar todas as coisas, e Jesus Christo restabeleceu o matrimônio no seu primeiro estado. Fez mais: elevou-o à dignidade de Sacramento da Nova Lei, constituindo o d'esta maneira canal de graças para santificação dos conjuges, que devem considerar na união de Christo com a Egreja o modelo da sua.

O carácter de grandeza e santidade do matrimônio é bastante indicado, diz eminentíssimo Prelado Catholico, pelas palavras de Jesus: « O homem, portanto, não separe o que o próprio Deus uniu ». (1)

---

(1) Mat. XIX. 5.6.

Vós o ouvis, — o que Deus uniu. Sempre Deus á frente do matrimonio, como primeiro principio; Deus, e não o homem; Deus, e não o magistrado; Deus, e não o capricho das paixões. (1)

---

---

(1) Instruction pastorale de Mgr. l'archevêque de Cambrai (1844).

## **CAPITULO II**

**(Continuação)**

---

**D**a Lei Nova o matrimonio é, pois, um Sacramento que santifica o contrato do homem e da mulher.

E' ponto de fé definido pelo Santo Concilio de Trento no canon primeiro da Sessão XXIV. (1)

E' isto aliás o que ensinam os outros Concilios, as Liturgias e Sacramentarios, Clemente de Alexandria, combatendo os herejes que condenavam o matrimonio, sustenta que elle é

---

(1) Si quis dixerit matrimonium non esse veré et proprié unum ex septem legis evangelicæ sacramentis, a Christi Domino institutum, sed ab hominibus in ecclesia inventum neque gratiam conferre; anathema sit.

não só inocente e permittido, mas também santo e destinado a santificar os esposos (*Strom. liv. 3, c. 6.*, p. 532); que é Deus que une a mulher a seu marido. C. 10 p. 542. Bergier, Art. *Mariage*.

Tal é também o sentimento de Tertuliano, cujas palavras citaremos adiante. Só no seu Livro contra Marcião elle quatro ou cinco vezes nomeia o matrimonio como sacramento.

Si esta era a doutrina do segundo seculo e do terceiro, corria a mesma no quarto e no quinto.

Si perguntarmos a S. Agostinho porque Nosso Senhor Jesus Christo e sua Mãe assistem ás bodas de Caná, elle responderá que o Verbo Humanado quiz attestar por sua presença a santidade do matrimonio. *Per hoc ergo Dominus invitatus venit ad nuptias ut conjugalis castitas servaretur, et ostenderetur sacramentum nupliarum.* (S. Aug., Tract. IX, in Joan., n. 2).

Assistindo com sua mãe ás nupcias de Caná, diz S. Cirillo de Alexandria, Jesus quiz consagrarr o principio das gerações humanas como tinha precedentemente santificado a agua baptisinal por seu divino contacto. Para reabilitar a natureza decahida e reerguel-a á sua santidade primitiva, não bastava que o Salvador abençoasse os homens já nascidos; era necessário para o futuro estabelecer nas fontes da vida a graça que devia diffundir-se a toda poste-

ridade humana e santificar a origem de todos os nascimentos. (1)

Christo, assistindo ás bodas de Caná, santificou-as por sua benção, proclamam duzentos Bispos no concilio de Epheso *Christum ad nuplias in Cana Galilææ se contulisse suaque benedictione easque dispensatorie cohones lassæ*. Em Contenson 4, p. 524.

As seitas orientaes, que desde o sexto seculo se separaram da Egreja Romana, contam no numero dos sacramentos o Matrimonio.

Na censura *Confessionis Auguslanæ* dos Lutheranos, publicada por Jeremias, Patriarcha Constantinopolitano e os outros Prelados Gregos, afirmam elles que o Matrimonio é um dos sete Sacramentos que Christo e seus Apostolos deram á Egreja. Contenson 4, p. 524.

Os Sacramentarios de S. Leão, 461; de S. Gelasio, 496; de S. Gregorio Magno; o Euchologio dos Gregos, as Liturgias dos Nestorianos, Coptas, Jacobitas e Armenianos, suppõem Sa-

---

(1) Ut nativitatis nostræ principium, quantum ad carnem attinet, sanctificaret, oportebat certe, quia totam naturam hominis ad melius restaurabat, non solum nutris jam hominibus benedicere, verum etiam nascituris præparare, et aditum illorum ad hanc vitam, et auctoritate miraculi; et præsentiâ sua sanctum facere. Lib. 2 in Joan. c. 22. Contenson 4, p. 524. Theologia mentis et cordis.

cramento o Matrimonio — Cf. Perrone, *De Matrim. christ.*, t. I, c. I, art. I.

Haverá por ahí Christão Catholico que não traga de memoria e estampadas no coração as palavras de Pio IX na Allocução feita aos Cardeaes a 27 de Setembro de 1852? «Nenhum catholico ignora ou pôde ignorar, diz o Santo Padre, que o matrimonio é verdadeira e propriamente um dos sete sacramentos da lei evangélica, instituido por Christo Senhor Nosso, e que portanto entre os fieis não pôde haver matrimonio sem que a um mesmo tempo não seja sacramento». (1)

D'aqui resulta manifesto que a substancia do matrimonio é que foi sublimada á dignidade de Sacramento. Este, pois, não consiste na benção nupcial, não é cousa accessoria ao contracto, e nem tão pouco pôde ser separado d'elle. Será mister avivar a lembrança da condemnação com que Pio IX fulminou a proposição de Nuytz, que professava erro nesta matéria? Enumerando erros do desvairado pro-

---

(1) Cum nemo ex catholicis ignoret, au ignorare possit, matrimonium esse veré, et proprie unum ex septem evangelicæ legis sacramentis a Christo Domino institutum, ac propterea inter fidelcs matrimonium dari non posse, quia uno eodemque tempore sit sacramentum.

fessor, o . immortal Pontifice da Immaculada: Conceição aponta a seguinte falsa afirmação, cuja contradictoria encerra a verdade católica: *matrimonii sacramenlum non esse nisi quid contraclui accessoriun, ab eoque separabile, ipsumque sacramenlum in una tanlum nupliali benedictione silum esse.*

Segue-se, pois, que o contracto matrimonial é que foi elevado á dignidade de Sacramento, e que este não consiste só na benção e nem pôde ser separado do contracto.

Ensinada foi novamente pela palavra iner-ravel do Pontifice actualmente reinante a dou-trina que vamos expendendo. «Ninguem se deixe commover, diz Leão XIII, pela distinc-ção ou separação, que os regalistas proclaimam com tanto ardor, entre o contracto do matri-monio e o sacramento, com o fim de reservar o sacramento para a Egreja e confiar o contracto ao poder e arbitrio dos principes. Esta distinc-ção, que é antes verdadeira separação, não pôde, com efeito, ser admittida, pois que é sabido que, no matrimonio christão, o contracto não pôde ser separado do sacramento, e que, por conseguinte, não pôde haver no matrimonio contracto verdadeiro e legitimo sem que haja ao mesmo tempo sacramento.» Glasson, pag. 219, obra citada.

Parecem tão de aproveitar as palavras do insuspeito Deluc, que não nos podemos eximir

de transcrevel-as aqui : «Eu tremo sempre que oiço discutir-se philosophicamente o artigo — matrimonio. Que maneiras de vêr ! que de sistema ! quantas paixões em jogo ! Quão diferente parece ao mesmo individuo, segundo as posições em que se acha ? A legislação civil proveria a isto, dir-me-hão. Quando ? Por quem ? Esta legislação não está entre as mãos dos homens, d'esses mesmos individuos, cujas idéas, designios e principios mudam e se cruzam ? Vêde os accessorios d'esse grande objecto que foram deixados á legislação puramente civil; estude a sua historia, e logo vereis a que ficaria reduzido o repouso das familias e da sociedade. Quanto é bom, portanto, neste ponto, tenhamos uma grande lei collocada acima do poder do homem !

«Si ella é boa, evitemos pô-la em perigo, fazendo-a mudar de sancção. E si ha individuos que o contestam, apresentando-a como cousa detestavel, não avigoram elles minha these ? Porquanto ha uma multidão de outros individuos que crêem esta lei muito sabia e boa, e que perpetuamente disputariam em favor d'ella contra os primeiros. A sociedade dividir se-hia então nesse ponto, segundo a preponderancia das opiniões em diversos logares. Esta preponderancia andaria á mercê da influencia de todas as cousas que tornam variavel a legislação civil, e este grande objecto, que, pelas relações dos in-

dividuos de Estado a Estado, e para repouso e felicidade da sociedade, exige altamente uniformidade e constancia, seria assumpto perpetuo das mais apaixonadas disputas. Quanto a sociedade deve á religião por ter posto a existencia d'esta lei acima do poder dos homens !» *Lettres sur l'histoire de la terre et de l'homme* t. 1, pag. 48, em Moulart: *L'Église et l'État*, pag. 462.

A constituição, que só reconhece o casamento civil, faz descer até o mais baixo nível do paganismo a união conjugal. O Legislador, é verdade, não nega o sacramento, mas nenhuma força obrigatoria lhe reconhece. Aplicquemos o ouvido á linguagem da lei civil, que impossivel é escutarmos sem que sintamos espanto: «Uma vez que vossa aliança seja confirmada por meu representante, que se me dá das bençãos da Egreja ou da presença do representante de Deus ? — Vossos direitos serão por mim reconhecidos e postos em segurança, vossos filhos considerados legítimos para todos os actos da vida civil.

« A Egreja expelle-vos do seu seio, porque lhe não pedis que vos sagre a união ?

« No meu continuareis bem agasalhados .

« Em quanto assim viverdes ella negará seus sacramentos ?

« Pois, a contragosto da Egreja, eu vós declaro aptos para os mais elevados cargos, e con-

vido-vos ao gozo de todos os privilegios do Estado... A Egreja reprova em fim vosso proceder, dizendo que viveis em puro concubinato, e eu considero concubinados na minha lei aquelles que só recorrem ao matrimonio religioso, e não se casam no civil: os filhos d'estes considero como illegitimos, ainda que seja outra a doutrina da Egreja..»

Que linguagem anti-christan ! que lucta se travava entre os deveres de cidadão e as exigencias da consciencia religiosa !

O Estado promover á indifferença religiosa !

Em obediencia a principios tão nocivos, lá se vão uns fundar familia sem o influxo da graça christan, outros, considerando o acto religioso como etiqueta meramente accessoria, submettem-se a receber tão venerando sacramento, mas sem preparação interna, e só por comprazer ao gosto da sociedade, oppondo por esta forma dique fortissimo á corrente da graça, que devia levantar-lhes os costumes: todos emfim são arrastados ao nível da terra e dos sentidos...

Duro é de ouvir-se; mas o seu a seu dono.

Não, o matrimonio não é um contracto como os outros, clamemol-o bem alto.

A mais ligeira comparação nol-o demonstra .

Seu efecto, seu fim, seu motivo, dão-lhe caracter de contracto *sui generis*.

O objecto d'este contracto são as proprias pessoas, que se dão uma a outra para reproduzirem a propria vida. Não ha, pois, ahi, entrega de bens subalternos, como sejam animaes, terras, serviços, cousas accessorias ás pessoas ou á vida dos que contractam, como acontece nas outras convenções.

O fim do matrimonio é o mutuo aperfeiçoamento dos esposos e o dos filhos pela fusão dos corações, das vidas, que se reproduzirão de modo unico, indivisivel.

O motivo é o amor, pois só elle é capaz de unir as vontades e ligar os consentimentos.

Objecto preciosissimo, nobilissimo fim, motivo o mais puro e dôce.

Não sendo o casamento um contracto como os outros, mas, como ensina Leão XIII na Encyclica *Arcanum Divinæ Sapientiae, sua vi, sua natura, suas ponte sacrum*, segue-se que sua secularização, sua usurpação pela auctoridade civil é o maior attentado do poder politico, segundo a expressão de Mirabeau. *Moig.* 4, 598.

Estas palavras, por serem de quem são, nos dispensam de novos argumentos.

O matrimonio é, pois, sacramento. A esta dignidade o exalçou o Filho de Deus, e «Jesus cresce e immortalisa tudo o que toca; seus menores actos, diz o padre Didon, são palavras

vivas, que os seculos guardam e repetem» Jesus Christ.

D'aqui decorre mui ao natural uma illação tão razoavel que pelos olhos se vê meltendo, e é que não se casarem os Christãos religiosamente é viverem em torpe concubinato. Porquanto Nosso Senhor confiou a dispensação das cousas sagradas aos Ministros da Egreja, como diz S. Paulo *Sic nos existimel homo ut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei. 1 ad Cor., cap. 4, 1.*

Não se amesquinhe, pois, tão veneravel mysterio, e nem se desprezem as graças que o Filho de Deus offerece neste Sacramento.

A proposito vem aqui as palavras, que Bento XIV escrevia, ha mais de um seculo, aos bispos d'um paiz que a heresia tinha sahir da legislação canonica : (1) «Sabem os catholicos commettidos a vossa cuidado que, apresentando-se ao magistrado civil para a celebração do matrimonio, cumprem um acto puramente civil e pelo qual testemunham sua submissão ás leis e aos principes... Mas é de nosso dever lhes fazer ver, com a prudencia e circumspecção

---

(1) Bened. XIV, Litter. Apost. Redditæ sunt nobis, 10 Januar. 1748.

requeridas, que, sendo forçados a obedecer ao uso do lugar e ás prescripções do legislador humano, devem fazê-lo sem prejuízo da religião e cumprir todas as santíssimas leis da Egreja que regulam os matrimônios dos fieis: nunca esquecendo que, dando satisfação ao Estado, devem sem demora obedecer à Egreja, e contrahir o matrimônio segundo a forma prescripta pelo Concílio de Trento. Ao contrário, quer deante de Deus, que deante da Egreja, nunca serão verdadeiros e legítimos esposos.» (1)

---

---

(1) Lettre synodale des évêques de la province de Bordeaux portant publication des décrets du Concile tenu à Poitiers en Janvier 1868.

## CAPITULO III

### **Proveitos ou bons effeitos da indissolubilidade**

---

**A**ndissolubilidade, tomada só por si, faz do matrimonio maravilhosa escola de acrisladas virtudes, porque obriga os esposos a corrigirem sua natureza soffrendo-se mutuamente.

Com palavras de Socrates, que ora nos acodem, confirme-se o que dizemos.

«Eu, ponderava o philosopho grego, escolhi Xantippa para adquirir costumes de moderação e indulgencia, porque, vivendo bem com ella, accostumar-me-hia a supportar todos os homens e a viver com gosto na companhia d'elles.» (1)

---

(1) Xénoph.. Banquet, c. 2, § .10 — Em Rohrb. t. 3, p. 248, Hist. de l'Église.

Scientes de que o laço que os une não se desata, determinam-se os esposos a levar com mais paciencia a Cruz dos trabalhos, conforme ao que escreveu Rousseau a um sceptico : «Antes de tomar um estado, é necessario pensar muito, e nunca se pensa demais. Depois de abraçado, é preciso cumprir os deveres que elle impõe, é quanto resta fazer. »

A mesma indissolubilidade offerece mais valentes probabilidades de que os nubentes acertem melhor na mutua escolha.

Porquanto o passo que vão dar, sendo decisivo para toda a vida, exige d'elles mais prudencia e conselho na eleição, e d'ahi motivos mais serios de acerto, segundo aquillo que diz a Escriptura : *Fili, sine consilio nihil facias, et post factum non panilebis* — (1) Filho, nada faças sem conselho, e não te arreenderás.

A indissolubilidade favorece com alentados passos a perfeição da natureza, e, portanto, esta aquella. Com esse efeito, o Matrimonio tem suas raizes no amor. «Ora, é proprio do amor, repara Bossuet, o tender para união a mais intima; elle não se contenta com goso superficial; aspira pela posse perfeita. » Opusc. de piété.

---

(1) Ecclesiastico XXXII, V. 24.

Fallando do amor nò matrimonio, não é a essa paixão inquieta, impaciente, cheia de caprichos e variações, tão facil em nascer quanto em extinguir-se, que nos referimos, mas sim á amisade, affeição mais placida e calma, que, brotando de familiaridade diuturna e obrigações reciprocas, é presidida pela razão e firmada pelo habito.

Os matrimonios mais felizes são por certo aquelles em que o amor, pelo dilatado do exercicio, converteu-se em amizade, diz o protestante Hume, cujos são os pensamentos que vamos citando.

Não temamos apertar o nó do matrimonio. Si a amisade dos esposos é solida, só pode lucrar com o laço indissoluvel. e si é incerta e vacillante, é a indissolubilidade o melhor meio de fixal-a». (1)

Como seria intima a união que se pôde desfazer? Como será perfeita a posse que a qualquer momento pode ser tirada?

«A união perpetua, discorre o padre Felix, o amor sem fim, é a necessidade de todo a alma que tomou ao serio esta palavra tão profanada:

---

(2) *Essais moraux et politiques*, 1, p. 339 e seg. Glasgow. 487.

amor. Assim é que somos feitos; quando amamos sinceramente, queremos em nosso amor alguma cousa de immortal; a própria morte, que tem poder para dissolver nossos corpos, queremos respeite o laço que encadeia nossas almas; queremos enfim que a união. começada e já venturosa no tempo, dure ainda para além do tempo, e encontre sua plena felicidade nos séculos eternos. » (1)

E' uma lei de perfeição social. Porquanto as leis devem offerecer apoio contra a fraqueza dos cidadãos.

E' o que resulta do vinculo indissoluvel, que, consolidando a familia e servindo lhe de defesa contra as tentativas de desorganisação à aperfeiçõa e por meio d'ella a sociedade.

Mais. Um dos bens do matrimonio é a prole. Ora, os filhos, isto é, a prole, exigem matrimonio indissoluvel.

Filhos, disse Castilho, são nós que apertam os vinculos naturaes entre o homem e a mulher. De feito, o sangue de ambos os esposos, homem e mulher, é que forma o laço que prende os filhos aos paes: nos filhos os paes são uma só carne; prisões de sangue os aper-

---

(1) Le Progrès par le Christianisme, 1860, p. 191.

tam num só composto, e este composto é indivisivel: o pae e a mãe ahi ficarão no filho indissoluvelmente unidos pelo sangue de ambos que o forma. «Ora, exclama o eloquente Bonomelli, o Matrimonio cria entre os paes e os filhos laços firmes e indissoluveis, e ha se de querer que elle seja vinculo fragil! Mas então os effeitos seriam maiores que a causa!» (1)

«Os filhos, diz Rousseau, formam um nó verdadeiramente indissoluvel entre os que lhes deram o ser, e uma razão natural e invencivel contra o divorcio. Objectos tão caros, dos quaes não se pode separar nenhum dos paes, necessariamente os approximam.» *Emile t. 2.*

Si o corpo do filho exige, como é claro, os cuidados dos paes para se sustentar e desenvolver, e estes cuidados devem ser de ambos, pois que ambos elles são os geradores, a alma da prole como que adormecida espera que os paes lhe ensinem a pensar e a querer, o que certamente é prejudicado pelo laço soluvel. O matrimonio, explica com muita clareza S. Thomaz, é por intenção da natureza ordenado para educação da prole, e não só por algum tempo, mas

---

(2) Veja-se Monsabré, *Dogme catholique*, t. 5, p. 79, nota.

por toda a vida da prole... Pelo que, como a prole é bem *commum* do homem e da mulher, é necessário que a sociedade d'elles permaneça perpetuamente indivisa, segundo o dictame da lei da natureza. (1)

«A indissolubilidade do matrimonio é, pois, como observa Glasson, o ideal no direito como na religião, e toda boa lei deve consagrар este ideal ou tender para isto no limite do possivel.» (2)

### Ideal na Religião?

Talvez, senão certo, será isto razão bastante para que os brados da natureza e os sacrosantos interesses da communhão social não encontrem sympathia da parte de certos juristas, em quem os preconceitos religiosos corromperam o senso moral.

«O grande principio social da indissolubilidade do matrimonio não tem realmente contra si outra causa que ter sido dignamente consagrado pelo catholicismo.»

---

(1) *Matrimonium ex intentione naturae ordinatur ad educationem prolis, non solum ad aliquod tempus, sed per totam vitam prolis...* Ideo cum proles sit commune bonum viri et uxoris, oportet societatem eorum perpetuo permanere indivisam, secundum legis naturae dictamen. (Sum. Th. quæst. 47, a. 1º)

(2) Glasson, *L<sup>e</sup> Mariage civil et le Divorce* pag. 488.

De que penna terão cahido estas palavras,  
que de industria reservamos para fecho do pre-  
sente capítulo?

Da penna de Auguste Comte, a quem com-  
pete a supremacia na grei positivista.

Encontral-as heis no t. 5º pagina 687 da  
*Philosophie positive*.

Talvez pareçamos resumido mais do justo  
nesta exposição dos proveitos da indissolu-  
bilidade.

Fique comtudo assim mesmo.

São alguns pontos principaes do assumpto  
os que apresentamos. O leitor poderá tirar delles  
uteis consequencias.

---

## CAPITULO IV

### **Divorcio**

---

**A**ssim como a familia é o fundamento da sociedade publica, a indissolubilidade conjugal o é da sociedade domestica, de modo que tanto vale o divorcio como a completa destruição d'uma e d'outra.

Pedra angular da sociedade, é a indissolubilidade conforme ao ensinamento de Jesus Christo e seus Apostolos.

Assim o Concilio Tridentino, com manifesta clareza na Sessão XXIV, canon 7º : «Si alguém disser que a Egreja está em erro quando ensina, como tem feito até hoje, segundo a doutrina do Evangelho e dos Apostolos, que o laço do matrimonio não pôde ser dissolvido por causa do adulterio, etc. seja anathema. » (1)

---

(1) Si quis dixerit Ecclesiam errare, cum docuit juxta Evangelicam et Apostolicam doctrinam, propter adulterium alterius conjugum matrimonii vinculum non posse dissolvi... anathema sit. Sess. 24, can. 7.

Já o Concilio de Florença havia proclamado a mesma doutrina, quando, depois de dizer que o terceiro bem ou vantagem do matrimonio era a sua indissolubilidade, accrescentava que não é permitido aos esposos contrahir união nova, nem por motivo de fornicação de um d'elles, porque o laço d'um matrimonio legitimamente contrahido é perpétuo. (2)

Tal é de feito o ensinamento dos Apóstolos.

D'elles é echo fiel o Doutor das Gentes.

Pela lei do matrimonio, diz o Apostolo aos Romanos, a mulher é ligada a seu marido em quanto este é vivo mas depois que elle morre, fica desligada do laço que a unia a elle.

Si portanto esposa outro homem, vivendo ainda seu marido, será chamada adultera... *Nam quæ sub vino est mulier, vivente viro, alligata est legi : si aulem morluus fuerit vir ejus, solula est a lege viri. Igitur, vivente viro, vocabilur adultera si fuerit cum alio viro. Rom. c. 7º, 2 e 3.*

Nosso Senhor Jesus Christo, como lemos nos santos evangelhos, proclama tambem a face

---

(2) *Quamvis ex causa fornicationis liceat tori separationem facere, non tamen aliud matrimonium contrahere fas est, cum vinculum matrimonii legitimè contracti perpetuum sit.* Eugenio IV, in Decreto ad Armenios.

do mundo pagão a indissolubilidade do vínculo conjugal, e para cristãos a palavra de Jesus deve tomar o passo a todas as outras considerações, por mais ponderosas que se affigrem.

Os Phariseus, conta S. Mattheus, acercaram-se de Jesus para tentá-lo. E' permitido ao homem repudiar sua esposa por qualquer causa? Perguntaram ellos. Respondeu-lhes o Salvador: Não tendes lido que quem creou o homem desde o princípio, fez-o macho e femea, e disse: Por isso deixará o homem a seu pae e a sua mãe, unir-se-há á sua esposa e serão dous n'uma só carne? Assim que já não são dous, mas uma só carne. (*Genes. 1, 27; 2, 24*). Não separe logo o homem o que Deus ajuntou. Mas então, retorquiram os Phariseus, porque Moysés nos mandou dar o libello de desquite e enviar a esposa? E' por causa da dureza de vosso coração, ponderou Jesus, mas não foi assim na origem. Eu, pois, declaro que todo aquele que repudiar sua mulher, se não é por causa de fornicação, e casar com outra, torna-se culpado de adulterio: e o que esposar a mulher repudiada commette adulterio. *Evang. secundum Matth. c. XIX.*

Mais claramente aparece condenado o divócio no texto 18º do c. XVI de S. Lucas, que é como se segue: Todo aquele que deixa

sua mulher e se casa com outra, commette adulterio; e o que se casa com a que foi repudiada tambem commette adulterio.

A mesma doutrina traz S. Marcos no texto 11 e 12 do c. 10, onde refere o Evangelista que depois de ter expendido diante dos Phariseus esta doutrina, Jesus disse aos discipulos: «Qualquer que repudiar a sua mulher, e se casar com outra, commette adulterio.»

*Et ail illis: Quicumque dimiseril uxorem suam, et aliam duxeril, adulterium commillil super eam. Et si uxor dimiseril virum suum, et alii nupseril, mæchalur.*

Allegam os protestantes e Gregos scismáticos o texto de S. Mattheus, acima citado, para permittirein a dissolução do vinculo por causa do adulterio. O texto, porém, encerra a mesma doutrina que vem exposta em S. Lucas e S. Marcos.

A prova resulta, em primeiro lugar, do confronto dos textos dos Evangelistas, porque, como muito a proposito repara S. Agostinho, não sendo licito dizer que os Evangelistas, falando d'um mesmo objecto, tenham discordado, resta-nos entendermos que S. Mattheus tenha emitido a mesma sentença, isto é, que aquelle que deixa sua esposa e toma outra commette

adulterio (1); em segundo lugar, do contexto do que refere S. Mattheus, porque immediatamente depois do versiculo 9º, c. XIX, para o qual appellam os protestantes, vem a declaração feita por Jesus do que — qualquer que esposa uma mulher repudiada commette adulterio (*et qui dimissam duxerit mœchatur*).

Evidentemente a resposta do Salvador, tal como nol-a apresenta S. Matheus, satisfaz a dous pensamentos mui distintos encerrados na questão dos Phariseus. Esta continha duas partes 1º E' lícito por qualquer causa deixar a esposa? 2º deixada a esposa, o matrimonio é dissolvido pelo bilhete de repudio, e pode-se contrahir novo? Jesus declara 1º que a separação é permittida no caso de adulterio; 2º que a separação, ainda neste caso, não envolve a faculdade de contrahir outro casamento. *Corn. a Lap. Com. in Matth. c. XIX, 9.*

O pasmo dos discipulos de Jesus demonstra que o texto de S. Mattheus deve ser entendido neste sentido. A resposta do Salvador, re-

---

(1) Quoniam fuis non est ut Evangelistas de re una loquentes... dissentire dicamus, restat ut Matthœum intelligamus eamdem tenuisse sententiam, ut omnis qui dimittit uxorem suam et ducit alteram, mœchari minime dubitetur. M. Aug. 1. 1, de Conj.

ferida por S. Mattheus, provocou dos discipulos a seguinte exclamação : «Si assim é, si tal é a posição do homem que esposa uma mulher, não ha vantagem em casar-se. » Nunca os discipulos teriam manifestado tal espanto, si seu divino mestre tivesse dito : «E' permittido esposar outra mulher após a separação por causa do adulterio. »

Porquanto neste caso Jesus permittiria o que já sabiam os discipulos e era ensinado por Sammaiias (ou Schamai), um dos chefes das escolas em que se dividiam os phariseus, o qual, interpretando a lei de Moysés, restringia a permissão do divorcio ao unico caso de adulterio. (*Talmud Jerusalem Solah, fol. 16, 2. et Gillin, 9, (Meigran)*). Desde os tempos mais remotos, diz Drach, a Synagoga constantemente attribuiu á carta de repudio a propriedade de dissolver o matrimonio *quoad vinculum*. (1)

Jesus teria, pois, abraçado uma opinião assás commum entre os Phariseus, mui conhecida dos Apostolos: que motivo pois havia para se admirarem estes e fazerem nova pergunta?

Um pastor protestante, Sintenis, reconheceu publicamente na Egreja de Magdebourg

---

(1) *Du divorce dans la Synagogue.* — p. 16.

que a verdade neste ponto estava do lado do Catholicismo.

«Sim, é cousa que pouca honra faz á nossa Egreja protestante, em controversia nesta materia com a Egreja Catholica.

«Ella mantém melhor do que nós a antiga santidade do laço conjugal, porque, quando não ha outro remedio, pronuncia a separação dos esposos, mas nunca lhes faculta novo consorcio.

«Como, nós outros protestantes, poderíamos, com algum direito, sustentar contra a Egreja a honra de só admittir as santas Escrituras como norma de nossa fé e moral, si, em materia de divorcio, ella é que observa a palavra de Jesus Christo e seus apostolos, e não nós ? » (1).

Agora consultemos ligeiramente alguns doutores das primeiras idades christans.

Origines, Tract. VII in Matthœum : «Assim como é adultera a mulher que se casa com outro, estando ainda vivo seu esposo, embora esta nova alliança pareça sancionada pelas leis do seculo, assim tambem o é o homem, quæ

---

(1) Courrier anglais du 4 Juin 1830 en Gaume t. 2, p. 435. Hist. de la famille.

esposa outra mulher, vivendo ainda sua primeira consorte, ainda que elle se julgue autorizado por estas mesmas leis. Cf. *Pelrus C. nisius Catech.* t. 3, pag. 284 e 285.

S. Agostinho : «. . A mulher, que foi unida pelo laço conjugal a seu esposo, si acontece ser despedida por causa de fornicação, não é libertada d'esse laço, ainda mesmo que nunca se reconcilie com seu marido; sel-o-ha só quando seu esposo morrer». *Ibidem*, 2, 86 (1).

E no mesmo lugar, capítulo IX : «Pela mesma razão o marido fica ligado enquanto sua esposa vive. A permanência d'este laço faz que nem um nem outro possa contrahir novo matrimônio sem que se torne culpado de adulterio.» *Pelrus C., tomo citado*.

S. Jeronymo no Elogio funebre de Fabiola, Epist. XXX, c. I, *ad oceanum* : «Jesus Christo proíbe ao marido deixar sua esposa, senão em caso de adulterio; e proíbe que se case a mulher repudiada. Estas palavras se dirigem tanto às mulheres como aos homens.» *Ibidem*.

Ao longo dos séculos a Providencia foi

---

(1) *Licite itaque dimittitur conjux ob causam fornicationis, sed nec carebit illo vinculo, etiam si nonquam reconcilietur viro; carebit autem, si mortuus fuerit vir ejus. De adulterinis conjugus* liv. 1º, c. VIII.

preparando pela voz de seus Prophetas, assim como por meio de um ou outro phariseu e da Synagoga, esta restricção aos abusos da interpretação do repudio tolerado por Moysés.

O propheta Malachias tinha declarado no capitulo II, versiculo XVI, que Deus odiava o divorcio : *odio habens demissionem*, conforme o hebraico, (*Cardeal Meignan, Les prophètes*, 1894, pag. 357.

Segundo o sentido indicado por S. Jeronymo, o mesmo Propheta allude em termos commoventes ás ingratidões do esposo que abandonava a esposa, e á dôr d'esta sacrificada por um capricho : Elles deixam, diz o Propheta, a esposa de sua mocidade, e esta só tem como consolação lagrimas, ante o altar do Senhor. Assim entende S. Jeronymo o versiculo 13, e 14 do capitulo II de Malachias. Terminando o versiculo 15 diz o Propheta : *El uxorem adolescentiæ luæ noli despicer*, — não queiras desprezar a esposa de tua mocidade.

Justo é, pois, ver na palavra do Propheta o indicio e como o annuncio da proibição absoluta do divorcio na era evangelica, na qual Christo restabeleceria o matrimonio na sua primeira unidade : *Meignan. Les Prophètes d'Israel et Le Messie 357 anno 1894.*

O Propheta Micheas exproba aos Judeus o terem expulsado suas mulheres das casas de suas delicias, e terem tirado os louvores de Deus.

da bocca de seus filhos. *Mulieres populi mei ejecisti de domo deliciarum suarum: a parvulis earum tulistis laudem meam in perpetuum.* (1)

«O altar chora, escreveu o tal mudista phariseu, por aquelle que repudia sua esposa.» (*Gittin*, 10 b.; *Sanhedrim*, 22 a) *Meignan* 1894, pag. 513, nota.

A mesma conclusão licito é inferir da doutrina da Synagoga. Ella não cessou de declarar que quem se aproveita da lei do divorcio e repudia sua esposa é homem odioso deante do Senhor. *Talmud, Trailé Gittin, para o sín.*

Por bocca d'um de seus doutores, orabbino Samuel-Japhé, ella ensinava que Deus unia os esposos, mas não queria que seu nome fosse associado ao divorcio, porque este se fazia contra sua vontade. (2)

Eis aqui o que sentia a Synagoga sobre o divorcio, segundo estabelece Drach no seu tratado *Du Divorce dans la Synagogue*, fundado nas tradições hebraicas mais antigas e mais autenticas : 1º que na origem o matrimônio foi instituído como aliança indissoluvel; 2º que Moysés,

---

(1) *Michœas* 2, 9 — D. Calmet. *Dictionnaire — art. Divor.*

(2) Rabbi Samuel-Japhé, fol. 92 *Talmud, Traité Gittin.*

cedendo ás necessidades do momento, tolerara temporariamente o repudio da esposa que cessou de achar graça deante de seu marido; 3º que Jehovah, o qual une por si mesmo os esposos, aborrece sua separação, e não quer que seu santo nome se associe ao divorcio; 4º aquelle que se aproveita da condescendencia involuntaria de Moysés torna-se odioso ao Senhor; enfim os doutores da antiga Synagoga faziam quanto podiam para impedir que os Judeus usassem do divorcio. (1)

Em virtude d'essas reclamações ficou por muitos seculos enfreada a procella que o divorcio ia desencadear sobre o povo de Deus. Mas do captiveiro de Babilonia data a decadencia dos costumes em a nação santa.

A razão facil é de alcançar.

Os habitos viciosos dos filhos de Assur, o mais corrupto e corruptor povo do Oriente, conforme o historiographo romano (2), actuararam no povo eleito, que não soube moderar-se

---

(1) Cf. Drach, *Du Divorce dans la Synagogue*, Rome 1840, p. 34 e seg. 40, 44—29 e 32—35 e seg., 39 e 40—29 e 30—51 e 67 — (D. Calmet, obra citada, Rohrb. *Hist.de l'Église*, t. 1, p. 404.)

(2) *Nihil urbis ejus corruptius, uer ad irritandas illicendasque immodicas voluptates instructius.* Q. Curt. liv. V, c. V.

durante o captiveiro. Muitos Judeus aprenderam a calcar publicamente, sob immundos pés, a santidade do matrimonio... Quando tornaram para Jerusalem, as Judias, tão indignamente repudiadas, acercavam-se do altar do Senhor, e o inundavam com lagrimas de seu desespero. (1)

Nem só por seus Prophetas e pela Synagoga preparava o Senhor a humanidade para o restabelecimento do matrimonio na sua primitiva indissolubilidade. Ainda que a `espaços, brilhava a luz divina por entre as trevas do paganismo o quanto bastasse para que seus legisladores percebessem e reconhecessem o caracter indissoluvel do contracto matrimonial.

Manou, auctor supposto do Manava — Dharma — Sastra, celebre codigo de leis, e um dos mais antigos que a sciencia conhece, diz : a mulher é companheira do homem na vida e na morte.

Forçoso é reconhecer que seria difficult characterisar de modo melhor que o velho legislador indiano a união conjugal.

Vem muito a propósito referir aqui uma das mais bellas sentenças do direito romano.

---

(2) Drach, obra citada. p. 67.

E' a definição do matrimonio, onde aparece esculpida com traços indeleveis a indissolubilidade do vinculo, ainda nos dias calamitosos em que o divorcio, aninhado no regaço da lei, carcomia, desabava e sepultava sob montões de ruinas a ordem social : «Communhão do mesmo direito divino e humano; união de toda a vida, estado que retém n'uma existencia indivisivel duas vidas. (1)

---

— — —  
(1) *Divini humanique juris communicatio, consortium omnis vitæ, individuam vitæ consuetudinem retinens Digestæ XXIII, Conf. L' Etat sans Dieu, Nicolas.* p. 48.

## CAPITULO V

### **Effeitos damnosos do divorcio**

---

**D**IvÓCIO nÃo é util nem aos esposos, nem aos filhos, nem á sociedade.

Tratemos d'esta doutrina menos por alto, oferecendo-a, com seus destruidores effeitos, como lastimavel contraposto do vinculo indissoluvel.

Sua primeira victima é a mulher .

O homem pôde sahir da vida conjugal com todas as suas proprias vantagens diante do mundo, mas a mulher, não.

Porquanto terá de menos a virgindade, que nunca mais lhe será dado rehaver. Eis, portanto, que o divorcio envolve uma clamorosa injustiça para com a mulher, á qual não é possivel sahir da sociedade conjugal em igualdade de resultados ou posição a respeito de seu marido, que lhe tirou a virgindade. De tudo quanto ella trouxe para a sociedade domestica

só poderá levar o dinheiro, caso se dissolva o casamento.

Além d'isso, não raro sahirá tambem sem a mocidade e fecundidade, e, portanto, fóra da possibilidade de fundar nova familia em lugar d'aquella que antes formou, e da qual se vê expulsa. E' o que inevitavelmente se realiza quando o divorcio não vem logo nos primeiros annos do casamento. (*Bonald*).

Passemos para portuguez as vehementes sentenças, com que o sabio e eloquente Santo Ambrosio exprobava a separação dos esposos : «Para onde despedis essa mulher carregada de filhos e grvida de novo ? Para onde ess'outra, vergada ao peso dos annos, encaminhará os passos vacillantes ? Crueldade commettereis si, conservando os filhos, expulsais a mãe ao mesmo tempo que com isto offendereis o amor conjugal, ultrajais a piedade materna. Crueldade de maior marca será si, por causa da mãe, expulsais os filhos tambem, sendo que esses filhos deveriam resgatar aos olhos do pae as faltas da mãe .

«A quantos danos lançaes essa joven es-  
posa, expondo sua fragilidade a correr perigos no meio de violentas tentações !

«Que impiedade praticais para com ess'ou-  
tra, a quem abandonaes na velhice, depois de a terdes despojado da virgindade na flôr dos annos ! ...

«Julgais isto permittido porque o não prohíbe a lei humana; mas, de assim procederdes vos prohíbe a lei divina... Escutae a lei d'Aquelle a quem obedecem os que fazem as leis: O homem não separe o que Deus uniu. (*Mattheus XIX*, 6).

«Mas não sómente violais o preceito divino, senão que também destruís a obra de Deus.

«Soffrereis que vossos filhos passem durante vossa vida para sob a dominação d'um padrasto? Ou que sejam maltratados por madrastas, vivendo ainda a mãe d'elles?

«Suponde que ella não se una a outro homem depois que a houverdes repudiado: como então é possível vos haja desagradado uma esposa que vos conserva fidelidade, ainda quando de vossa parte lh'a não guardais? Suponde que ella se una a outro homem viverá (talvez) por culpa vossa no adulterio.

«Que importa o dissimulardes essa união com o especioso nome de casamento, se em ambos os casos sois culpado? O fazer do crime lei não será crime maior ainda que commettel-o simplesmente?» (1)

---

(1) Canisius, Catéch. t. 3, p. 284.

O esposo também carrega com os inconvenientes do divórcio.

«Si deixam ás mulheres casadas a liberdade de fazerem á sua vontade nova escolha, diz Necker (protestante), logo seus olhos errarão sobre todos os homens, e só o privilegio do perjurio as distinguirá das actrizes, que tem o direito das preferencias e o gosto das mudanças.» (1)

O homem fará o mesmo.

Um notável exemplo traz o Nial-Saga. Um dos homens da alta terra chega com sua esposa a um festim nupcial. O acaso coloca o marido perto de uma jovem de rara beleza; seus olhos não a deixam. Como a esposa zombasse do seu proceder, elle disse: «Esta mulher me é insuportável; eu a repudio e tomo por esposa essa moça.» Assim o executou. *Legouvé, pag. 219, Histoire morale des femmes.*

Padecem, pois, ambos os esposos, e mais ás claras o demonstramos com a seguinte consideração:

A intima união dos casados, a communhão sincera e franca de mutuos afectos, eis o que forma a felicidade conjugal.

---

(1) Bonald, Obras, p. 230.

Ora, permittido o divorcio, o presentimento de que de um dia para outro poderão ser separados vem apoderar-se dos animos dos conjuges, e basta isso para lhes varrer dos labios o sorriso, alterar, enfraquecer e apagar nos seios da alma a ternura e confiança que mutuamente devem a si os esposos.

Segue-se, logo, a isto que o interesse muito dos esposos, o soccorro reciproco durante a vida e na morte, é destruido. Qual o recurso para a enfermidade e velhice?

O matrimonio degenera em união illegitima e momentanea dos dois sexos, os quaes nenhuma confiança, apego solido e segurança futura podem ter.

Mas o divorcio põe tambem em graves perigos os interesses dos filhos, que pelo contrato matrimonial tem, diante de Deus e dos homens, direitos tão sagrados como aquelles que os geraram. Elles tem necessidade de viver com seus paes e mães num commercio matuo de ternura e beneficios. Ora, no caso vertente, é impossivel que tal ternura reciproca possa subsistir. Os filhos serão animados á falta de veneração e amor para com seus paesinimigos. O divorcio será para uns e outros fonte perenne de odios e dissidencias, destruindo assim a união dos membros da sociedade, um dos bens almejados pelo consorcio e um dos seus fructos.

A mãe, incerta se ha de ficar muito tempo com seus filhos, não pôde ter para com elles ternura tal, qual é necessaria para supportar as penas da educação d'elles; elles mesmos viverão em continuo temor de passar, quando menos o esperem, para sob a dominação d'uma estranha á sua geração, e por isso incapaz do amor a que aspiram e tem direito.

D'estes males vem resentir-se a sociedade publica, as nações.

A familia é o crystal da sociedade, poeticamente o disse Lamartine. Si esse crystal fôr puro, sel o-ha tambem o Estado, conjunto de familias. Si fôr sarabulhoso, desigual e selvagem serão o Estado. Digamos chanmente: a familia, como o crystal transparente, reproduz a feição boa ou má da sociedade humana de que ella é parte constitutiva.

Ora, como o divorcio destróe a familia, cellula da sociedade, abalando a mutua confiança dos esposos, germinando odios implacaveis e extinguindo nos filhos o amor e a veneração, conclue-se que pelo mesmo caminho corrompe a sociedade, em cujo seio propaga estes máosprincípios.

« Os seculos secundos em crimes, já o disse um poeta pagão, Horacio, a principio corromperam o matrimonio, a geração e a família: é d'esta fonte que a ruina derramou-se sobre a patria e sobre o povo.

*Fæcunda culpa sæcula nuplias  
Primum iquinavere, et genus, et domos.  
Hoc fonte derivata clades  
In patriam populumque fluxit.*

Horal. Ode VI, Lib. III.

Onde reina o divorcio a população diminue em vez de augmentar.

O abandono, em que o divorcio deixa os filhos, causa damnoá sua conservação. e isto ainda quando um segundo matrimonio não puzesse a tratos sua vida .

E' isto o que nos diz o passado, e os dias que correm o confirmam .

E' um facto incontestavel o lastimoso estrago da população pelo divorcio, que por este motivo deve ser tido como calamidade nacional.

Em Roma a tal ponto chegaram as devassidões, que os poucos que ainda consentiam tomar sobre si o jugo matrimonial, não queriam mais ter filhos. Juvenal, em versos que até nós chegaram, satyriza as infamias de medicamentos para tornar estereis as esposas, os infanticidios commettidos nos seios das mães, e tantos outros horrores, que a penna recusa escrever (1).

---

(1) *Sed jacet aurato vix nulla puerpera lecto :*

*Tantum artes hujus, tantum medicamina possunt  
Quæ steriles facit, atque homines in ventre necando  
Conducit ! Gaude, infelix, atque ipse bibendum  
Porridge, quidquid erit : etc.*

*Juvenal Sat. VI, 595 etc.*

Era costume dos Romanos, diz outra testemunha, fazer cessar o augmento dos filhos; ou, uma vez que tinham um filho, repudiarem as esposas para não nascerem mais filhos. Si lhes parecia incommodo crear muitos filhos, nenhum remordimento sentiam em expôr os recem-nascidos, ou, por meio de poções venenosas ministradas á esposa, matar o feto antes que viesse á luz (1).

Augusto julgou remediar o mal fazendo publicar em 172 da fundação de Roma a lei Papia Poppéa, pela qual se impunham penas aos celibatarios (já prohibidos pela lei Julia) e aos esposos infecundos, assim como se davam premios aos paes que creassem tres até quatro filhos.

Ahi estão tambem para comprovar as estatisticas dos paizes onde é lei o divorcio. No primeiro anno do divorcio, na França (1884) estabelecido pela lei Naquet, o numero de nascimentos foide 937.758, mas dez annos depois

---

(1) Solebant Romani liberorum finire ; vel, uno suscepto filio, repudiabant uxorem, ne plures nascerentur. Si ob rem domi augustam incommodum videretur plures tollere, vel recens natos exponere, vel antequam nascerentur, ipsum fetum, propinata uxori potione, nefarie elidere, nulla religio erat. Heinecc ad Leg. Jul. lib. I, c. II, p. 55— Plin, lib. IV, ep. 15.

em 1894, foi apenas de 855.388. Na mesma França houve em 1894 menos 19.284 nascimentos do que em 1893 (1).

Em 12 annos, de 1881 a 1893, o numero dos nascimentos diminuiu na França cincoenta mil unidades, conforme o recente trabalho de Bonjean . . .

Um celebre articulista, examinando na *Réforme Sociale* a causa da baixa de nascimentos na França, diz que esta é a destruição progressiva dos costumes familiares e das crenças religiosas, consequencia dos falsos princípios propagados desde o fim do seculo passado (2).

Onde existe o divorcio os costumes tornam-se mais barbaros, a parte inocente torna-se no geral vítima de opprobriosas vexações e traz a fronte assignalada pelo ferrete da escravidão, os filhos são mortos, expostos, abandonados ou creados para fins abominaveis.

Ide a Pekin, ao Cairo, a Constantinopla, e vereis, exclama o Padre Felix, a mulher acorrentada sem defesa e nem piedade pelos grilhões

---

(1) Consulte-se *Revue du Monde Catholique*, Mars 1895, p» 359.

(2) E' o que diz o Dr. Lagneau numa comunicação feita á Academia de Medicina na França.

do mais aviltante despotismo, o despotismo do capricho (1).

«A mulher no Oriente, disse Blanqui, testemunha presencial e nada suspeita, baqueou da altura em que o creador a collocou ao lado do homem no mercado tornou-se mercadoria; no serralho vale menos que uma meretriz; não tem logar nas categorias sociaes, nem de si mesma é senhora. Tão pouco à consultaín para casarem-na como para a venderem.

Não ha nada comparavel ao desprezivel zero dessas mulheres, á abjecção material e moral onde vegetam». A Turquia na Europa, p. 70, (1843).

Vêde a França. Ali em 1892 foram soccorridas 78.934 crianças abandonadas ou encontradas sem abrigo nas ruas, além de 14.960 orphãos recolhidos em Asylos publicos ou hospicios. (2).

---

(1) 1860, p. 173 — Conf.

(2) Revue du Monde C., logar citado.

## CAPITULO VI

### (Continuação)

---

© DIVORCIO, ousam escrever, impede a corrupção dos costumes, faz que se diminuam os casamentos infelizes, e que as esposas sejam mais precatadas.

Será isto verdade?

Certamente não. A historia demonstra o contrario.

Neste caso, quando a esposa se julga infeliz na união contrahida, o desejo de vêr-se repudiada incita as paixões, afrouxa ainda mais o amor e provoca o adulterio, como meio de vêr-se livre da companhia do verdadeiro esposo. Este lhe paga na mesma moeda, e despede a consorte como quem se descalça d'um sapato que lhe magôa o pé, segundo dizia Paulo Emilio.

Dionysio de Halicarnasso affirma que quando as leis romanas prohibiam o divorcio, reinava entre os esposos amizade constante produzida pela união inseparável dos interesses.

Mas foi assim quando foi permittido o divorcio?

Não... Já vimos que tão forte aversão tinham contra a vida de casado que foi necessário que Augusto, em cujo reinado a civilisação romana tocou o apice, tornasse o casamento por lei obrigatorio. «A datar do tempo em que os divorcios estavam em voga entre os Romanos, os matrimonios eram raros, a tal ponto que, repara Hume em seus ensaios, Augusto se viu obrigado a forçar os cidadãos a se casarem».

Já no seculo passado a experientia demonstrava na Inglaterra que o divorcio por causa do adulterio provocava este crime... «Um bispo desse paiz representou ao Parlamento que a facilidade de obter o divorcio, multiplicou os adulterios nesse reino, e os principaes pares foram do mesmo parecer». (*Courrier de L'Europe*, 1779 ns. 27 e 28, citado por Bergier, Diction., pal. *Mariage*).

Ainda mais. Affirmou o bispo de Rochester que, sobre dez casos de divorcio por motivo de adulterio, havia nove em que o seductor combinava antes com o marido para lhe fornecer provas da infidelidade de sua esposa.

Razão teve Saint-Arnould de gravar no divorcio, sem disfarces de linguagem, o ferrete da prostituição, quando disse «que estabelecel-o era instituir o sacramento do adulterio».

Não menos energicos em verberar o divor-

cio foram alguns dos oradores das Assembléas revolucionarias francezas. «Vós quereis matrimônios, dizia Simeão, e tiraes da alma este pudor, que os distingue das uniões passageiras, fazeis do consorcio verdadeira prostituição». Glasson, obra cit. p. 262.

Vem a propósito o recente trabalho de Bonjean, segundo o qual o numero de casamentos diminuidos na França cada anno é de 13.876 unidades.

Já se vê, pois, a torrente de males, que nasce do divorcio, alastrar-se pela sociedade e rasga-lhe sob os pés um abysmo que não tardará tragal-a.

Cresce o numero de filhos illegitimos, considerados tales pela lei civil, ao passo que diminuem os nascimentos, como ficou demonstrado. No total dos 855.388 nascimentos que houve na França em 1894, contaram-se 76.451 filhos illegitimos, conforme Bonjean.

Augmenta-se pela mesma razão a mancância conforme a entende o governo civil, isto é, as uniões não legalizadas.

Assim em 1893, só em Pariz, os asylos hospitalares recolheram 7.006 gravidas, sendo casadas sómente 3.931. E' o que affirma o Dr. Lagneau.

Nunca houve tão grande corrupção em Roma, como quando havia o divorcio. Basta ler seus escriptores para nos convencermos de

quão detestaveis eram os costumes de maridos e esposas. «Que mulher, bradava Seneca, já se envergonha do divorcio, depois que certas damas illustres e de nobre linhagem não datam mais seus annos pelo numero dos consules, mas pelos de seus maridos ?

«Ellas deixam um esposo para tomarem outro, casam para divorciar. Temia-se ella de ser manchada por esta infamia em quanto foi pouco commun agora que todos os regis-tros publicos estão cheios de actos de divorcio, ficou-se acostumado a fazer o que se ouvia tantas vezes repetir.

«Existe hoje a menor vergonha do adulterio depois de se ter chegado ao ponto de uma mu-lher unir-se a um homem só para irritar paixões em outro ?.

«A vergonha destes crimes desaparceu desde que se multiplicaram (1)».

Juvenal, o satyrico poeta, ridicularisava

---

(1) Numquid jam ulla repudio erubescit, postquam illustres quædam ac nobilis fœminæ, non consulum numero sed maritorum annos suos computant ; et ex eunt mutrimoniī causa, nubunt repudii ? Tamdiu istud timebatur, quamdiu rarum erat ; quia vero nulla sine divorcio acta sunt, quod saepe audiebant, facere didicerunt.

Numquid jam ullus adulterii pudor est, postquam eo ventum est, ut nulla virum habent, nisi ut adulterium irri-tet ?.... Horum delictorum jam evanuit pudor, postquam res latius evagata est. Senec. de Benef. lib. 3, e. XV, XVI.

em linguagem picante as mulheres romanas de muitas nupcias, e affirmava, ainda mais do que Seneca, que ellas contavam cinco maridos por outono.

A cidade eterna, diz Constant, transmudou-se em vasto prostibulo legal.

Tão universal era a bruteza em que andavam afogados os Romanos, que não foi possível achar entre seus habitantes seis virgens de 6 a 12 annos (1). E comtudo era uma cidade que valia um reino pelo numero de seus seis milhões de habitantes.

Affirma-o Tacito, profundo conhecedor da romana sociedade e seu grave historiador.

Não concorda com Tacito o seu habil commentador Brottier, o qual averba de enormes e absurdos estes calculos da população romana *enormes et absurdas computationes*. Elle calcula a população em um milhão e duzentos mil habitantes. *Nolæ et Emend. in Tacit.*, t. 2, p. 375.

Ao mesmo resultado chegou Gibbon na *History of the decline and fall, etc, Tom. 1*, obras de De Maistre, t. I, p. 503.

Adoptemos, si nos parecer, este calculo. Ainda assim a corrupção era immensa.

---

(1) Heinne ad Leg. Pag. lib. 1, c. 1, p. 31 — Conditque lustrum quo censa sunt civium LXIX centena et XLIV millia. (Tacit. Annal. lib. 11, c. XXV.) Gaume t. 1, pag 167.

Este abysmo de ignominia provocou amargas zombarias de Proudhon.

Com a religião nupcial foi-se o pudor, disse elle, e os mesmos homens, as mesmas mulheres, que espantavam o mundo com a sua pudicicia, agora o horrorisam com sua luxuria. *Proud. de la Justice dans la revol. et dans l'Église*, X 19 — Mon-sabré 87<sup>a</sup> Conf. t. 5.

A vida de Catão, a vida de Augusto, este reformador de costumes, aquelle considerado o mais grave dos romanos, apresentam revoltantes exemplos de desenfreada devassidão. Por Plutarco, Tacito e Dion, sabemos que o severo Catão, que nas mãos trazia vara de censor para corrigir máos costumes, cedera a Hortencio sua esposa Marcia e que Tiberio Nero cedera a Augusto sua esposa Livia embora grávida (1).

Este costume, affirma Strabão, era vulgar: *quæ consueludo vulgaris fuit.* (Geogr. lib. XIII) M.

Augusto legalisou o proprio concubinato. sendo plenamente justificada a exprobação de Clemente de Alexandria alludindo a leis tão

---

(1) Ex Plutarc, in Caton. ex Tacito, Annal Lib. V, c. 1º; ex Dione, lib. XLVIII, p. 384 habemus: Catonem Marciam præsentem despondidisse Hortencio; Augusto vero Tiberium Neronem Liviam uxorem. etiam prægnantem, cessisse. Gaume. 1, p. 110, NOTA.

immoraes. Agora diffundi-se pelas cidades e tem foros de lei tudo quanto ha de impudico e libidinoso... Leis sabias permittem estas abominações.» (2).

Quem ignora a vergonhosa historia das infamias de Faustina, esposa de Marco Aurelio, o Imperador philosopho? Elle, bem longe de reprehender-lhe seus adulterios, erguia ás honras aquelles com quem ella os commettia, e que a voz publica lhe designava até nos theatros (*Jul. Cap. I. n. 17*); em vida lhe conferiu titulo de Mãe dos Exercitos e o sobrenome de Pudor—*Jul. Cap. 19 e 1. n. 26*—); depois de morta, faz della uma deusa, levantou-lhe um templo, estabeleceu em sua honra uma comunidade de moças chamadas Faustiniannas e obrigou os recem-casados a lhe offerecer sacrificio, como á sua divindade tutelar. E' o que dizem Julio Cap. e Dion Cassio.—*Julio Cap. n. 26 e Dion, c. 71, n. 31.*

Pelo que pertence a Athenas, durante o periodo de sua esplendida grandeza, escutemos o que disse na *Revue des Revues* Jean Finot.

O poder do marido era absoluto: embriagar se, dissipar a fortuna em luxuria e jogos,

---

(2) At nunc quidquid est impudicum, et libidinosum, diffusum est in civitatibus, et jam pro lege habetur...  
Hæc sapientes leges permittunt. Pedag. Lib. III, c. 3.

manter concubinas, tudo lhe era permittido. A mulher só tinha o direito de procrear.

Pericles, o divino cidadão, o discípulo ilustre do illustre Anaxagoras, o homem, cujo reinado Tucydides nos apresenta como sendo a «nobreza governando», não hesitou em dar sua mulher a outro e ein tomar Aspasia de quem se enamorara.

Demosthenes, no seu discurso em defesa de Phormion, falla de um banqueiro que cedera sua mulher a um liberto, e de outro que deixara a esposa em testamento a um seu antigo escravo.

O mesmo Demosthenes refere o caso d'um marido, chamado Protomaco, o qual, tendo de se casar com uma «rica herdeira», aconselhou e persuadiu a Thucritos, seu amigo, recebesse como esposa a mulher que elle acabava de repudiar.

Por demais vergonhosa foi a vida de Phano, repudiada e expulsa da casa de Phrastor, cedida «por sentença arbitral» ao rico Epoenates, habitante de Andros, desposada depois por Theogenes, que, como primeiro magistrado de Athenas, não só julgava os crimes de impiedade e homicidio, mas tambem exercia as mais elevadas funcções religiosas, e, após ser abandonada pelo archonte-rei, em virtude das reclamações do areopago, ainda encontrou quem a tomasse como esposa legitima,

Ahi fica a tão elogiada civilisação moral da ideal Athenas, antes da vinda do Redemptor divino.

Abominações de vergonhosa devassidão, pôde se, sem temor de erro afirmar, acompanharão o divorcio por toda a parte onde se introduzir.

Allegam os apologistas do divorcio que nos primeiros annos da execução da lei haverá, sem duvida, muitos divorciados por causa das uniões infelizes anteriores, mas que, passado algum tempo, o numero ir-se-ha reduzindo e isto em virtude da lei. Engano completo...

Na França os divorcios vão se augmentando anno por anno, sem intermittencia, de modo que no anno de 1884 houve menos que nos seguintes de 1.657, que foram em 1884, subiram as unidades até attingirem a 6,419 em 1894. O augmento tem sido de 700 unidades mais ou menos de um anno para outro. Cf. J. C.— 1º de Março de 1896.

---

## CAPITULO VII

### **Resolvem-se objecções**

---

**F**as o divorcio será concedido, dirão, só em certos casos especiaes, sobre cuja gravidade a lei terá fixos os olhos.

Baldado empenho!

Admitta se uma causa só para o divorcio completo, seja v. g. o adulterio, e logo não será possivel conter a torrente tempestuosa de outras innumerias causas, que disputarão reconhecimento das leis.

A esterilidade, incompatibilidade de genios, enfermidade habitual de um dos conjuges, ausencia demorada do lar domestico, etc., hão se de figurar causas tão graves como a infidelidade. E dahi será franqueado o passo a verdadeiros pretextos acobertados com razões calumniosas.

E não se diga que por demais exageramos.  
Vêde o que diz a historia.

Nas leis de Manou, onde já admiramos a

bella definição do matrimónio, vem com tudo determinado que «uma esposa esteril pôde ser repudiada no oitavo anno; aquella que dá á luz sómente crianças do sexo feminino no undecimo (1)...»

A mulher de Sempronio, por ter ido assistir a jogos publicos sem permissão delle, é repudiada; a de Antistio fallou em voz baixa a uma liberta mal afamada, tem a mesma sorte: Sulpicio encontrou pela rua sua consorte sem véo, o mesmo: Pompeu, que foi chamado o mais casto dos Romanos, repudia sua mulher Antistia e celebra aliança adultera com Emilia, filha de Sylla, casada com Galbrion, embora estivesse em gravidez adiantada, e isto só para conciliar a amizade de Sylla. *Plular. Vie de Pompéu.*

Celebrava Sylla uma festa em honra de Hercules quando lhe trazem a noticia de que Metella, sua esposa, gravemente enfermára; elle a repudia logo e manda transportal-a para outra casa só para não aguar com idéas de tristeza os regosijos e ceremonias da festa. Idem, *Vie de Sylla.*

Cicero, o grande orador, o austero consul, repudia Terencia para poder pagar seus credo-

---

(1) *Lois de Manou*, liv. 9, V. 81 Legouvé, p. 15.

res com o dote da nova mulher, Publia. Depois que assim a despojou de tudo, a repudia sob pretexto de que ella se tinha regosijado com a morte de Tullia, filha do primeiro matrimônio.— Plutarc. *Vie de Cic.* 831.

As mesmas leis obrigavam ao divorcio quando havia esterilidade. E' assim que Carvilio Ruga é obrigado a repudiar sua esposa, apesar de muito amala, assim de que, contraindo novo casamento, pudessem dar cidadãos á Republica. (1)

Estes, emsim, divorciavam-se porque os annos haviam desbaratado os encantos da esposa, aquelles porque elles tinham cessado de lhes ser agradaveis.

Taeshorrores, que apontamos ao leitor sizado, descreve com mordaz espirito Juvenal na Satira VI, 142, etc. «Porque Sertorio está tão enlevado de amor para com Bibula? Tomae tento, não é uma esposa, é um rosto que elle ama. Sulquem sua fronte algumas rugas, desbote se-lhe o rosado das faces, percam os dentes seu esmalte, siquem seus olhos pequenos e fundos, um liberto lhe intimará a sahida: «Entrouxa a tua roupa, dirá elle, vai-te embora, e

---

(1) Primus autem Sp. Carvilius uxorem sterilitatis causa dimisit.... Val. Max. Dicta factaque memorabilia, II, c. I— Dion. Halicar. t. 2. Aul. Gel., Nuits Attiques, IV, 3, § 2; XVII, 21, § 44.

depressa, outra virá que tenha o nariz menos humido que o teu». (1)

Estes pretextos nunca faltarão onde exista o divorcio, produzindo assim uma licenciosidade sem limites, que transforma a sociedade em pantano de indignas torpezas. «Lê-se na *Synopse des Critiques*, diz Rastignac, que Naa-man mandou publicar por um arauto: Que mulher terei cada dia, ou durante minha residencia aqui? » Cf. *Bonald*, 200.

O rabbino Akiba, que chegou a ter oitenta mil discípulos, ensinou que o marido podia repudiar sua mulher, unicamente porque achava outra mais bela, ou até sem pretexto algum. *Ibidem*.

Hillel, chefe d'uma escola de phariseus, não ensinava que o marido podia repudiar a esposa pelo único motivo de lhe não preparar bem a comida, ou simplesmente por ter encontrado outra mulher mais do seu gosto? (2)

Bucer, o famoso protestante, numera como causa legítima para o divorcio o descontentamento, por ligeiro que seja.

---

(1) Cur desiderio Bibulæ Sertorius ardet?  
Si verum excutias, facies, non uxor, amatur..  
Tres rugæ subeant, et si cutis arida laxet,  
Fiant obscuri dentes, oculique minores:  
Collige sarcinulas, dicet libertus, exi  
Ocius, propera, sicco venit altera naso.

(2) D. Calmet, *Dictionnaire de la Bible*, art. Divorce.

Ao Senado d'Albany (Estado de New-York) foi apresentado um bill que autorisava a mulher a requerer o divorcio contra seu marido todas as vezes que este, por seu proceder, tendesse a privar-a da companhia de seus parentes, ou «de seus amigos». (1)

Nosso Senhor Jesus-Christo reprende a mulher Samaritana por ter tido até cinco maridos: *quinque enim viros habuistis* (S. João c. 4).

Nun seculo como o nosso, onde imperam o racionalismo e o materialismo, não é de maravilhar que alleguem a favor do divorcio as leis humanas que o permitem.

« Não me allegueis as leis feitas pelos homens, dizia já em seu tempo o immortal Chrysostomo. Não são estas as leis que nos hão de julgar, mas as que Deus fez. — *Ne mihi leges ab exleris condilas legas præcipientes dari libellum repudii, et divelli. Neque enim juxta illas judicaturus es tibi Deus, in die illa, sed secundum eas quas ipse statuit.* (Hom. II. *De Malum.*)

Mas como ! poderiam por ventura dizer-nos. Ficarem sempre desgraçados esposos malavindos, sem lhes ser dado o gratissimo allivio de receber d'outro peito amigo a felicidade que lhe não soube dar o primeiro seio ?

Passemos em silencio a observação de que

---

(1) Glasson, pag. 457.

nos contratempos sofridos é que se conhece e avigora inquebrantável a amizade, e que o passado sempre nos prende os olhos cheios de saudades do que foi, para só observarmos que é erro grosseiro pensar que as paixões se acalmanam com as satisfações que lhes damos.

Henrique VIII, reflexiona Legrand, depois de repudiar sua primeira mulher, esposou sucessivamente outras cinco. E não vão muitos annos ainda que Frederico Guilherme II repudiou Isabel de Brunswick, esposou a princeza de Hesse, a condessa d'Enhoff, sempre com aprovação dos doutores calvinistas.

A indissolubilidade, respondemos, é uma lei de interesse superior, pois á perfeição do individuo acrescenta a da familia e da sociedade. Ora, o bem geral deve ser preferido ao particular. Os casados que se julgam infelizes; não têm, pois, o direito de privar a sociedade do lucro que lhe advém da manutenção da sua união.

Quando a patria periga, os cidadãos vêm aos milhares e a todo o galope para resistir á invasão do inimigo, com elle cruzam armas barateando a vida no campo de batalha em obsequio á patria, a quem sacrificam o maior dos bens. Casados infelizes devem sacrificar-se abnegadamente por amor da patria, da humanidade, de Deus.

A indissolubilidade não deve, portanto,

desapparecer por causa de alguns casos de esposos infelizes. O remedio contra taes desgraças está no proprio casamento: é recebel-o com disposições christãs, tratá-lo como couça santa, guiando-se pelas leis de Christo.

Ao revez, a sociedade se chafurdará nos pantanos da desbriada prostituição.

Senão, vejamos.

Um russo, o Sr. Tverskoi, tomou sobre si o trabalho de coordenar os documentos relativos ao divorcio nos Estados Unidos.

Deixando de lado os dados estatisticos com que argumenta, registremos as conclusões a que chega o escriptor: «O numero de divorcios no Estado de Massachusetts fez mais que duplicar no espaço de cinco annos», diz elle. «Os casamentos têm baixado, os divorcios aumentado, ao passo que a cifra dos nascimentos diminuiu». «O Estado de Ohio apresentou o triste exemplo de, no espaço de 10 annos, de 1885 a 1895, apresentar um excedente de onze mil divorcios e uma diminuição de oitenta e quatro mil casamentos.»

Formou-se uma sociedade para combater e impedir o divorcio nos Estados Unidos. Mas a desmoralização Norte Americana em pontos de divorcio baixou a tal depressão, que a sociedade contra o divorcio (*National Divorce Reform League*) foi como ferida de morte, apenas se conheceram seus intentos. A Liga viu-se

na necessidade de mudar seus planos e reduziu os esforços a fazer que o povo entre na comprehensão dos benefícios da familia e os aprecie como merecem. Membros do clero, advogados, medicos, jornalistas, se uniram para valente propaganda em favor do casamento.

Tem sido muito proveitosos seus trabalhos?

Basta notar-se que a mulher divorciada, a qual, alguns annos ha, era tida como depravada, hoje não causa má impressão em ninguem. Descobre-se-lhe até mais attractivo que nas moças, e certamente encontrará outro marido desde que não se recuse casar novamente.

A opinião publica adoptou este novo estado de cousas e tudo leva a crer que o casamento continuará a diminuir-se em numero, ao passo que o divorcio tende a augmentar-se com rapidez.

A divisa ou letra adoptada pela sociedade da Mulher Nova (New-Woman) na America é: de casamentos o menor numero possivel, de divorcios o maximo que seja possivel se obter.

Mas então, perguntar-nos-hão, a Mulher Nova tende a dispensar a sociedade do homem, recusa procrear?

Não, só evita fundar familia, mas proclama cynicamente o amor livre.

Sua religião, seus dogmas, resumem se no capricho da paixão, que não sofre o dever,

mas busca na mudança de afseição a saciedade impossivel do prazer carnal. « A harmonia do mundo social será realizada, impudentemente o disse uma apologeta do amor livre, quando a sociedade agasalhar em seu seio, com as mesmas honras, a mulher casta e a mulher livre», isto é, a cantoneira ou mulher publica.

Eis ahi até onde nos conduzem as aspirações de tudo civilisar ou secularisar.

A ultima conquista será um estado inferior ao do bruto animal.

Grande razão teve, pois, Legouvé para escrever no seu capítulo sobre o divorcio as seguintes palavras: «A indissolubilidade me parece o selo supremo da instituição matrimonial; é em verdade o dedo de Deus impresso na união humana; é a grande idéa do imutável introduzida nesta vida onde tudo muda; é a esperança do infinito deposita nos corações em que tudo se extingue, e podemos desafiar poetas e philosophos para nos apresentarem um typo perfeito do matrimónio fazendo entrar nelle a palavra divorcio.

«Sublime como principio eterno, a theoria da indissolubilidade representou um grande papel no mundo, como instituição temporal e instrumento social; ella salvou, nas mãos da Egreja, o matrimónio e a mulher». *Histoire morale des femmes*, p. 18 e 219.

E' nobre confissão de quem propugna pelo divocio em seus escriptos .

Terminamos esta exposição com as palavras do chefe da Egreja, o qual mostra a seus filhos os males que nascem do divocio : «Perdendo o laço conjugal sua immutabilidade, diz Leão XIII, desapparecem a benevolencia e affeição entre os esposos; accrescentam-se perniciosos exemplos para a infidelidade; a protecção e educação dos filhos são prejudicadas; dá-se occasião para se desfazarem as sociedades domesticas; scimeiam-se gerinens de discordia nas familias; é diminuida e deprimida a dignidade das mulheres, as quaes ficam expostas á serem abandonadas depois de terem servido de instrumento ás paixões do home. E porque nada perde tanto as familias, e destróe os reinos mais poderosos como a corrupção dos costumes, facilmente se vê que o divocio, o qual tem origem nos costumes depravados dos povos, é o mais temível inimigo das familias e dos Estados, e abre a porta, como a experien- cia o attesta, aos habitos mais viciosos na vida privada e publica». *E. cycl. Arcanum divince sapientiae.*

## CAPITULO VIII

### **Os Papas e o casamento**

---

**O**s casados infelizes são em geral a causa do seu proprio insfortunio, porque profanam o sacramento e levam para o leito nupcial, não almas puras e amantes, mas corações já estragados e incapazes de verdadeira amizade.

Sobre isso ajuntemos que a Egreja, permittindo em certos casos a separação, deixa aos esposos a esperança de conciliação, e para este effeito emprega os esforços que pôde, mas o Estado, que estabelece a lei do divorcio absoluto, decreta dc vez a inimizade dos esposos, impossibilitada violentamente qualquer esperança de reconciliação que possa nascer no fundo dos corações dos esposos.

A philosophia levanta o divorcio entre os esposos a modo de muro divisorio, que lhes impede a reconciliação; a Egreja, mantendo o vinculo indissolivel como vivo protesto de reacção contra as fraquezas da humanidade,

lança a separação entre os casados malavindos á maneira de véo officioso, que alongue dos olhos defeitos que muito avultam de perto, até quese lhes offereça a boa fortuna de tornarem á vida de commun e intima união.

Pensam os adversarios da indissolubilidade que o divorcio absoluto é um progresso da civilisação alcançado contra a vontade da Egreja, á qual não cessam de chamar tyranna e retrograda.

Pois em grande erro laboram.

Também entre os Zelandeses é permittido ao marido despedir a esposa com quem não vive satisfeito, e depois livre lhes é contrahir nova união. (1)

Na Oceania, antes da pregação do Evangelho, os naturaes olhavam o matrimônio como contracto temporario e revogavel á vontade de qualquer das partes. Logo que um dos dous esposos se enojava, ou tinha outras vistas, retirava-se sem formalidade alguma, e contrahia 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>.. 10<sup>a</sup> alliança. (2)

Os negros de Gambia tambem tem o divórcio. O marido gosa o direito de mandar embora as mulheres que cessam de lhe dar

---

(1) Ann. da Prop. da fé n. 86, p. 24—etc.

(2) Ibidem, n. 56, p. 185.

gosto, e estas são perfeitamente livres de se casarem de novo. (1)

Costeae terras marginaes da Africa, internae-vos para o centro, alongae-vos até sua parte meridional, ide por entre os habitantes da Caffraria e Hottentocia, e vereis, como viram seus viajantes e escriptores, o divorcio avorado em lei, com cynica impudencia..., sem que para a mulher baseje a mais leve viração de liberdade.

Onde penetra a luz do Evangelho, onde a Egreja de Deus estabelece os principios do Christianismo, muda-se a atmosphera social, brilha logo com viva luz a grandeza da esposa, de cuja fronte a Egreja apaga o ignominioso sinal da escravidão, a indissolubilidade apparece, salvaguardando os direitos dos esposos e filhos e salvando a sociedade.

A Egreja não cede, e é sua honra.

Proceder d'outro modo é desandar para o estado selvagem.

Vêde Diderot. Proclama abuso o matrimônio perpetuo, mas não hesita tão pouco em dizer que o pudor e vestuario são invenções...

E' abominavel tal indecencia no escriptor francez ?

---

(1) Des Marchais, Voyage en Guinée, t. 1, p. 139 Gau.) 276).

Pois, estae certos que foi seguido por outros philosophantes que lhe perfilharam o dizer.

Si tão funesto é o conjunto de hediondos vicios gerados pelo divorcio, si a lei deve ser julgada pelas vantagens communs que produz, o bom senso está aconselhando aos estadistas a não sacrificarem a autoridade da lei divina ao sopro contagioso do phrenesi revolucionario, mas a refrear as paixões delirantes da carne, mantendo indissoluvel o casamento.

« A inviolabilidade do casamento, tão firmemente proclamada e por tão alto preço comprada pela inflexivel coragem da Egreja e dos seus Supremos Pontifices, rehabilitou a mulher, transformou os costumes e preparou a renascença da civilisação, diz Sauzet. (1)

Desde João Baptista, o precursor do Senhor, que, preparando-lhe os caminhos, devia ser por sua vida o typo personificado da Igreja que Jesus vinha fundar, até o Pontifice hoje reinante, os Papas vivem na historia como guardas vigilantes e defensores intrepidos da familia e de seus sacrosantes direitos.

São João affronta as iras de Herodiades e resignado sofrerá que lhe corteem a cabeça,

---

(1) Roma perante a Europa, pag. 202 e 203.

mas não auctorizará com seu silencio o crime. A Egreja verá innutilisados seus membros, mas não cederá um ponto sequer do deposito sagrado da familia, que lhe foi confiado.

— Fabiola, descendente dos Fabios, illustre por seus avós e riqueza, separou-se de seu marido, cujo proceder dissoluto tornava desgraçada a esposa e envergonhava Roma. Moça e rica, facilmente foi contrahir logo novo matrimonio, quando ainda vivia seu primeiro esposo. O laço conjugal é violado, mas a Egreja ahi esta para protestar contra o escandalo da poderosa dama, a cujas faces a indecorosa acção não fizera affluir rosas de pudor.

«Uma é a lei de Jesus Christo, exclama S. Jeronymo, outra a lei dos Cesares, uma é a linguagem de Paulo, outra a de Papiniano. O paganismo solta redeas ás paixões do marido; entre nós, o que é vedado ás mulheres o é também aos homens a condição é a mesma, o jugo igual (1). Na vigilia da Paschoa, continua o santo, quando Roma torna-se a cidade de todos, viu-se na porta da basilica de Latrão, ca-

---

(1) *Aliæ sunt leges Cœsarum, aliae Christi : aliud Papinianus, aliud Paulus noster prœcipit. Apud illos viris impudicitio frenna laxatur... Apud nos, quod non licet fœminis, neque non licet viris ; et eadem servitus pari conditione consetur.* Lettres choisies de Saint Jérôme, Lettre XXXIII, pag. 401.

bellos esparsos, olhos cheios de lagrimas, corpo coberto de tormentoso cilicio, confundida na multidão de penitentes, a filha dos Paulos Emilios e dos Scipiões... No chão prostrada, silenciosa, mas com supplicante expressão, invocava misericordia ao Vigario de Jesus Christo, aos sacerdotes e a todo o povo, sem ousar penetrar no templo em quanto o Pontifício, que a tinha expellido do rebanho, lhe não desse a ordem de entrar nelle.

Esses reis, que se julgam acima das leis e desprezam os reparos de seu povo, encontram num fraco ancião de Roma invencivel barreira opposta ás suas paixões.

No seculo XVIII, Pepino de Heristal, principe dos Francos, fortunoso heroe, cuja fronte se adornou de tão bellas coroas marciaes, não soube vencer-se a si mesmo, — tão verdade é «que não ha maior vencer que vencer-se o homem a si», como lá disse o Bern. Ribeiro. Não se corou de dar a uma nobre e bella moça, por nome Alpaida, lugar superior no seu coração ao de Plectrudes, sua legilima esposa.

Um Bispo de S. Lambert, qual outro Elias ou João Baptista, não teme affrontar a vingança de nova Jesabel ou Herodiades exproba ao principe seu adulterio, e recusa communicar-se com Alpaida, dizendo a Pepino que S. Paulo

ordenava não ter relações com os fornicarios  
*Ne commisceamini fornicariis.* (1)

Assassinos foram mandados para tirar a vida do Bispo, e um delles metteu-lhe no coração o punhal... (*Boll. Act. S. Lambert*) Cahe martyr e dá honra com a memoria; ao Evangelho, á sciencia, á patria, a si. (*Mendes Leal, Cant.* p. 403).

Lothario II repudia sua esposa, Theutberga, para unir-se com Waldrada. A corte foi-se compondo a exemplo do rei adultero, e dos palacios doé monarchas passou o escandalo para as habitações dos potentados.

Boson, Conde de Borgonha, pôz-se a entreter relações incestuosas com Ingeltrudes. No mesmo crime cahira Balduino, Conde de Flandres. — *Conf. Dar 1º p. 496 e prec.*; Henrion. *Hist. eccl. t. XVIII, col. 950.*

Firme na defesa está o Papa S. Nicoláo. Elle depõe solemnemente e priva de todos as honras ecclesiasticas dous Bispos que tinham approvado o real divorcio —, e, graças á acção energica de Nicoláo, o Concilio de Soissons condemnou unanimemente o escandaloso Lothario !

Philippe I, rei de França, repudia Bertha, sua esposa legitima, para pôr-se em publico

---

(3) I Cor. V., 9.

adulterio com Bertrada de Monfort, por cujos artifícios e formosura se deixara enredar e seduzir o inditoso rei. Tomando por bandeira a cruz, que regenerou a familia, valentes defensores do lar pelejam em prol da fraqueza opprimida. Ivo de Chartres combate diante de Philippe pelos direitos do matrimonio: «Eu não posso e nem quero assistir ás vossas nupcias antes de saber, por decisão d'um concilio, si vosso divorcio e novo casamento são legítimos», escrevia ao Rei(1). Hugo, arcebispo de Lyon, era feito pelo Papa Urbano II, legado para diligenciar que o rei mudasse o desgovernado viver. «Novo Achab existe na Italia, nova Jezabel na França, escrevia Ivo a Hugo: toca-vos agora o serdes novo Elias. Herodiades dança diante de Herodes e pede-lhe a cabeça de João Baptista; João Baptista nem por isso deve deixar de dizer-lhe : *Non licet*; não te é permitido repudiar tua esposa e tomar a de teu proximo». Epist. 24, col. 35.

Hugo renova no Concilio de Autun assentenças de excommunhão já publicadas contra o Imperador Henrique e o rei da França. Este apella para o Papa Urbano II, ameaça-o de retirar sua obediencia, abraçar o partido do anti-

---

(1) Espist. 15.

papa Guiberto, e arrastar a França para o scisma, si não o absolver... Urbano em Clermont (1095) pronunciou em pleno Concilio excomunhão contra o principe adultero.

«Neste só anno de 1095, os dois mais poderosos soberanos da Christandade, o imperador e o rei de França, foram fulminados de excommunhão, pronunciada pelo Papa, por terem violado a lei do matrimonio, reparo Montalembert. — Durante toda a idade media, tinha observado o mesmo escriptor, a vida desses Paes do povo christão (papas e bispos), foi uma luta constante em favor da indissolubilidade do matrimonio, oppondo barreiras fortissimas a reis e senhores... através das idades e nas circumstancias mais diversas, foi sempre para a Egreja Romana honra brilhante, immortal, defender a fraqueza no que ella tem de mais santo e mais fragil, a liberdade e a pureza da mulher» T. 7, p. 141. — *Les Moines d'Occ.*

Qual, com efeito, foi a razão das desavenças de Henrique IV com a Santa Sé? Este imperador, que na idade de 18 annos já era um dos homens mais máos que têm existido (Rohrb, tomo 14, p. 154), pretendeu repudiar Bertha, filha de Othon, marquez de Italia, que era sua esposa desde 1066.

— Philippe Augusto separa-se de Ingelburges, sua legitima consorte, encarcera esta Santa

como lhe chamava Vieente de Beauvais (1), deixa em completa penuria este modelo de perfeição physica e moral, conforme o que diz Rigord (2), e une-se com Ignez de Merania, pertencente á illustre casa de Andech, filha de um duque e sobrinha de outro.

Do fundo desua prisão reclama Ingelburges o apoio do Papa, protector da innocencia opprimida. Roma ! Roma ! era o grito sublime, que algumas vezes deixava escapar sua alma perseguida (3).

Depois de empregar o Santo Padre os meios que como mais efficazes lhe suggeria e aconselhava a caridade, escreve directamente ao rei : « Eu amo a França, dizia-lhe Innocencio III, a qual me deu instrucção ; amo a casa real, que nunca abandonou nos maiores apertos a Santa Egreja Romana ; não quero outra cousa mais que vossa salvação. Tirae de todo o escandalo, cujo contagio se estende até aos estrangeiros. Expulsae a concubina sem hesitação e sem demora. Chamae de novo a nobre e santa mulher injustamente repudiada. Si, o que aliás não espero, despresais este ul-

---

(1) Specul. Hist. XXIX, 55.

(2) Gesta Phil. Aug. c. 37.

(3) Consulte se Baluz, Miscellan. f. 3., 21.

timó aviso, nada no mundo, nem meu amor para com vosco, nem o respeito para com a dignidade real, nem as coleras, nem as ameaças, nenhuma consideração me poderá abalar do propósito de cumprir o penoso, mas rigoroso dever que a consciencia me impõe, de desembainhar o gladio espiritual e ferir o criminoso.» (Innocent, P. III, Epist. 1, 171. Patrol. lat., t. CCXIX, col. 148—150. Bareille, t. 28, p. 36).

Perseverando o rei no seu máo viver, Pedro de Capua, legado do Papa, no Concilio celebrado em Dijon (1199), lançou interdicto no reino de França enquanto o rei persistisse em suas escandalosas immoralidades. Embaixadores são mandados a Roma. Mas, Innocencio responde « A decisão está tomada, a sentença pronunciada : Philippe deve expulsar de seu palacio a concubina, e introduzir nelle a esposa legitima... » (Innocent, P III, Epist. 2, 197; Patrol. lat. CCXIV. col, 745 — 748 — Ibidem p. 39).

O rei procura illudir o Papa e seus legados, mas vã é a esperança que o alimenta, porque o monarca tratava com um Papa decidido qual era Innocencio, que não desandaria do caminho pelo qual entrára : « Si o principe pensa enganar-nos, é a si proprio que illude. Si afaga a esperança de afrouxar nosso rigor, frustrado será em seus designios. Si necessário fôr, com nosso sangue sellaremos a causa do direito e

da verdade. Nunca procederemos com dissimulação ou traição; não arredaremos os olhos do alvo em que levamos o fio a honra da Egreja, o cumprimento de nossos deveres, o bem da sociedade christã.» (Innocent, P III. Epist. 3, 16; Patrol. lat. t. CCXIV, col. 891 — 895 — Ibidem p. 43).

Na Assembléa de Soissons, em 1º-01, triumpha emfim a doutrina da Egreja, e o poderoso soberano curva a cabeça diante da autoridade desarmada da Egreja: a base da sociedade christã e a indissolubilidade do laço conjugal ficarão salvaguardadas por séculos.

« O proceder de Innocencio neste negocio, disse o protestante Hurter, seu biographo, foi inteiramente desinteressado; elle não quiz comprar a preço de condescendencia um apoio poderoso nas dissensões da Italia e da Alemanha, nem um precioso concurso para as cruzadas, sim principal de todos os seus esforços.»

Mas chegemos aos tempos nefastos da Reforma Protestante, em que ímpios heresiácas empenham a força da intelligencia e das baionetas para destruir e aniquilar o edifício da verdadeira doutrina cimentada pela mão vigorosa e paciente de 15 séculos.

Eis as palavras vibrantes de amor e fecundas em persuasão, que dirigia o Papa Clemente VII a Henrique VIII da Inglaterra, o qual re-

pudiara sua esposa, a valente e poderosa Catharina : « E' um pae que se dirige a vós, diz o Papa; elle insta e vos solicita com ternura; escutae sua voz.. Vossa posição, vosso nome, os serviços que tendes prestado á Santa Sé, tudo nos induz a usar de caridade para com Vossa Magestade. Não é sómente o catholico que se entristece, é o hereje que se regosija, vendo que expulsais vergonhosamente uma rainha, filha de rei, tia de imperador, vossa companheira desde mais de 20 annos, ao mesmo tempo que conservais publicamente uma outra mulher, a despeito de nossa severa proibição.. Meu filho, não deis máos exemplos a vosso povo. lembrai-vos que as acções dos reis e dos grandes reis, principalmente, servem de regra de proceder a seus subditos. Em nome do anior que não temos cessado de vos consagrar, escutae nossa voz, si quereis continuar a merecer nossa benevolencia...»

Henrique responde com perseguições ao clero do seu reino,

Por outro Breve o Papa, depois de afirmar-lhe que lhe conserva o mesmo paternal amor de antes, apesar de sua mudança de proceder, procura impedir a perda de Henrique e prorompe em palavras que mostram o extremo de seu esforço pela salvação do arrogante monarca,

« Defensor da honra de Deus, solicito em

satisfazer os deveres de nosso cargo, desejoso da salvação de vossa alma, nós vos conjuramos sem prejuizo de vossos direitos, a restabelecer Catharina na sua dignidade de rainha, coabitá com ella e cessar de viver com Anna, e isto no espaço de um mez sob pena de excommunhão. E receioso de que tenteis contrahir matrimonio com Anna, desde já declaramos nulla essa união.» Dar. 33, p. 208 e seg.

Não escutando os avisos do Santo Padre, fica Henrique endurecido em seus desmandos e une-se a Anna Bolena, já gravida de Isabel, fructo do adulterio, e verdadeira causa de seu ridículo casamento. Henrique, poderoso monarca, supplica, faz-se cortezão para obter que Roma lhe approve os votos anti-christãos. A Santa Sé, multiplicando esforços e aíniudando avisos, procura fazer penetrar nesse espirito contumaz os dictames da razão e moral, recordando-lhe as leis conservadoras da familia.

O orgulhoso rei esbraveja de ira e no mais forte da luta ameaça separar-se da Egreja Romana. A Ilha dos Santos deixará de pertencer á Communhão Catholica; milhares de Christães serão entregues ao cadasfalso; os mosteiros serão roubados e destruidos: os monumentos seculares da fé passarão para a heresia, cuja bandeira Luthero levantou... Não importa!... Perca-se um reino, mas salve-se de novo a constituição christã da familia.

Da frondosa árvore da Egreja caiu enfim um dos seus ramos até então mais vigorosos, agora, porém, carcomido pela heresia. — Mas sob a segura protecção da Egreja abrigou-se mais uma vez a felicidade dos povos, de que é sustentáculo a santidade do lar.

Continua, pois, salva das paixões a doutrina da Egreja.

A fraqueza da mulher teve, como sempre, um defensor, a família um guarda. Este foi o Papa, não tem que ver. Depois Pedro, vivo em seus sucessores, chama para Trento os Apóstolos espalhados pelo mundo.

A voz do Soberano Pontífice acode em promptos os Bispos Católicos. Ergue-se a Egreja no Concílio de Trento, e condena com a mesma força de outr'ora as infamias ensinadas e praticadas pelos novos destruidores do lar.

Depois foi a vez do maior monarca dos nossos tempos. Napoleão, um dos maiores vultos da era contemporânea, o insaciável conquistador que com rios de sangue ia escrevendo a história de sua passagem pela terra, pretende divorciar-se de Joséphine, com quem se casará, na vigília da sagrada, na Capella das Tulherias (1). A orgulhosa Áustria dava a mão de uma

---

(1) A meia noite, dando o Papa todas as dispensas, o cardeal Fesch tinha assistido a este casamento. Fevr. 40, p. 235.

archiduqueza, Maria Luiza, ao esposo de Josephina, o qual anseava enlaçar com a família dos Cesares sua dynastia.

Pio VII jaz prisioneiro, é captivo de Napoleão, privado de conselheiros, e da liberdade... Mas este fraco sacerdote, erguendo os olhos para Jesus crucificado, depois de ter ouvido as mensagens orgulhosas da omnipotencia humana, respondia com a força moral, diz Fèvre; «Não podemos» (!). O mundo precisava deste ensinamento tão humilde e solemne, pondera o mesmo auctor. — t. 40, 254.

Este mesmo imperador já tinha pedido a Pio VII que declarasse nullo o matrimonio que seu irmão Jeronymo tinha contrahido com uma protestante nos Estados Unidos da America do Norte. «Nós, respondia-lhe o Papa, não podemos fazer um decreto sobre a nullidade d'um matrimonio, que, segundo a declaração de Deus, nenhum poder humano pôde dissolver.» Artaud, t. 2, c. 22.

Com palavras do grande polemista católico, De Maistre, fecharemos este resumo do que fizeram os Papas em favor da indissolubilidade do casamento: «Nunca os Papas, e a Egreja em geral, fizeram ao mundo serviço

---

(1) Non possumus.

mais util — do que o de reprimir nos principes, por auctoridade das censuras ecclesiasticas, os delirios d'uma paixão terrivel; ainda entre os homens brandos, mas que não tem mais nome nos homens violentos.

A santidade do matrimonio, base sagrada da felicidade publica, é principalmente de maxima importancia nas familias reaes, onde os desmandos de certo genero tem consequencias incalculaveis . . .

Si na juventude das nações septentrionaes, os Papas não tivessem tido meio de quebrar os impetos das paixões soberanas, os principes, de caprichos em caprichos e de abusos em abusos, teriam acabado por estabelecer como lei o divorcio, e talvez a polygamia; e esta desordem diffundindo-se, como acontece sempre, até nas ultimas classes da sociedade, nenhum olho poderia mais descortinar os limites onde teria parado tal transbordamento. (Œuvres de J. de Maistre, t. 2, p. 21 ).

---



## CAPITULO IX

### **Preparação para o casamento**

---

**P**ARA alcançarem os fructos, que por sua divina instituição o matrimonio produz nas almas, é necessário que os Christãos se preparem de modo conveniente.

Nesta preparação devem ocupar-se muito seriamente, sob pena de se privarem das forças relativas aos deveres do seu novo estado.

Para se excitarem na aquisição das disposições convenientes á recepção do matrimonio, lembrem-se os nubentes das palavras do joven Tobias á sua esposa « Somos filhos de santos, e não nos podemos unir como as gentes que ignoram a Deus.» (1)

Nos seguintes pontos podemos reunir as lições em que se hão de empenhar mais afincadamente os nubentes.

---

(1) *Fili i sanctorum sumus, et non possumus ita conjungi, sicut gentes quae ignorant Deum.* Tob. c. 8, 5.

A primeira cousa que devem fazer de bom grado é o se aconselharem com Deus, redobrando orações para que acertem na mutua escolha.

A isto se ajunte logo o apartar cuidadosamente o egoismo grosseiro e céga cobiça, não se deixando mover na recepção de tão venerando sacramento por motivos mundanáes ou unicamente terrestres.

Em materia de tanto alcance pouco prudente se mostrará quem se obstine em alter-se ao proprio juizo, e cerre ouvidos aos paternaes conselhos. Si não querem, pois, arriscar-se a perder a felicidade conjugal, pela qual tanto d'alma aspiram, prestem os filhos attenção aos conselhos paternos, e prefiram os sizudos avisos da experienzia ás leviandades da juventude.

Para que a ventura conjugal ande ao compasso dos desejos dos nubentes, muito importa se preparem por vida casta, honesta, santa em fim, porque a moço casto, e não a taful, está pelo Espírito Santo promettida casta donzella.

Em summa, como o Matrimonio é sacramento de vivos, devem os que vão recebel-o estar em graça de Deus.

Assim como o Senhor faz descer sua benção sobre os que se recebem nestas santas intenções e boas disposições, assim tambem o demônio tem jurisdicção nos que se enlaçam para

satisfazer seus sentidos, como a Tobias disse o Anjo Raphael. (1)

Tratemos de ir explicando ao leitor cada um dos artigos, que apontamos acima, na certeza de que esta individuação não deixará de ser motivo para que os Christãos se determinem a pôr em praxe os meios de entrarem no casamento pelas portas da felicidade.

Está o primeiro ponto em pedir vivamente a Deus conhecimento da pessoa, com quem a outra se deve ligar em matrimonio.

Sem auxilio do Supremo Perscrutador dos corações, todas as humanas diligencias nesta materia, como em tudo mais, sahirão frustradas, porque a mulher boa é dom de Deus.

Meditem os nubentes na sentença do rei Salomão «Os paes podem talhar para os filhos largo quinhão de casas e riquezas, mas esposa prudente é dom singular e proprio de Deus». (2)

Commentando o capitulo XVI de S. Lucas, inculca Santo Ambrosio a mesma verdade, que prouvera Deus nunca se extinguisse nos corações humanos; «Os paes, diz o Santo, dividem

---

(1) Hi namque qui conjugium ita suscipiunt, ut Deum a se, et a sua mente excludant, et suae libidini ita vacent, sicut equus et mulus, quibus non est intellectus: habet potestatem dæmonium super eos Tob. 6, v. 17.

(2) Domus et divitiae dantur a parentibus: a Domino autem proprie uxor prudens. Prov., cap. 19º, v. 14.

com seus filhos casa e haveres, mas Deus é quem prepara esposa para o homem». *Domum et substantiam patres partitionur filii; a Deo autem præparatur viro uxor.* *Corn. a Lap. in Prov. c. XIX.*

Consultae, ó Christãos, as Sagradas Escrituras, ou antes trazei á memoria o ensino que recebestes por ellas n'outros tempos, e haveis de ver que Deus foi quem preparou e deu Sara a Abrahão, Rebecca a Isaac, Raquel a Jacob e outra Sara a Tobias.

Aquelle, pois, que é chamado por Deus ao estado matrimonial, não deve fiar-se tanto na propria diligencia e de seus paes, como em Deus, a quem preciso lhe é assiduamente pedir lhe dirija esposa conveniente. A necessidade d'este recurso é mostrada aos nubentes no primeiro casamento que no mundo houve. O proprio Deus fez a mulher (Eva) para servir de socorro ao primeiro homem (Adão): *faciamus ei adjutorium simile sibi.* *Genes. II, 18.*

Mui decaso pensado digo — Aquelle que é chamado por Deus ao estado matrimonial —, porque a cada individuo é destinado um posto na humana sociedade, fóra do qual ficará deslocado.

E' o que nos ensina a fé e a razão indica.

Cada um de nós recebeu de Deus vocação particular.

Esta observação é de muito alcance no assunto que tratamos, porque o erro ou acerto da vocação produzirá a desgraça ou felicidade, não só d'um ou douos individuos, mas de muitas gerações.

De modo mui diverso costumam paes e filhos encarar estas cousas.

Estes, o de que menos cuidam é de recorrer a Deus; aquelles empenham os maiores esforços para impôr sua vontade aos filhos, já impedindo-lhes a escolha d'um estado, já forçando-os a abraçar o que lhes repugna, e para o qual Deus os não chamou.

D'aqui rixas e malquerenças em que ardem as familias; daqui os futuros malogrados; d'aqui odios que passam para filhos e netos; d'aqui emfim, publicos escandalos que arruinam a sociedade.

Outro mal existe, que, por ser fonte de inumeras desgraças na sociedade deve ser aqui indicado.

E' elle a ambição de bens temporaes que move casamentos de razão, os quaes são dictados, como diz o proloquo, antes pelas conveniencias do que pela inclinação.

Na realização d'esses calculos interesseiros mettem os nubentes e seus progenitores todas as diligencias, esquecidos da mutua santificação, alvo em que devem fitar os olhos, e em pouco

ou nada estimando a vida feliz, a que devem aspirar e realizar pelo consorcio.

Corações modelados pela lei divina, almas ricas de virtudes, eis aqui os optimos cabedaes que merecem despertar a attenção dos nubentes e lhes ganhar as vontades.

«Feliz o marido de mulher virtuosa ! exclama o auctor do Ecclesiastico. Duplicado será o numero de seus annos.

Ella dar-lhe-ha paz todos os dias de sua vida.

A esposa virtuosa é a boa parte, é o dote dos que temem a Deus, o qual a dará ao homem como recompensa de suas boas obras. Ricos ou pobres, esposo e esposa terão os corações contentes, e a alegria brilhará sempre em seus rostos. Como o sol é ornamento da abobada celeste, assim a esposa virtuosa o é da casa». (1)

Passemos a outra recommendação, á qual já nos referimos de leve, e consiste no escutar os conselhos paternos.

E' regla de summa prudencia ouvirem os

---

(1) Eccles, XXVI.

Mulieris bonæ beatus vir; numerus enim annorum illius duplex.  
Mulier fortis oblectat virum suum, et annos vite illius in pace implebit;  
Pars bona, mulier bona, in parte timentium Deum dabitur viro pro  
factis bonis:  
divitis autem, e pauperis cor bonum, in omni tempore vultus illorum  
hilaris.  
Sicut sol oriens mundo in altissimis Dci, sic mulieris bonæ spicies in  
ornamentum domus ejus.

filhos a seus paes em todos os negocios de alguma importancia. A experienca d'estes, e o amor que consagram a seus filhos, os livrará de muitos perigos, a que os expõem os ardores da juventude inexperiente e impetuosa. «Escuta, meu filho, diz o Sabio nos Proverbios, as instruções de teu pae, e não abandones a lei de tua mãe, para que se accrescente a graça na tua cabeça. *Audi, fili mi, disciplinam patris tui, et ne dimillas legem matris luæ; ut addalur gratia capili tuo.* Prov. 1,8 e 9.

Cabe aqui lembrar o que Segneri refere de Thomaz Moro, o grande chanceller de Inglaterra, a quem a fama tanto e tão merecidamente celebra por sua sciencia, dignidade e mais ainda por padecer perseguições e morte pela fé. Ainda em dias de sua maior exaltação na sociedade ingleza, quando era o primeiro ministro do Rei, não se envergonhava de ajoelhar-se aos pés de seu pae para pedir-lhe a benção.

Que lucrou o filho prodigo abandonando a companhia de seu pae contra a vontade d'este?

Conheceis a admiravel parabola evangélica, onda a culpa do filho, que tão monstruosa parece, patenteia mais vivamente o amor paterno. De dois irmãos, o mais moço pede e recebe o seu patrimonio, e abala-se para uma região longinqua, deixando opprimido de amargas afflicções e rasgado de dôres o coração de seu pae. Tudo gasta na devassidão até esgo-

tar os ultimos recursos. O amo, a cujo serviço se entrega, o sobrecarrega com o baixo officio de conduzir para os pastos varas de gado suino, e guardar esse immundo rebanho. A mingua do salario ou da ração alimenticia o reduz á sustentar-se com as glandes, que os animaes devoram. Eil-o agora, torturado de dissabores, apenas se evaporaram as enganosas e largas pinturas de apraziveis venturas, com que contara ao sahir da casa paterna. Que fazer ? Para livrar-se da penuria, volta ao lar que deixara, atira-se nos braços de seu pae, e, dizendo —pequei—confessa os seus grandes infortunios, e consegue tirar-se dos apertos da humilhante miseria.

Não é esta a historia de muitos filhos e filhas, que, casando contra a justa vontade dos paes, passam pela magua de verein dilapidados os quinhões que levam, e tornam depois a pedir amparo aos mesmos genitores, cujos avisos antes desprezaram ? !

Estado de grande transcendencia é o casamento, e por isso na decisao para este acto a rica somma de preciosas observações dos paes, sua experienca, já provada por annos provectos, devem ser preferidas á influencia das paixões ligeiras e inconsideradas dos filhos, pobres de conselhos proprios, e animados de juvenis entusiasmos. O que, porém, merece ser reprovado é subordinarem os paes este acto

solemne aos calculos da ambição e vaidade, não procurando antes de tudo almas que se estimam, e saibam trocar entre si affectos, corações que se amam, vidas que se attrahem, indoles que se sympathisam. Na decisão considera se o dote de um e de outro nubente, a linha de parentesco de ambos, o titulo honorífico ou o pergaminho do esposo, mas não merecem ligeiro reparo os costumes dissolutos do moço, as qualidades dos dois entes, que por nó indissolável vão atar seus destinos e existências.

Ignoram por ventura os riscos d'um casamento forçado?

Paes indignos e filhos levianos degradam a união que representa a augusta alliança de Christo com a sua Egreja ao nível d' uma transacção commercial, onde tudo cede á sacra fome do oiro. Lêde o que abaixo vai escripto, e vereis as justas exprobrações que o grande Chrysostomo lança contra tal procedimento.

Passadas para a lingua vulgar respondem ao seguinte: O Matrimonio, diz o Santo, é dos mysterios mais sorprendentes pelo caracter sublime, que lhe pertence, de figurar a alliança de Jesus Christo com sua Egreja. A consequencia que d'ahi sae é que não deve ser contratado ligeiramente e por interesse. Não, o casamento não é objecto de negocio; é união de toda a vida. Nada mais commum do que ouvir

dizer : Fulano contraiu um matrimonio que de repente o fez rico . Elle casou-se só por dinheiro . Que linguagem ! Uma mulher pelo dinheiro ! . . .

Desgraçado de quem casa só por dinheiro ! Quantos homens ricos perderam a paz no seio das prosperidades que lhes trouxe a esposa opulenta ! Quantos pobres, casados com moças pobres, vivem dias tranquillos e felizes ! Não são, portanto, os dobrões de ouro que se devem considerar no matrimonio, mas sim os finos quilates da virtude, a honestidade, a economia. Com estas qualidades uma mulher, ainda que pobre, far-vos-ha feliz .

A pobreza será menor mal que a riqueza . Si ella não tem essas qualidades, foi-se vossa paz, foi-se vossa felicidade, ainda que vos tenha mettido em casa o mais rico dote; é ventania furiosa, que tudo desaba e consome num momento . (1)

---

(1) Chrys. — Laus Maximi, et quales ducendae sunt uxores.

## CAPITULO X

**Continuação da precedente  
materia**

---

**C**UMPRE, em quarto lugar, que se preparem por uma vida santa, casta e honesta.

Plutarco, ainda que pagão, reconheceu a importancia desta verdade. «Primeiramente, diz o moralista pagão, eu aconselharia aos que desejam ser paes o viverem com honra entre homens honrados e não terem commercio vergonhoso com mulheres.»

Um dos males, que mais corrompem a união domestica, é o contraste ou desacordo das almas dos casados. A uma donzella pura, inocente, é destinado ás vezes um moço de coração voluptuoso, incapaz de corresponder á afseição, porque já dissipou-a pelos lupanares. Como comprehenderá na esposa o amor e fidelidade aquelle que tem o coração regelado pelo abuso, e, não amando a propria honra de homem honesto, é infiel ao que deve á sociedade e a si mesmo? Como viverem concordes dous

entes, um dos quaeas ama sinceramente, e o~~at~~ro já está saciado e enojado pelos vicios?

Evita-se, pondera Janet, evita-se com cuidado a desproporção das idades, e ha razão; mas a idade não se conta sómente pelos annos, deve ser orçada tambem pelo coração.»

O moço christão sabe que é dever seu possuir na santidade e na honra as fontes da vida (1), para poder transmittir-a vigorosa aos filhos.

Querendo regenerar a humanidade, Deus pôz no mundo uma familia modelo: é a Sagrada Familia. Eis que á imitação de José e Maria devem desde então ser todos os esposos. De José, o proprio Deus tece o elogio, quando o denomina justo: *Joseph autem vir ejus, cum esset justus. Malth. 1, 19.*

Justiça indica reunião de todas as virtudes. A preparação de José para o matrimônio é a prática de todas as virtudes. Por outro lado Maria, a esposa de José, é chamada pelo Archanjo, Embaixador divino, cheia de graça (*gratia plena*).

A linguagem terrestre não tem expressão que possa traduzir perfeitamente a magnificencia d'esta palavra divina, que encerra tesouros inexauríveis de doutrina.

---

(1) Ut sciat unusquisque vestrum vas suum possidere in sanctificatione et honore. Ep. 1 Thes., cap. 4, 4 — Monsabré, Radicalisme contra Radic. pag. 127.

Annos de juventude placidamente vividos á sombra do templo, sob a influencia benefica dos altares; innocencia, ante a qual desbota-se a pureza angelica; virgindade sem macula; eis os enfeites com que se adorna a descendente de David; eis como se prepara para o casamento a VIRGEM MARIA.

Os nubentes christãos devem, pois, procurar approximar-se destes excellentes exemplares que Deus lhes propõe á imitação. Sêde castos, ó jovens, á imitação de José e Maria; neste espelho mirae-vos, se quereis procrear familia christan. Depois da vinda de Jesus ao mundo, não é a vida animal o fim exclusivo do matrimonio, como no paganismo, mas sim formar seres á imagem e semelhança do Deus Santissimo. Neste empenho desvelae-vos.

Quão esquecidos andam desgraçadamente paes e filhos desta forma obrigatoria para todo christão, e unica salvadora da sociedade domestica! . . .

Os paes tem no geral apurado zelo com as filhas, que elles querem recatadas, e mettidas no centro da casa; mas soltam redeas aos filhos, permitem que vivam segundo os instictos da carne, frequentem casas de má reputação, tenham relações com pessoas devassas, e, o que é mais para espantos, dizem que é bom deixalos correr perigos para adquirirem juizo.

Injustiça, porque estes filhos que se hão de

casar mais tarde, desbaratam a saude do corpo, contrahindo, nas espeluncas de libidinagem, enfermidades contagiosas, que não poderão dar de si outra cousa senão destruir a saude da esposa e gangrenar a dos filhos. — Erro, porque é sempre melhor atalhar o mal, ou prever de longe sua invasão, que combatê-lo e cortá-lo.

Além d'isso, a regeneração moral, quando esta se realize completamente, neinsempre trará a cura do corpo já estragado.

Considerae uma outra injustiça, que nos acode ao espirito.

O moço repugna receber em casamento uma donzella, porque é cortejada ou sollicitada por outrem. Entretanto elle pode perder-se na crapula, e a moça illibada não ha de negar-lhe a mão ! ?

Os proprios materialistas são obrigados a concordar com as ponderações aqui feitas, si querem que seus actos correspondam aos principios que professam. Só prezam o corpo, que querem bem tratado. Ora, as torpezas em que se revolvem os dissolutes, são os mais violentos destruidores das forças physicas.

Aos Christães bom é sempre lembrar que Deus exige castidade não só das mulheres, mas também dos homens.

Optimas razões tinha Tertulliano para deplorar desde os primeiros seculos do Christianismo

nismo as desventuras de taes consorciós, muito communs entre pagãos : «Do sangue dos paes tão sómente é que podemos esperar o reflorescimento da virtude na terra. Mas o mal toma tal incremento que a virtude não pode siquer nascer, tão corrompido é o sangue dos paes.»

Contra as salutares admonestações da Religião revoltam-se os paes, allegando que os filhos devem aproveitar o tempo da mocidade, isto é, dissipal-o na incontinencia.

Assim animados pelo deleixo paterno, e talvez excitados por seus costumes immoraes, sem pudor e sem recato, atiram-se os moços pelos charcos de sensuaes prazeres, gabando-se até da propria degradação á semelhança daquelles desgraçados de quem nos fulla o Livro da Sabedoria : «Coroemo-nos de rosas antes que murchem : nenhum prado haja por onde não passeie nossa luxuria.» (1)

Importa emsím considerar a preparação mais proxima dos nubentes para o Sacramento do matrimonio.

Com summo desvelo costumam elles providenciar tudo quanto possa concorrer para que a celebração do casamento seja, no que diz

---

(1) *Coronemus nos rosis antequam marcescant : nullum pratum sit, quod non pertranseat luxuria nostra.* Sapientia, 2, 8.

respeito a temporalidade, não só vistosa, senão que até deslumbrante.

Em preparativos para não fazerem desa-rosa figura transcorrem-se dias e meses; adon-zella passa horas inteiras a estudar enfeites junto ao toucador; os paes preparam-lhe magníficos aposentos, adquirem-lhe, e não raro á custa do proprio credito, os mais luxuosos vestidos; espalham convites com anticipação, e contrahem dívidas muitas vezes para satisfazerem a vaidade de dar sumptuosos bailes e custosos jantares.

Nestas cousas consumem alguns todo o tempo, concentram todas as diligencias, fásem consistir toda a sciencia; para receberem a graça sacramental é que não se dispõem.

Nenhum christão pode ignorar que o Matrimonio por sua primitiva instituição é signal de cousa sagrada, pois, conforme o Doutor das Gentes, symbolisa a união de Christo com sua Egreja. Sacramento da Lei Nova, elle influe nas almas graças especiaes, para que os que o recebem com as disposições requeridas possam executar por cheio e mui de vontade os encargos que tomam sobre si.

Como o Matrimonio é sacramento de vivos, podemos resumir no eslado da graça todas as disposições requeridas para bem recebel-o.

Para mais segura posse d'essa graça a

Egreja convida os Christães a se confessarem e commungarem antes do casamento.

Para a graça sacramental abram, pois, os nubentes seus corações, já de ordinario tão franqueados a folguedos temporaes.

Então, enriquecidos com a amisade divina, os esposos alcançarão direito a soccorros especiaes para se amarem sempre mutua, casta e fielmente, levarem com resignação todos os trabalhos e penas da vida matrimonial, emfim usarem santamente do matrimonio e proverem á boa educação de seus filhos.

Da simples indicação desses auxilios resulta claro a importancia do Sacramento que em cheio os mette nas almas.

Mas quão fracos penhores de obtel-os oferece a nenhuma preparação dos Christãos, nos quaes tudo são prazeres e licenciosidade, e que, sendo de mãos abertas para as cousas relativas ao corpo, são mesquinhos quanto ao que respeita a alma !

Depois, quando cessa de sorrir-lhes na realidade da vida commun a ventura que sonharam outr'ora; quando se relaxam ou quebram os laços de amisade entre os esposos; quando os atormentam as penas da vida conjugal, e o mau procedimento dos filhos vem perturbar a paz domestica, então cahem na conta do castigo que soffrem por terem posto obstaculos a graça divina, desprezando ou pro-

fanando na recepção tão venerável sacramento.

Corram, pois, os nubentes a purificar suas consciencias nas fontes vivas da confissão, e santifiquem suas intenções á imitação do joven Tobias: «Senhor, não é por amor peccaminoso que desejo receber esposa, mas para tornar-me pae d'uma familia, na qual vosso nome seja honrado e abençoado.» (1)

Nisto é que consiste a sciencia de fazer felizes casamentos.

Porquanto, «Jesus Christo, auctor e consummador dos veneraveis sacramentos, mereceu-nos por sua Paixão a graça que aperfeiçôa o amor natural, confirma a união indissoluvel e santifica os conjuges.» (2)

D'aqui o encargo commettido aos Bispos pela Egreja reunida em Trento. «Elles, lê-se no capitulo X da Sessão XXIV, empregarão esforços para que as nupcias sejam celebradas com a honestidade e modestia convenientes, porque o matrimonio é causa santa e deve ser

---

(1) Et nunc, Domine, tu scis quia non luxuriæ causa accipio sororem meam conjugem, sed sola postcritatis dilectione, in qua benedicatur nomen tuum.

(2) Gratiam vero, quæ naturalem illum amorem perficeret, et indissolubilem unitatem confirmaret, conjuges que sanctificaret, ipse Christus, venerabilium sacramento-rum institutor atque perfector, sua nobis passione promeruit. C. Trid. Sess. XXIV.

**tratado santamento .»** *Quas episcopi, ut ea quæ  
de cel modestia et honestate fiant, curabunt, sancta  
enin res est matrimonium, et sancte tractandum.*

Por estas palavras facil é de ver a razão pela qual a Egreja estabelece para o casamento certas leis e ceremonias.

Entremos, pois, a examinar ligeiramente a razão dos impedimentos matrimoniaes decretados pela Egreja, e a significação das ceremonias que acompanham a administração do Sacramento.

---

## CAPITULO XI

### **Impedimentos do matrimônio e ceremonias**

---

MÃE desvellada, a Igreja apura precauções e esmera cuidados para salvar com sua sabia legislação os interesses da sociedade e dos individuos, que todos podem ser compromettidos na formação da familia.

Sua intenção, legislando impedimentos para certas uniões conjugaes, é garantir a liberdade dos nubentes, estorvar nelles a perda da fé, impedir degeneração da especie humana, e salvaguardar direitos da communhão social.

Nem um sequer dos impedimentos estabelecidos pela legislação canonica tem carácter arbitrario.

Aquelles a quem não céga a paixão, de facil proclamam a indeficiente sabedoria da Igreja em prohibir uniões, que ou o direito natural, ou a honestidade das familias, ou interesses moraes e temporaes da sociedade, repellem.

Quanto a alguns d'elles, basta a sua indicação para comprehendér-se a terna e prudente solicitude da Igreja em estabelecel-os.

Não é de toda a justiça que seja nullo o contrato, quando uma das partes erra substancialmente no objecto d'elle ? E' o que a Egreja estipula pelos impedimentos do erro e condição.

Aquelle que já livremente dispôz para sempre de sua pessoa, consagrando-se a Deus, não é justo que não possa dispol-a em sentido contrario para com a creatura ? E' o que fazem o voto solemne de castidade e a Ordem.

Uma pessoa poderá ser constrangida a abraçar um estado que não quer, ou com pessoa que não ama ? Este mal é apartado pelo impedimento da violencia.

Marcou tambem a Egreja gráos de parentesco, em que seria facultado ou vedado o casamento.

Escrupulosa estatistica feita por um celebre medico de Kentucky, o Dr. Bemio, proclama funestos ao corpo e ao espirito os enlaces matrimoniaes entre primos irmãoz.

Os romanos chamavam as nupcias entre consanguineos nos 6 primeiros gráos nefandas e incestuosas : *nefariæ et incurræ nupliæ*. *Westermarck*, pag. 29 † (1). — Conforme Stieda, nos departamentos da França o numero de pessoas enfermas de corpo e espirito augmenta

---

(1) Origine du mariage dans l'espèce humaine.

quasi constantemente á compasso do numero de matrimonios entre consanguineos. 328.

Pela Dinamarca falla o medico Mygge num livro publicado em 1879. «Graças a seu methodo fidedigno, diz Westermarck, ao numero de casos examinados, á imparcialidade do autor, é talvez esta a contribuição estatística mais importante que tem sido publicada nesse assumpto. Pois este medico verificou que, ao menos nas parochias que elle poude observar, o casamento entre consanguineos produz mais idiotas, loucos, epilepticos e surdos-mudos que o casamento entre os que não são parentes. Pag. 329.

Urge observar, repara Westermarck, que a maior parte dos escriptores que discutiram este assumpto, e certo não são os menos competentes, manifestaram a crença de que os casamentos entre primos irmãos são mais ou menos desfavoraveis á posteridade.

Contra esta crença, ainda até hoje, não foi allegada prova alguma que possa desmentir a investigação scientifica.— Pag. 330.

A Egreja não reduziu a estas precauções sómente as diligencias de seu amor.

O impedimento de disparidade de culto tem por fim proteger a fé dos nubentes, pois a immensos perigos se arriscaria pessoa catholica que se unisse a quem o não fosse.

Magnifico acto e de inumeras consequen-

cias, o casamento deve ser solemnizado por ceremonias publicas e testemunhado por pessoas que possam dar fé do acto legal executado.

Para isto a Egreja estabeleceu o impedimento de clandestinidade.

Devem os verdadeiros christãos abster-se dos casamentos prohibidos pela Egreja, ou ao menos não solicitarem dispensas que não sejam motivadas em razões solidas e verdadeiras.

Vindo em socorro á humana fragilidade, a Egreja concede dispensas de certos impedimentos.

Afruxando, porém, sua legislação, impõe multas aos que reclamam as dispensas, além de exigir o pagamento de gastos indispensaveis para custeio das mesmas. São as multas destinadas a obras pias.

A uma e outra cousa não se devem negar os homens de fé, e muito mais lhes cumpre não descerem á sonegação da verdade, o que em certas circumstancias tornará nulla a dispensa.

Muito importa não fixar-se o dia para o casamento antes que os papeis estejam aviados.

Além das dispensas, quando são necessarias, devem os nubentes apresentar certidão do baptismo para que se verifique si são catholicos e tem por este titulo direito ao sacramento que vão receber, e certidão dos proclamas.

Estes devem, como preceitua a Egreja, ser feitos em ambas as freguezias, si os nubentes não são habitantes da mesma parochia.

Com o correr dos banhos quer a Egreja, que se torne bem conhecido o contrato matrimonial, dando d'esta maneira largo tempo para que se possam descobrir os impedimentos, e offerecendo occasião aos nubentes para que sisudamente reflictam e melhor se conheçam.

E' o casamento acompanhado de ritos misteriosos, que servem para tornar palpaveis as salutares doutrinas da Egreja sobre o sacramento que se celebra.

Assim o sacerdote benze o annel, que pelo esposo é collocado no dedo da esposa, e este annel é symbolo da caridade, penhor de união e fidelidade dos esposos.

A união das mãos indica a indissolubilidade matrimonial; o veu da esposa, o casto pudor com que deve viver no casamento.

Eis ahi compendiadas as principaes excelências dos impedimentos canonicos sobre o matrimonio christão, e ligeiramente explicada a disciplina symbolica, de cujo conhecimento nos pareceu razão não ficar privado o leitor.

Não deixaremos esta materia sem recordarmos aos fieis que é do matrimonio recebido christãmente que nasce a felicidade dos esposos. A qual, ha mais de 16 seculos, descrevia a traços largos Tertulliano, o inculto Bossuet

africano, como lhe chama Chateaubriand : «Quem poderia exprimir a felicidade do matrimónio christão ? A Egreja forma os nós, a oblação do sacrificio o confirma; a benção lhe imprime o sinete; os Anjos são testemunhas; o Padre Eterno o ratifica .

«Que bella alliança a de dous fieis unidos na mesma esperança, no mesmo voto, na mesma disciplina, no mesmo serviço ! Ambos irmãos, ambos conservos do mesmo Senhor ; entre elles nenhuma separação de carne nem de espirito : sim, com toda a verdade elles são dous numa só carne. Juntamente oram, prostam-se e jejuam; mutuamente se instruem, exhortam e sustentam .

«Juntos encontral-os-heis na Egreja, juntos na mesa do banquete divino agonias, tribulações, alegrias, tudo lhes é commun . Não ha entre elles sombra de segredo, mas sim confiança reciproca .

«Não tem um necessidade de resguardar-se e sumir-se de outro para visitar os enfermos, estender mão benefica para onde se assenta a indigencia; suas esmolas são sem constrangimento, seus sacrificios sem temores, suas praticas quotidianas sem embaraços . Nada os obriga a dissimular o signal da Cruz, a acção de graças e a benção . Alternadamente psalmeiam canticos, erguem preces, e um e outro rivali-

zam a qual ha de melhor celebrar os louvores de Deus.

«Eis as allianças que regozijam a Jesus Christo, e ás quaes elle dá sua paz...»

«Nisto reflecti, ó esposos, pois não é permitido e não convém que de outro modo casem e vivam os fieis de Christo».

A consideração de que o homem representa neste Sacramento a Christo, e a mulher a Egreja, redobram nelles os estímulos para que vivam com piedade, se respeitem, se honrem, amem mutua e santamente, e enfim eduquem seus filhos no temor de Deus.

---

## CAPITULO XII

### Obrigações dos esposos

---

GRANDE theologo inspirado do matrimonio, S. Paulo, synthetiza todos os deveres reciprocos dos esposos no amor, e lhes offerece por modelos Christo e sua Egreja. «Esposos, legisla o sublime Doutor das Gentes, amae vossas esposas como Christo ama a Egreja.» *Viri, diligite uxores vestras, sicut et Christus dilexit Ecclesiam.* Ad Eph. V, v. 25.

O amor dos esposos deve compôr se pelo de Christo e da Egreja.

Ora, o amor de Jesus Christo á sua Egreja é puro, livre de toda a sensualidade. Força é, pois, que o amor dos conjuges seja tambem puro, isento de indignas torpezas. Seu thalamo deve ser immaculado, sua união honrada: *honorabile connubium in omnibus, et torus immaculatus.* Hebr. XIII, 4.

A castidade conjugal, que consiste em reprimir deleites illicitos da carne, é rigorosa-

mente prescripta a todos os esposos christãos, ensinam os theologos.

Não é só o adulterio que é prohibido... Recordem os esposos o respeito profundo que devem a seus corpos, como templos vivos que são do Deus Santissimo. «Não sabeis por ventura que vossos membros são templos do Espírito Santo ?(1).»

Portanto são como sacrilegos aquellos que por actos libidinosos polluem seus corpos, diz Cornelio a Lapide. A profanação d'este Sacramento produz e attrahe contra os casados punição divina. Porque tantas fecundidades esterilisadas ?

A sabedoria pagã, de cujas sentenças não tem direito de zombar uma sociedade pagansada, ministra-nos a resposta por meio de seu mais auctorizado representante : «Os matrimônios mais castos, diz Platão, são os mais fecundos. »

Porque tantos calculos temporaes frustrados, tantos proventos economicos subvertidos, e tantas amarguras a travarem o pão quotidiano na bocca dos esposos ?

E' porque os "casados" não trazem e não

---

(1) An uescites quoniam membra vestra templum sunt Spiritus Sancti ?... 1 Ad Cor. c. 6º, v. 19.

glorificam a Deus em seus corpos (1), mas só cuidam de deleites sensuaes, arrojando-se tão sem pejo nas desenvolturas do bestial appetite, que mais parecem cerdos a revolver-se em lamacaes do que entes racionaes, cuja fronte foi talhada para o Céo.

Porque tantos desassocegos, tantas rixas e discordias entre os casados?

A ruzão nol-a deparam as palavras do Archanjo Raphael a Tobias. Aquelles que no matrimonio banem a Deus do coração e espirito, havendc-se como animaes baldos de intelligencia, para logo cahem sob o imperio de Satan em punição de sua soltura sensual. «*Qui conjugium ita suscipiunt ut Deum a se, et a sua mente excludant, ut suæ libidini ita vacent, sicut equus et mulus, quibus non est intellectus: habet potestatem dæmonium super eos.* Tob. VI.

Outro desatino não menos execrando é a limitação voluntaria do nascimento dos filhos.

Para verberar tão deshumana perversidade são fracos os mais vchementes epithetos, que a decencia possa inspirar nos impetos de sua indignação.

Um dos bens do matrimonio é a prole.

---

(1) Glorificate, et portate Deum in corpore vestro. 1º  
Ad Cor. VI, 20.

Procurarem os esposos impedir concepção de filhos, por entre a fruição de deleites carnaes, é violarem uma das grandes leis do Deus Criador, o qual, diz Meignan, poz no « Crescei e multiplicae » as condições essenciaes da prosperidade das nações.

Si este sinistro espirito de depravação é tão damninho, que dá morte ás nações de modo que povos, antes cumulados de haveres e gloria, vão por mingua de cidadãos mirrando a olhos vistos até jazerem na mais lastimavel miseria (1), facil é inferir quantas desventuras no seio das familias.

Por egoismo querem filho unico, ao qual deixem abundosos cabedaes, e este filho será a deshonra e o flagello dos paes: idolatrado por estes nunca aprenderá a obedecer; habituado desde a aurora da vida a satisfazer todos os caprichos, não se encartará em officio que lhe proveja o futuro; não saberá nem ha de querer disciplinar e conter paixões, e, ao revez do que lhe futuravam os progenitores, esbanjará, devasso manirrôto, todos os haveres amontoados e acautelados com sordida avidez.

---

(1) Montesquien no "Esprit des lois, Liv. XXIII, cap. 2, articula o grande oraculo da moral e da politica "A continencia publica é naturalmente junta á propaganda da especie."

Dedicado como o de Christo e da Egreja importa seja o amor entre os esposos.

Tudo, até o proprio sangue, Christo sacrificou aos interesses de sua Egreja. *Christus dilexit Ecclesiam, et seipsum tradidit pro ea. Epist. B. Pauli ad Eph. c. V., v. 25.*

De seu lado, a Egreja com extremosa delicadeza de amor, inacessivel aos estragos do tempo, não cessa de offerecer a Christo as moedas do mais fino ouro, com que a prendou o celeste esposo. Com as flôres dos martyres, que tão á propria são assim chamados os Santos Innocentes, ella alcatifa a gruta, que lhe ouviu ao nascer os infantis vagidos.

Nem com esta melindrosa demonstração do seu amor se dá a Egreja p'or desobrigada dos pagamentos do coração. Os annos lhe aumentam os affectos, sem que alcancem enfraquecer a intensa energia do ardor sempre juvenil, com que ambiciona immolar-se pelo esposo. Verdadeiro, seu amor não cabe neste mundo, onde tudo se lhe figura de somenos valia para os meritos do divino esposo, cuja esphera é infinita.

Seus mais illustres representantes, os Apostolos, Doutores, Confessores e Virgens, sacrificaram por Christo bens temporaes, gosos terrestres e até a propria vida....

Jesus Christo, portanto, seja o modelo em que crave seus olhos o esposo que deseja imi-

taveis exemplos, e à Egreja sirva sempre para a esposa de norma por onde marque a direcção de seu viver conjugal.

Só assim lograrão ir de ponto em branco ao porto da felicidade.

A verdadeira dedicação do amor conjugal consiste em desvelar-se um esposo para acudir ás necessidades do outro, ensino que por factos e palavras dão Christo e a Egreja.

A ponto vem agora o texto em que o Apostolo S. Paulo explana esta doutrina. Os esposos, diz o grande Apostolo, devem amar suas esposas como a seus proprios corpos. Aquelle que ama a esposa, a si proprio se ama. Por quanto ninguem tem odio á propria carne, mas a nutre e favorece como Christo á Egreja. (1)

Nutrir a esposa e toda a familia, poupar-lhe fadigas e vigilias, que lhe damnifiquem a saude, é honroso, si bem laborioso encargo, que compete ao esposo, como chefe do lar domestico.

Quão longe estão disto muitos esposos !

Seu prazer maior é fazerem longa ausencia,

---

(1) *Viri debent diligere uxores suas ut corpora sua. Qui suam uxorem diligit, seipsum diligit. Nemo enim unquam carnem suam odio habuit : sed nutrit et fovet eam, sicut et Christus Ecclesiam.* Ephes. V. V. 28 e 29.

sua maior pena cruzar os humbraes domesticos. Enfiam dias e dias sem se darem ao cuidado da esposa e filhos, deixando-se ficar muito á perna solta onde quer que, fora do lar, encontrem mesa franca e roda a seu sabor.

Quantos, no correr dos dados, naufragam os proprios haveres, e até custosas economias da esposa e filhos?

Quantas pessoas vemos por ahí inteiramente dominadas pelo vicio do jogo?

Este cancro social destróe, ou ao menos esteriliza, as excellentes qualidades com que a Providencia dotou o pae de familia para a propria felicidade. de sua esposa e filhos.

Elle é que ás mais das vezes introduz no seio da familia a indigencia com todo seu cortejo de desordens domesticas : o descontentamento, a inveja, o despeito, a má vontade e crueldade para com a esposa e innocentessilhinhos.

Elle, o que frequentemente gera a embriaguez, provocada para adormecer a pun gente lembrança das perdas do dinheiro ou celebrar o jubilo d'um lucro momentaneo e injusto.

Elle, o que fez tantas vezes peccar pela lingua, dando occasião, si não causa, a blasphemias contra o que ha de mais sagrado, quando a fortuna não sahe favoravel; a pragas contra quem as profere e contra os parceiros favorecidos pela sorte ou industria fraudulosa; a pa-

lavras obscenas contra a propria honra, não raro contra a da mesma esposa, e em geral contra a de donzelas e matronas respeitadas em todas as outras circumstancias, menos nesta.

Elle, o que franquêa os lupanares, onde desbaratam a saude, a honra, o dinheiro, moços e velhos, ricos e pobres, solteiros e casados, cegos todos pela paixão delirante da carne, excitada por licores, conversas obscenas e relações com individuos habituados á devassidão.

Elle, em fim, o que faz perder o tempo, tão precioso para prover ás necessidades da familia, levada ao extremo da miseria pela negligencia e desamor de paes desorientados pela terrivel cobiça de ganhar a vida sem o suor do rosto.

Triste é vêr tantas familias ao desamparo dos esposos, a quem pouco ou nada se dá de que careçam ellas do mais indispensavel á manutenção ! Quereis, ó esposos, modelo pratico do amor dedicado ?

Erguei vossos olhos, e com respeito repousae-os na *Sagrada Familia*. Vêde como José protege sempre sua augusta esposa, notae como elle põe continuamente sua força e experiencia ao serviço de Maria : na viagem a Belem, na fugida para o Egypto, no regresso a Nazareth . Annos apôs annos eil-o a trabalhar dia a dia para grangear o pão, que sustente a Familia.

E Maria, não a vêdes occupada em amenizar os trabalhos de José?

«José, diz S. Boaventura, labutava no seu officio; Nossa Senhora, com a agulha ou com o fuso, suppria no seu tanto ás urgencias do mesticas. Dava conta das demais tarefas que tociam á mulher, tratava do aceio da casa, amanhava as refeições e servia-as ao marido e ao filho.»(1)

Ha de o amor ser sobrenatural, isto é, os esposos devem ter a peito sua mutua santificação.

Parece lhes dirige Nosso Senhor as palavras seguintes :

Vossa mutua santificação e a de vossos filhos, seja o primeiro de vossos cuidados; esta é a minha vontade e o fim do Sacramento que consagra vossa união : *Hæc est enim voluntas Dei sanctificatio vestra. Thess. IV, 3.*

Por aqui vem que os esposos, fieis ao primeiro dever do matrimonio, procuram antes de tudo a felicidade eterna. A seus corações illuminados pela fé não basta a união passa-

---

(1) Vê Vida de J. C., por Veuillot, pag. 88, da Versão de Castilho.

geira do tempo ; trabalham juntos para a eternidade onde o amor não se extingue.

Assim comprehendiam o amor conjugal os Christãos da velha tempera.

No ardor da perseguição, Tertulliano escreve uma obra endereçada á sua dilecta companheira (*Dilectissima mihi in Domino conserva*), com o fito de fortalecer-lhe a fé e mostrar-lhe os perigos a que exporia sua crença e futuro, se depois de viúva contrahisse nupcias com homem pagão.

A mesma solicitude animava as esposas para com seus maridos.

Na Apologia devida ao esclarecido engenho de S. Justino, se contam admiraveis rasgos de uma esposa, que, trocada de pagã em christã, empregou quantas forças, energia e diligencia couberam em seu poder para fazer o seu esposo participante da mesma ventura. O ingrato e cego esposo denunciou-a ante os crueis perseguidores. Mas nem esta provação poude intimidá-la, e com animo resoluto continuou a lutar pelo bem do iniquo marido. Para levar a cabo seu intento, redobrou fervor, esforçou instancias, derramou supplicas e debulhou-se em lagrimas. Baldadas foram todas as suas diligencias; a morte foi a recompensa da sua caridade. Ella, porém, ao expirar, com intensa caridade exorou-lhe ainda a conversão e offe-

receu a Jesus para salvação do esposo perseguidor o sangue que derramava (1).

As inscrições gravadas nos tumulos das antigas eras do christianismo atestam, consoante nota o Padre Mamachi, que o matrimonio christão era menos a união dos corpos do que a casta alliança das almas (2).

E' este amor sobrenatural, impregnado de sopro celeste, vivo e efficaz, que fazia explodir dos peitos este grito de admiração, registrado pelo Apologista Africano « Vêde como elles se amam e estão promptos a morrer uns pelos outros (3).

Pelo Creador foi desde o inicio do mundo ensinado este amor sobrenatural. Deus, creando a mulher, deu-a ao homem como adjutorio (*adjutorium simile sibi*), adjutorio na vida do tempo para a vida eterna. D'ahi, como falla Castilho, a corrente e contracorrente de affectos sympathicos e harmonicos entre os esposos, sendo um e outro participes das alegrias e amarguras, oração, bom exemplo, e estimulos para obra

---

(1) Cf. Gaume t. 2, pag. 47 e 84. Hist. de la famille.

(2) Dè Costumi, etc., t. 3, p. 13, ibidem pag. 54.

(3) Vide, inquiunt, ut invicem se diligent.... et ut pro alterutro mori sint parati. Tert. Ap. c. 39.

da gloria de Deus, como seja a educação dos filhos, etc.

Si quereis, ó maridos, belleza da alma em vossa esposa, está em vossas mãos o formal-a.

Ponde generoso peito em cultival-a, aconselha S. João Chrisostomo, que faz as seguintes ponderações. «A formosura exterior é cheia de arrogancia e insolencia; a um mez ou dous, e não mais, estenderá o prazer. O habito desmaia o scintillar dos olhos; precoce amarguras desbotam e cavam as faces, cujos encantos de todo em todo se esvaem, chegados que sejam os annos: os males, porém, que acompanham a belleza, ficam e perduram. Isto não acontece com a esposa, cuja belleza é interior, visto como contra ella não se atrevem os annos... — Chefes de familia, diz o mesmo Santo, encetai a formação de vossa casa pela de vossa consorte. Respeito vol-o deve ella, mas vós a ella deveis amor. Amae-a, fazei-vos digno de que ella vos ame, e procuraе que todos a acatem. Longe de contrariardes sua consciencia, formae-a em solidas virtudes, que lhe dêm força para bem dirigir a casa e crear os filhos.»

Em vez de arremetterem com esta empreza, os maridos, como muitas vezes acontece, fazem tudo para atabafar o fogo da piedade de suas consortes, poem estorvos á practica dos deveres religiosos, e com obras criminosas, palavras

obscenas ou impias, são pedra de escandalo para toda a familia.

O amor ha de tambem ser unico, fiel.

E' preciso que haja nos esposos pundonor bastante para impedir que o mais leve pensamento de impura deslealdade ouse cruzar o limiar do sanctuario domestico, e vá poluir a santidade do leito conjugal.

A fidelidade é jugo salutar imposto a ambos os conjuges.

«Não ha para o homem privilegio, nem dispensa, amplifiquemos conceitos do grande Chrysostomo; igualmente culpado, elle é igualmente sujeito á punição. Que! Vossa esposa deixa pae, mãe e conchegos da familia, para se unir coivosco, e em retorno ha de ser victima de vossas contumelias, opprimida pelo insolente triumpho d'uma rival! Vós a recebestes para companheira e socia da vida, livre e igual em honra. Que absurdo! Nem uma parcella diminuis do dote, que vos ella trouxe, antes o accrescentaes; e ser-vos-ha permitido robar-lhe o que para ella mais vale que todo o seu dote, isto é, a castidade do esposo, seu coração, sua pessoa? Vós sois d'ella; vossa castidade, vosso pudor, é um bem que lhe pertence, e não podeis dissipar. Si diminuirdes o dote que vos foi confiado, ao sogro dareis conta, mas si faltais ao dever da castidade é a Deus que respon-

dereis, porque elle foi quem instituiu o Matrimonio e vos confiou a esposa.» (1)

O adulterio é o inimigo mortal do casamento. Neste, symbolo da união de Christo com a Egreja, o homem figura a Jesus e a mulher representa a fidelissima esposa do Salvador: *Vir Christus, mulier Ecclesia est*, diz Santo Ambrosio. (2)

Em quanto pois a esposa guarda fidelidade a seu marido, representa a santidade da Egreja para com Christo, e porta-se como quem crê nesta verdade catholica; logo que viola, porém, esta fidelidade, perde a maior honra que ha no Sacramento do Matrimonio, — a de ser figura da Egreja, — e representa, pondera Granada,

---

(1) *Ubi castitatis tempus est et pudicitiae, nihil habet amplius vir quam mulier, sed pari ratione cum illa plectitur, si leges conjugii violaverit, ac merito sane. Non enim ad te mulier idcirco venit, et patrem et matrem totamque domum dereliquit, ut a te contumeliis afficeretur, et vilem ancilam ipsi super indueres, ut innumeras pugnas excitares, comitem et sociam vitœ, liberam et honore parem accepisti. An non enim absurdum est, ut cum dotem acceperis, omnem exhibeas benevolentiam, nihilque ex eâ imminuas: quod autem quavis dote pretiosius est, castitatem, et pudicitiam tuumque corpus, quod illius est possessio, corrumpas et polluas? Si dotem imminueris, socero rationem reddes; si castitatem imminueris, Deus a te poenas exiget qui nuptias introduxit, et uxorem tibi tradidit.* S. Chrys. in illud propter fornicationes uxorum, etc. n. 4, t. III, pag. 239, 240.

(2) Lib. VIII in cap. XVI Lucæ.

uma horrivel mentira e abominavel blasphemia, a saber, que a Egreja trahiu seu esposo, Jesus Christo. (1)

A mesma injuria faz a Christo o varão adultero, o qual, com seu criminoso proceder, provoca a esposa a quebrar a fé jurada, assim como por sua fidelidade a estimula á inteireza de vida, conforme acertou em dizer o Stagirita: *Si a mulher tiver conhecimento de que seu marido lhe é fiel, ella tambem lh' o será.* *Simulier cognoveril sibi castum et fidum virum, ipsa eliam casta et fida erit.* Corn. a Lapide l. 10, pag. 14.

Aos deveres acima explanados de molde se adaptam criteriosos avisos do auctor da Imitação, o mais bello livro sahido das mãos do homem, como disse Fontenelle na sua Vida de Corneille. «Primeiramente se offerece á alma um simples pensamento, depois a importuna imaginação, logo o deleite, d'ahi a nada o movimento torpe, e finalmente o consentimento.» (2)

Eis aqui o mal. Qual o antidoto?

---

(1) Obras compl. t. 17, p. 220.

(2) Nam primo, occurrit mentis simplex cogitatio, deinde fortis imaginatio, pastea delectatio, et motus pravus et assensio. Lib. 1, c. XIII, n. 4.

«Deveremos vigiar principalmente no principio da tentação, ensina o mesmo auctor; porque então mais facilmente se vence o inimigo quando o não deixamos passar da porta da alma, antes lhe sahimos ao encontro logo que bate.» (1)

Entretanto, o de que mais se descuida a fragil natureza humana é de rebater as primeiras investidas como certa da victoria, quer provar forças comsigo, e, afoutando-se a perigos, só alcança dar provas de sua fragilidade.

Que é um sorriso? Que mal produz uma palavra amatoria? dizem de si para comsigo.

O mal, que em grande vulto sobresahe para quem não cerra olhos á luz da experienca, é que a vontade vae-se tornando mais e mais debil, e o inimigo de momento a momento mais forte. — *Quanto diutius ad resistendum quis torpuerit, tanto in se quotidie debilior fit et hostis contra eum potentior.* *Imil,* 1º, c. XIII. n. 4.

---

(1) *Vigilandum est tamen, præcipue circa initium temptationis: quia tunc facilius hostis vincitur, si ostium mentis nullatenus intrare sinitur, sed extra limen, statim ut dulcaverit, illi obviatur.* Lib. 1, c. XIII, n. 4.

Procedamos enfim com a nossa tarefa, e discorramos sobre a constancia do amor conjugal.

Este deve ser perpetuo.

E' sempre Christo o exemplo do esposo como a Egreja o é da esposa.

Ora, Jesus disse, e sua palavra não passa «Eis que estou com vosco todos os dias até à consummação dos séculos.» (1) Nenhuma descontinuação a temer nas promessas de Christo á sua Egreja, discorre Bossuet. Não é sómente com aquelles, a quem então me dirigia, que eu hei de estar, isto é, com os Apostolos.

Limitado é o curso da vida d'elles: minha promessa, porém, vai mais longe, e eu os vejo em seus sucessores. E' nos seus sucessores que eu lhes digo Comvosco estou; filhos nascereão em lugar de paes, *pro patribus nati sunt filii.*

Elles deixarão após si herdeiros : sucessores não cessarão de substituir os, e esta raça não ha de acabar nunca.» *Instructions sur les promesses, 1<sup>er</sup>. insl., art. 6.*

Tem havido impios, que, delirados pela embriaguez vertiginosa das perseguições, lan-

---

(1) Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem sæculi.

çaram em rosto á Egreja o ser ella abandonada por Christo.

Mas o mesmo Jesus, que toma cuidado de renovar incessantemente a juventude de sua esposa (*renovabitur ut aquilæ juvenlus lua*, Psl. 102, 5), se encarregou da resposta.

Seu reino, escreve valente polemista contemporaneo, pôde ser comparado a uma raiz viva que está sempre a lançar formosos rebentos. Uma haste cár, um ramo separa-se, mas no mesmo instante erguem-se, esbeltas e seivas, milhares de novas vergonheas ; *uno avulso, non difficil alter*.

No decimo sexto seculo parte da Europa, atirando contra o Catholicismo lama de insultos e injurias, abandona os vistosos pavilhões do antigo Israel ; mas no mesmo seculo a esposa de Jesus ver-se-ha obrigada a dilatar suas tendas para acolher os milhões de novos filhos da America, que nascem da fecunda união da Filha do Céo com o Filho de Deus. A Egreja ganha então mais do que perde. Jesus não a desampara.

De seu lado, a Egreja é tambem constante no seu amor a Jesus.

Aos onze milhões de martyres, com que ella em seus principios estreitou a sagrada aliança com o divino Crucificado, vai atravez dos seculos accrescentando novas victimas testificadoras de sua inextinguivel caridade.

Hoje, como ha desenove seculos, seu amor é o mesmo, e sel-o-ha sempre.

Todos os dias ella vôa á conquista das almas, e de suas caçoilas sobem ao Céo vapores de agradavel odor, exahalados pelas virtudes e meritos de todos os seus filhos.

Assim importa ser constante o amor dos esposos.

Nem os annos, nem as enfermidades, nem as intrigas, nem a propria morte deve separal-os no santo goso da mutua caridade. Quando soar enfim a hora da partida para a eternidade, o amor do esposo sobrevivente ha de mostrar-se com mais viveza: ao ser que lhe foi companheiro inseparavel na vida soccorros da Religião, que lhe abram de par em par as portas do Céo; sentidos funeraes ao barro que foi sanctuario da alma e ha de ser glorificado na universal Resurreição.

---

•

## CAPITULO XIII

### A s e s p o s a s

---

**P**EDE a razão alarguemos mais o discurso sobre os deveres das esposas, que já ficaram resumidos no precedente capítulo.

Procura a Egreja dilatar os horizontes do reino de Christo em obediencia a seu mandado.

A' semelhança da Egreja, devem as esposas obedecer a seus maridos, pois é chefe d'ellas, como diz S. Paulo — *quoniam vir caput est mulieris*. Generosa, dedicada, affectuosa, cumpre seja esta obediencia, e não servil, porque a mulher, como nota S. Agostinho, não é a respeito do seu marido escrava, nem senhora, mas companheira : *viro nec domina, nec ancilla, sed socia*.

Não vêdes como Maria é subordinada a José?

O proprio Deus se encarrega de manifestar como a esposa, Maria, sua mãe, deve subordinar-se ao santo esposo de Nazareth. Todas as ordens do Céo para direcção da Santa

Familia são dadas a José: elle é quem as notifica, e Maria só tem que obedecer. Oh! Neste clarissimo espelho remirae-vos.

E vós, ó esposos, quereis que vossas consortes vos obedeçam?

Deixai-vos penetrar dos conselhos que vos dá a Boccade ouro, S. Chrysostomo. « Havei-vos para vossas esposas como Christo para com a Egreja. Ainda que ao principio encontreis resistencia, alcançareis dobrar-lhes os animos e grangcar-lhes as vontades pelo afínco de cuidados e amor. Não ha cousa que dê ao marido mais poder sobre sua esposa do que esses laços. A companheira devossa vida, a fonte e alimento de vossa felicidade, a mãe de vossos filhos, não é por temor nem por ameaças que deveis submettel-a, mas por affeição e amor.»

« Deus, doutrina o Angelico Doutor, não tirou a mulher da cabeça do homem para que ella não tivesse a pretenção de dominal-o; não tirou tambem de seus pés, para que o homem não fosse tentado a desprezal-a como creada ou escrava; tirou-a do lado do seu coração, e d'algum modo do proprio coração do homem, afim de que elle a considerasse como consocia e igual (1).»

---

(1) *Conveniens fuit mulierem formari de costa viri, ad significandum quod inter virum et mulierem debet esse*

Ahi está, segundo a opinião do proprio Voltaire «uma bella e commovente lição da concordia inalteravel e da affeição, que devem ter as almas dos esposos inseparavelmente unidos».

Outros deveres da esposa não claramente traçados pelos conselhos que Raguel, e sua esposa deram á sua filha, casando-a com o joven Tobias. Eis aqui a passagem da Sagrada Escriptura : Os paes abraçaram sua filha e deixaram-na partir, recommendando-lhe que honrasse seu sogro e sua sogra, amasse seu marido, regesse sua familia, governasse a casa, e em tudo se mostrasse irreprehensivel.»

A primeira recommendação é honrar os paes do esposo.

Honrar é palavra pela qual Deus intima os deveres dos filhos para com os pais. A esposa formando uma só carne com o esposo, é na verdade filha dos paes de seu marido: cumpre-lhe, pois, honral-os como seu esposo os deve honrar. Si outras razões não houvera para honrar os pais do esposo, muito forte sel-o-hiam só os annos.

*socialis conjunctio ; neque enim mulier debet dominare in virum, et ideo non est formata de capite ; neque despici debet a viro tanquam serviliter subjecta, et ideo non est formata de pedibus. I Quæst L. XXXII. art. 3.*

Já alguém observou que Deus sem duvida quiz recompensar a piedade filial da Nação Chineza, fazendo-a viver tão longo tempo na terra que a Providencia lhe deu. O caracter dominante da China é a veneração para com os antepassados.

As cans, emfim, mereceram sempre summa honra, entre todos os povos. No antigo Testamento Deus decreta: «Honrarás a pessoa do ancião.» A razão natural, bem que incompleta, dizer pôde por bocca de um pagão: «Grande respeito a fronte encanecida teve: á ruga senil no tempo antigo dava-se apreço e estimação devida.» (1).

A segunda recommendação é amar o esposo. Este amor a determina a immolar tudo, excepto sua propria consciencia, para agradar seu marido. Portanto, empenhar todos os esforços para reformar em si tudo quanto pode magoal-o; abster-se do que elle razoavelmente não quer, ainda que inoffensivo; procurar accommodar-se ao seu caracter; tornar por delicadas attenções a casa tão amavel, que elle mais a seu contento esteja ahi do que em outro

---

(1) *Magna fuit quondam capitis reverentia cani,  
Inque suo pretio ruga semilis erat.*  
Fast. Lib. V. Trad. do Sr. A. Pimentel.

qualquer logar; conciliar-lhe a affeção de todos, não só filhos, mas estranhos tambem. E' a es-  
posa que possue o segredo de tornar verdadeiro para o marido o verso tão popular de Marmon-  
tel, que vertido para o portuguez, diz assim :

Onde pôde uma pessoa estar mais a seu  
grado que no seio de sua familia ?

O mais caro espectaculo para Racine, o immortal poeta frances, era sua familia. Seu mais saboroso passatempo, escreve seu filho, era poder conviver alguns dias comnosco, es-  
quivando-se aos regalos da Corte. Certo dia em que elle vinha de Versailles para folgar entre seus filhos, recebeu convite do duque de Bourbon para ir jantar no hotel de Condé. «Eu não terei esta honra, respondeu Racine ao es-  
cudeiro que lhe trouxe o convite. Ha mais de oito dias que não vejo minha mulher e filhos, que no dia de hoje me espera festivamente para jantarmos um peixe : não posso de modo algum faltar a este banquete». (1)

Outra recommendação é reger a familia, governar a casa.

O encargo de reger o interior da casa é por direito attribuição da mulher. De portas a dentro cumpre-lhe derramar a actividade da alma,

---

(1) Mémoires sur la vie de Jean Racine, p. 19. Œuvres de Jean Racine t. 1 Petital, Seulis, 1826.

e riquezas do coração, de modo que, influindo saudaveis sentimentos em tudo que a circumda os transborde para fóra do lare para o futuro nos filhos.

A casa é um mundo pequeno onde tumultuam todas as paixões e os mais encontrados interesses. E como tudo o que toca ao interior da casa depende mais dos cuidados da esposa do que dos do marido, por conta della corre logo o fazer que no lar vivam todos em estreita harmonia.

A ella pertence preparar as refeições, ter a ponto o vestuario, velar pela economia, ordem, paz, etc.— A ella o zelar que tudo se faça a tempo ehora, e que dentro do lar todos cumpram com exacção seus deveres, servindo a Deus.

Deve pois a esposa invocar todas as energias da alma para ter ou adquirir as qualidades d'uma boa governante: prudencia para guiar todos os espiritos, paciencia para deixar passar as tempestades e esperar o momento opportuno, discreção para guardar os segredos e falar a proposito, coragem para se oppôr ao mal.

Esta é a mulher forte, de que falla o Ecclesiastico, a qual enriquece seu marido e enche de paz os annos da vida d'elle.

Mulier fortis oblectat virum suum, et annos vitae illius in pace implebit, v. 2, c. 26.—

O Ecclesiastico chama forte, diz Cornelio a Lapide, a mulher de virtude, que é diligente, trabalhadora, cuidadosa, dotada de juizo e conselho, e que, semelhante á solicita abelha, administra bem por industria e labor a sua familia, educa no bom caminho seus filhos, provê o sustento, vestido e todas as cousas de servos e creadas, augmenta os bens da casa, e finalmente concilia para seu esposo, filhos, e para si, riquezas, honra e gloria. (1)

Mas como poderá andar bem governada a casa em que não pára a mãe de familia, que só em espraiar-se por fóra se occupa, e que, julgando officio pouco digno de si o velar por menores do viver domestico, o deixa, sem trabalho nem trabelho, por conta de creadas infieis ou filhas inexperientes !

Não menos importante é que a mulher se mostre irreprehensivel em tudo.

Intrigas na familia mettem a perdição em casa. Para vencel-as a esposa deve mostrar-se inocente tanto por palavras como por actos, mas principalmente por estes.

Nisto está o segredo do seu socego. O pudor é uma virtude protectora. Abracem o conselho de S. Pedro, e nunca se lhes apague da lembrança «Vossos maridos aprendam a vos

---

(1) Logar citado.

respeitar, considerando com temor a castidade de vosso proceder: considerantes in temore castam conversationem vestram. 1 Petr. III, 2.

Trazer ocupadas as horas do dia é remover occasião de muitas desavenças...

A vida humana, diz S. J. Chrysostomo, se compõe de officios publicos e occupações domésticas, que Deus dividiu entre os douis sexos.

Elle destinou a mulher para empregos inteiiores, os homens para negocios de fóra. A mulher não irá velar sobre a tenda, dar e dirigir batalhas, assentar-se no tribunal, nem governar a republica; a parte que lhe cabe, é a economia domestica, a vigilancia activa da casa, a educação de seus filhos, conter a familia no dever, prevenir as necessidades do esposo, velar em mil outros cuidados, cujo cargo nem ficaria bem ao homem, nem lhe seria facil tomar. Por este meio, a divina Providencia estabeleceu uma mutua dependencia. A porção que toca ao homem tem alguma cousa de mais nobre, para manter a mulher no respeito e submissão; o officio da mulher, menos elevado, não é menos necessário para fazer sentir ao esposo que elle não pôde dispensal-a. Feliz concordia do poder e da ternura, que modera a vivacidade d'um sexo e adoça a rudeza do outro; que põe de um lado a auctoridade da lei, e

d'outro o imperio ainda mais poderoso da doença.»

Que perfeitos exemplares não registra a historia da influencia da esposa no proceder de seu marido? Quantas pela força das virtudes que praticaram, reduziram a bon caminho esposos transviados, com quem nada poude a palavra do sacerdote!

O rosto d'uma boa esposa é para o lar domestico, diz o Ecclesiastico, o que o sol nascente é para a natureza alegria, vida, felicidade. *Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei, sic mulieris bonæ species in ornamentum domus ejus.* V. 21, XVVI.

Lembremos aqui ao leitor uma ou outra d'essas virtuosas consortes de quem com razão se ufana a historia da humanidade.

S. Clothildes converte por sua paciencia, conselhos e bons exemplos, a Clovis, rei dos Francos, e pagão. Ella amiuda instancias junto de seu esposo para ser baptisado na Religião seu primogenito filho. A' custa de muitas lagrimas obtém a permissão, mas o filhinho morre logo depois de baptisado. O rei carregado de reprehensões a esposa, attribuindo a morte do filho ao ter sido baptisado no Christianismo. Com tão duros contrastes não se acobarda a grande alma de Clothildes, a qual lhe observa que Deus queria para si e lhes tomava as pri-

micias. «A dôr que me causa sua perda, respondia Clothildes, é equilibrada pela certeza de que elle está no Céo, onde Deus recebe os filhos mortos depois do baptismo.»

Nunca a piedosa esposa deixava de supplicar a conversão de Clovis, e afinal conseguiu que Deus viesse em seu socorro, e S. Remigio o baptizou e toda familia real, e por este meio a França entrou sob o jugo do Evangelho. Flo-doardo. Hist. Ecc. Remens. l. 1, c. 18.

Vêde como Santa Cecilia converte seu esposo, o pagão Valeriano. Ei-lo nas catacumbas pedindo o baptismo ao Papa Urbano, e este prostrado diz a Jesus: «Bom Pastor, Cecilia, vossa serva, como industriosa abelha, cumpriu a missão que lhe confiastes. Este esposo, que ella recebera como um leão furioso, num instante tornou-se o mais doce dos cordeiros.»

Vêde como Santa Pulcheria transforma a corte de Constantinopla em casa de santidade. «A devoção, diz o insuspeito Gibbon, não impedia Pulcheria de velar com atenção infatigável nos negócios do governo. Ella dividia o seu tempo entre os deveres da religião, obras de caridade christã e o cuidado dos negócios do imperio. Applicada á oração, ella cantava com suas irmãs em horas determinadas, de dia e de noite, os louvores de Deus. A prudencia presidia sempre suas deliberações... Fazendo

mover sem ruido e sem ostentação as rodas do governo, ella attribuia discretamente ao genio do imperador a longa tranquillidade do seu reino. Nos derradeiros annos de sua placida vida, a Europa soffreu muito com a invasão de Attila, mas a paz continuou sempre a reinar nas vastas provincias da Asia. A doçura d'esta administração prospera merece ao menos alguns elogios.» Gibbon. Hist. de la décad. de l'emp. rom., c. 32, t. 6.

Notae como a rainha Theodolinda converteu ao catholicismo seu esposo, o ariano Agilulfo, e com elle os Lombardos. Eis como S. Gregorio Magno escrevia á piedosa rainha «Pelo abade Probo viemos a saber o que tendes feito em favor da Egreja de Deus. — Graças sejam dadas a este Deus Omnipotente, cuja piedade dirige vosso coração, cuja fé illumina vossa intelligencia, cuja benção acompanha todas as vossas obras. A vós é devida a paz, de que gozamos.» Paul. Diac., de Gest. Longobard., lib. IV, c. V e X, Dar. t. 15, p. 214.

A heroica Ingundes resiste ás solicitações e perseguições, com que pretendiam fazel-a abraçar o arianismo e determina seu esposo Hermenegildo a professar a fé catholica, e por este meio converte toda a Espanha á verdadeira crença. (Greg. de Tours, Hist. Franc. lib V, c. XXXIX.

Vede Monica, a mãe de S. Agostinho. «Aos treze annos seus paes a casaram com um nobre varão chamado Patricio, que, com ser de nobre sangue, era herege terrivel, e de má condicão em extremo, coisas ambas mui penosas para a serva de Deus; porém ella tudo soffria com grande paciencia sem lhe responder quando o via agastado, ainda sendo d'elle maltratada, offerecendo resignada a Deus aquelle trabalho; e depois que o via socegado, com palavras de humildade lhe dava razão de tudo... Oh! quantas más obras, injurias e ameaças soffreu d'aquelle seu marido, sendo ella muito solicita em o servir, e muito humilde em lhe obedecer! Dava esmolas, fazia orações com lagrimas, e mandava dizer missas, para que Deus allumiasse a alma de seu marido, e o tirasse do engano e heresia em que estava. Finalmente, perseverando a serva de Deus em tão santos exercicios, ouviu-a o Senhor, converteu o seu marido á verdadeira fé, e Patricio fez penitencia de seus peccados e morreu catholico...»

«Diz Santo Agostinho, fallando d'elle, que depois que se converteu, era humilde e manso sendo d'antes irado e soberbo, e que tratava a Santa Monica com muito amor e cortezia depois que Deus o allumiou.» (1)

---

(1) Padre Diogo do Rosario, 4 de Maio.

Eis um bello modelo para as esposas. A força de brandura, humildade e oração poderão vencer a má condição, soberba e perversidade de seus esposos.

---

## CAPITULO XIV

### **Paes.— Sua dignidade**

---

**A**PATERNIDADE é a mais elevada dignidade que existe sobre a terra. Nenhuma outra lhe pôde levar a palma. De feito, ella é a comunicação da vida a ser vivo. São, portanto, os paes cooperadores de Deus na producção da obra prima de suas mãos. Deus, diz Ventura, associa os paes ao mysterio d'essa união intima pela qual, nas profundezas de sua natureza eterna, o Verbo nasce da substancia divina, pois lhes concede o privilegio de gerarem tambem filhos de sua propria substancia. A isto é que faz allusão S. Paulo quando diz que toda a paternidade humana recebe sua razão de ser da paternidade divina *ex quo omnis paternitas in cœlis, et in terra nominalur. Eph. 3, 15. Venit. 2º, 430. Paraboles de Jesus-Christ.*

São elles os auctores do homem, que, reunindo em seu organismo prodigioso todos os reinos da natureza collocados abaixo d'elle

entra por sua razão na ordem das intelligencias, que se elevam acima d'elle. São productores do homem, união pessoal da materia e do espirito, o ultimo na gerarchia das intelligencias e o primeiro na dos corpos, mediador vivo d'estes douos mundos que nelle se unem e abreviam. (1)

Comprehende-se, pois, que os ministerios mais elevados se ornem com essa sublime dignidade.

Pae da patria — é este o titulo com que de de preferencia é honrado aquelle que salva sua patria, e pae do povo — o rei prudente que faz crescer a prosperidade d'uma nação.

Padres (paes) conscriptos — os magistratados, cujos deveres e dignidade uma republica quer exprimir numa só palavra. Mons. *Le rad.* p. 107.

Na ordem espiritual, — o sacerdote é padre ou pae, assim chamado porque gera as almas para a vida da graça. A mesma origem latina *patre* deu os nomes padre ou pae, confundidos d'est'arte na origem e na dignidade de officio; o Bispo é pae de seus diocesanos, a quem não dá outro nome senão o de filhos; o Papa é o pae por excellencia, o pae de todos os Christãos, como lhe chamou o C. do Vaticano : *et omnium christianorum patrem*.

---

(1) *Felix* 1856, p. 177.

Os povos christãos confessam reconhecidos essa grande dignidade do soberano Pontífice, quando lhe dão o nome de Papa, que quer dizer pae por excellencia, e como um echo dos corações christãos ficará sempre a retumbar pelo mundo a voz do Imperador Carlos Magno escrevendo ao Papa em 784 : Sæúda-vos... vosso filho Carlos e vossa filha Fastrada . (1)

---

---

(2) Salutat vos... filius vester Carolus et filia vestra Fastruda. Hist. de Pie VII, Artaud.

## CAPITULO XV

### **Direito dos paes**

---

**A**FATERNIDADE envolve necessariamente o poder de proteger, conservar o filho, a quem os paes communicaram a existencia, pois conservar é crear continuamente.

Este ser, dado á existencia em virtude da acção geradora dos páes, é um composto de alma e corpo, e ambos, portanto, ficam sob a vigilancia do poder paterno. Daqui a seguinte consequencia: o ensino da alma é tambem direito inalienavel dos paes que são os canaes que Deus escolheu para lhe comunicar as luzes.

«Alguns, inspiremo-nos em P. Janet, quizeram roubar o filho á familia para dal-o á sociedade, ao Estado: era cahir em grande erro, porque o filho deve evidentemente pertencer a aquelles sem os quaes elle não existiria... Os paes tem com toda a evidencia o dever de carregar com o menino, porque são causa da exis-

tencia d'elle; mas este dever lhes cria pela mesma razão um direito; por quanto como seriam responsaveis por esse ser que elles criaram, si não pudessem dispor d'elle numa certa medida?

Ha entre os paes e os filhos um laço phisico, um laço de coração, e um laço de razão: que auctoridade pôde no mundo correr parellhas com a paterna? Nenhuma repousa sobre principios mais naturaes, nenhuma é mais necessaria, nenhuma é cercada de maiores amparos.

Os paes tem sobre os filhos direito de autoridade, mas não de propriedade. »

«O absurdo da doutrina, que pretende arrebatar os filhos á familia para entregal-os ao Estado, revela-se-nos em toda a luz de sua injustiça revoltante, quando considerada em relação á mãe e ao filho. Este menino que ella trouxe no ventre com fadiga, a quem deu á luz entre perigos e dores, ao qual sacrificao frescor de sua mocidade, sua belleza, saude e talvez a vida, a quem pertence senão á mãe? A sociedade, essa madrasta, teria cuidados e sacrificios semelhantes, igual esquecimento de si mesma, e igual condescendencia para com a fraqueza do menino? A natureza, pondo nos seios da mãe a fonte do primeiro e suave nutrimento do filho, não quiz estabelecer entre ella e elle re-

lação tão sensivel, que a ninguem passasse pelo pensamento contestar seus direitos?» (1)

A mesma paternidade suppõe por natureza das couas o poder governativo nos paes.

A familia é uma sociedade, e toda a sociedade suppõe governo. Ora, o governo na sociedade deve pertencer a aquelle que é superior, e na sociedade doméstica os paes são superiores aos filhos.

Sobre as frontes dos paes brilha um raio da magestade divina, pois segundo a linguagem christã, elles são imagens vivas do Deus Creador, e representantes veneraveis do nosso Pae que está nos Céos.

A voz divina, que promulga bençôes ao filho que ama seus paes e lança maldição nos que os ultrajam, (2) relembra no foco doméstico a inexgotavel ternura com que devem os paes governar seus filhos, e estes responder por obras de facil obediencia á direcção paterna.

Conta a historia que S. Leonidas, martyr, muitas vezes se approximava do leito em que repousava Origines, seu filho, descobria-lhe o peito e beijava o com respeito como sanctuario em que residia o espirito de Deus.

---

(1) Janet, *La Famille*, p. 108 e 110.

(2) Levit. XX, 9.

O direito de governar suppõe o poder de correção, sem o qual as leis carecem de sancção penal. Aos paes, portanto, não pôde faltar este direito.

Os filhos tem inclinações más, instintos contrarios á propria formação; a alma tem suas revoltas : é mister corrigir.

Os deveres dos paes fundam-se nos seus direitos, parecem confundir-se entre si, e uns e outros podem encerrar-se na grande arte de educar seu filho .

---

## CAPITULO XVI

### Educação

---

**M**as que é educar o filho?

E' cuidar attentamente d'elle desde o primeiro raiar de sua existencia; evitar-lhe os accidentes que possam fazel-o perecer quanto á alma e o corpo; semear-lhe o espirito com noções do Bom e do Bello; inspirar-lhe os sentimentos do decoro, amor ao trabalho, affeição á familia, dedicação á patria; estimular-l-o para o bem proprio e commum; numa palavra — adestral-o nas prescripções do Evangelho, este resumo da sciencia divina, unica que pôde formar homens livres e cidadãos virtuosos.

Não ha duvida que é tarefa difícil de ser emprehendida e levada a bom fim. mas facilitada será a empreza pela força e constancia do querer, sustentado e avigorado pela graça divina, para a qual não ha impossiveis.

«O que eu entendo por dever de educação a

dar aos filhos, aqui vão pensamentos de S. João Chrysostomo, não é sómente impedir que elles morram de fome. Para isso excusados são livros e codigos. Eu fallo da necessidade de formar seu coração na virtude e piedade, dever sagrado do qual se não pôde eximir sem uina sorte de filhicidio.

A obrigação é neste ponto cominum a paes e mães.

Veem-se paes que tudo machinam e fazem para dar aos filhos luzidos cavallos, luxuosas habitações, avultados cabedaes, numa palavra, ambicionam fazer d'elles cidadãos opulentos ; mas pouco lhes importa grangear para a alma dos filhos opulento peculio de virtudes.

Crime de extrema demencia, que arruina o mundo, é não cuidarmos de nossos filhos, desprezarmos suas almas, e só lhes procurarmos possessões e riquezas. Sabei que os haveres, ainda que muitos e sumptuosos, serão logo dissipados com summo damno para o possuidor, desde que elle não seja dotado de probidade, industria, e virtude para administral-os.

Todo o ponto está, não em fazel-os fartos de prata, oiro e outras cousas semelhantes, mas sim em tornal-os riquissimos em piedade, temperança e outras virtudes. Ensinae-os a se contentarem com o que houver, a não crearem

para si imaginarias necessidades, e a avaliarem os bens de cá pelo preço que valem. »

A estas palavras de S. João Chrysostomo puderamos accrescentar o conceito de Lucena «que a fortuna com a mesma pressa, com que se riu para nós, se rirá de nós. »

Os deveres dos paes para com seus filhos começam ainda antes que elles nasçam.

Já alludimos ao crime nefando, de que se tornam réos os casados que, novos manichêos, impedem acinte e voluntariamente a concepção.

Concebido o feto, devem evitar matar a creança no seio materno, e separar as causas que possam favorecer o aborto. Este cuidado não incumbe á mãe sómente, mas diz respeito tambem ao pae, o qual deve tratar de remover tudo quanto pôde fazer mal á creança.

Sois christãos, ó paes, e não pagãos, para quem os infanticidios não eram attentados. O seio das mães deve ser para vós logar sagrado: é um ser destinado á gloria eterna, com direitos a participar do sangue de Jesus, que se vae formando ahi para a vida. Se extinguis na fonte essa existencia, incorreis as iras do Céo, e vergaes sob o anatherna da Egreja, cuja voz é bem diversa da do paganismo.

Este, pelo ensino de seus philosophos, con-

vertia o seio das mães em theatros de dôres para as infelizes creanças.

Quintiliano, muito ao sério, ensinava « que matar um homem é assaz de vezes crime, matar, porém, os proprios filhos é algumas vezes acção bellissima. »

Os legisladores confirmavam com sua autoridade as theorias de seus philosophos e sacerdotes.

Quem ignora sobre este particular a legislação de Lycurgo?

O menino recem-nascido era examinado pelos anciãos, os quaes, si o julgavam bello e robusto, sentenciavam que fosse nutrido; ao contrario, mandavam lançal-o nos Apothetas, onde morriam. (1)

Michelet retrata o poder paterno entre os Romanos com palavras, que fazem arrepiar de horror as nossas carnes. « A indole antiga da familia, diz elle, é feroz e exclusiva mulher, filhos, e servos, são corpos, são cousas, mas não representam pessoas.

Pertericem ao chefe; este pôde varal-os, vendel-os ou matal-os. »

Os paes gozavam sobre os filhos *jus vilæ, el necis*, direito de vida e de morte. Quando

---

(1) Vie de Lycurgue par Plutarque, traduc. d'Amyot, p. 30.

nascia uma criança entre os Romanos, depunham-na aos pés do pae: si este a levantava do chão, o menino devia viver, si não, a morte punha termo a seus dias, ou ahi ficava como filho exposto.

O mesmo costume reinava entre os Gregos. (2)

O barbaro costume, que ainda agora existe na China, prova o que é o homem sem as luzes do Evangelho.

Ainda não são passados muitos annos que um jornal catholico de Chang-Haü, I-wen-lou, publicou uma Proclamação do prefeito de Nan-Tchang contra o costume de afogar as creanças do sexo feminino. Foi nos ultimos tres mezes do anno de 1896 que foi dada ao publico a supradicta Proclamação.

Ahi se lê: «Nós, prefeito de Nan-Tchang e subprefeito de Sin-Kien, ao tomarmos posse do cargo, fomos informados dos costumes dos habitantes e soubemos que eram virtuosos, á excepção do costume de afogar as creanças do sexo feminino, que não foi ainda extirpado.»

O prefeito examina os motivos que levam paes e mães a tão barbaro costume, e aponta

---

(2) Olr. de Bonald, Recherches Philosophiques, p. 454 e Essai Analytique, p. 205; Bergier, Dictionnaire de Théologie, palavra Eufant; Antiquités grecques, t. II, c. 13; antiq. rom. t. I, p. 76.

tres : 1º o não quererem os paes tomar o trabalho da creaçao de filhas, que aos 16 annos, mais ou menos, se casam, e por isso não lhes dão lucro em casa; 2º o desejo de terem filhos, que são mais aptos para o trabalho ; 3º o temor de não poderem fazer despezas para o casamento das filhas.

Procura o prefeito aconselhar os meios de extirpar o mal, e amacaça com penas os delinquentes.

Note-se, diz o padre Adigard, que as mães são assinaladas como mais criminosas que os paes. *Études, tomo 71, pag. 379 e seguintes.*

O aborto era considerado perfeitamente licito. Plinio o testifica *Vis ea annua est quam solam ex omni alocio dixisse fas sit, quoniam aliquarum fæcunditas plena liberis tali venia indigel.* Lib. XXIX, c. 4, p. 507

Satyricas vergastadas applica Juvenal ao costume «de esterilizar as mulheres e matar a creancinha no seio de sua mãe .»

*Quæ steriles facil, atque homines in ventre necandos  
Conducit. Salyra VI*

O espirito coino que se toma de terror ao descortinar tão tristes espectaculos. Voltemos, pois, os olhos de scenas tão asquerosas, e, como Christãos, escutemos o que a Egreja ensina.

S. Agostinho diz que os abortos voluntários são outros tantos homicídios.

«Vós, lê-se nas Constituições Apostólicas, auctorisaes a exposição e a morte da creança, antes e depois de nascida; e nós sem hesitação vos declaramos — que a morte violenta de todo ente racional será vingada como acção iniqua.» (1)

Para arrancar de raiz o barbáro vício do paganismo, a Igreja nos seus Concílios decretava contra as mulheres cristãs culpadas de infanticídio «proibição de entrarem nos templos por toda a vida». No quarto século o Concílio Ancyrense abrandava essa penalidade com o reduzir a dez anos o tempo da exclusão do recinto sagrado. (1)

Cinco anos de exílio e vinte de penitência pública eram impostos pelos canones penitenciais ao pae que fosse causa voluntaria de in-

---

(1) Const. Ap., citadas por Constant.

(1) De mulieribus quæ fornicantur et partus suos necant, sed et de his quæ agunt secum, ut utero conceptus execuantur, antiqua quidem definitio est, usque ad exitum vitæ eas ab Ecclesia removeri. Humanius autem definimus ut eis decem annorum tempus tribuatur. Concil. Aucy. c. 21, de Mulier.

fanticidio, e em tres annos de penitencia incorria a mulher que por sua culpa abortasse. (1)

Eis como a Egreja ia, quanto d'ella dependia, semeando moralidade nas raças pagãs convertidas ao christianismo, mas ainda contaminadas da geral depravação ; eis como ia defendendo a fraqueza da infancia contra a perversidade de paes, no fundo de cujas almas começava apenas a apontar a luz da fé.

Nascida a creança, continua para os paes o dever de lhe conservarem e desenvolverem a vida.

Obrigação tão consentanea á indole da razão humana não adquiriu acceptaçao na consciencia publica, antes que Jesus Christo fizesse brotar no seio do mundo pagão as águas salutares de sua celeste doutrina .

Os Decemviros, cuja legislação reflecte o espirito grego, não só permittiam, mas ordenavam que o pae matasse o filho grandemente disforme. (2)

Um estremecimento de horror percorre os nervos do christão ao ler as palavras com que

---

(1) Qui voluntarie filium suum et filiam suam... occiderit quinque annis extra metas ipsius terræ exsul fiat : deinceps viginti annis pœnitentia. Si qua mulier sponte abortum fecerit, pœnitentiam aget tres annos. Can. Pœnit., Præceptum V — Non occides.

(2) Pater insignem ad deformitatem puerum cito necato. Tab. IV.

Seneca, o philosopho, cita e approva a matança dos filhos monstruosos, debeis ou unicamente disformes. *Portentosos fœlus extinguiimus, liberos quoque, si debiles monstrosique edili sunt, mergimus: non ira, sed ratio est, a sanis inutilia secernere.* De Ira, lib. 1, c. 25.

Que era em Athenas, a rainha da civilisação, o Cynosargo?

Era um gymnasio onde se expunham as creanças. Ricos e pobres engeitavam seus filhos: uns porque, como explica Plutarco, temiam lhes deixar como herança a pobreza, outros porque os não queriam crear, ou desejavam achar quem os sepultasse. (1)

Deixemos no silencio os cruentos sacrificios, tão á moda entre os pagãos, de immolar as creanças a deuses falsos: « Os Carthaginezes sacrificavam seus filhos ao Deus Saturno, e os ricos que não tinham filhos, os compravam aos pobres para esse fim.

« A mãe assistia á immolação de seu filho, com olhos enxutos e soluços abafados, sob pena de perder a honra, perdendo o filho. » E' Plutarco quem o affirma. (2).

---

(1) Plut., *De l'amour naturel des pères et des eufs*, t. 2, Trad. d'Amyot. Lexicon totius latin de Forcellini, palav. tollere; Adam, *Antiquités rom.* t. 1, pug. 76, Denys d'Halicarnasse, liv. VIII.

(2) Vê De Maistre, t. 5, pag. 452, *Oeuvres*.

A Egreja, logo que em suas mãos esteve, procurou cicatrizar esta ulcera sinuosa e purulenta.

O Concilio d'Arles anathematiza o expôr as creanças. (1)

Não pára, porém, em só condenar a mingua do amor paterno, acode tambem e logo com o remedio de casas destinadas a suprir com os cuidados de novas mães a crueldade das antigas.

Fructos da caridade christã foram desde o principio entre os Gregos o que elles chamam brephotrophios, isto é, edificios ou logares destinados a recolher os engeitados e nutril-os. (2)

Os 318 Bispos do Concilio de Nicéa ordenam que em cada cidade haja um edificio com o nome de xenodochio, para recepção de viandantes e pobres, em cujo numero segundo Muratori. eram incluidos os meninos expostos. (3)

A fraqueza do filho deve aos bafos da doutrina christã a força, que hoje exerce sobre o coração de seus paes.

---

(1) Constant, O Papa e a Liberdade.

(2) Bergier, obra citada, pal. Enfant; Lexicon lat. redigido segundo o plano de Quicherat.

(3) Constant, obra citada p. 168.

E' o que ainda mais claramente veremos nos capitulos seguintes em que recordaremos o ensino da Egreja, cujos vestigios a maldade humana parece trabalhar hoje para apagar completamente.

---

## CAPITULO XVII

### **Amamentação e baptismo**

---

**D**EUS, segundo o pensamento de Bossuet, não nos creou sómente por sua palavra, mas respirando, para nos ensinar que nossa alma procede do interior d'elle, assim como do nosso intimo procede a respiração... Mas como a respiração não sáe senão para tornar a entrar «assim nossa alma não sahe de Deus senão para tornar a elle; Deus a respira para aspiral-a de novo.» (1)

Entretanto «lembremos, diz Bossuet na sua Historia Universal, que Moysés propõe a homens carnaes, por meio de imagens sensíveis, verdades puras e intellectuaes. Não julguemos que Deus sofre á maneira dos animaes.

---

(1) Sur l'excellence de l'âme. T. 11, p. 622. Landriot L'Euch. fe. 410.

Não acreditemos que nossa alma seja ar subtil ou fino sopro.

O spiraculo, com que Deus animou Adão, não é ar nem vapor. Longe de nós o pensamento de que nossa alma seja uma parte da natureza divina, como sonharam alguns philosophos. Deus não é um todo que se divida... A alma é creada, e de tal maneira que ella nada tem da natureza divina, mas creada sómente á imagem e semelhança d'essa natureza, uma cousa que deve ficar sempre unida a quem a creou; isto é o que quer dizer esse sopro divino; isto é o que nos representa este espirito de vida.» *Discours sur l'Hist. Univ. 2me., c. 1.*

Considerem os paes que a creança é figura de Christo, e custou-lhe o preço infinito de seu sangue : *empli estis prelio magno.*

Como da creaçao do homem dizia Tertulliano, podemos nós affirmar que a « Omnipotencia divina se occupa e se absorve toda nesta nova obra de suas mãos. *Recogita totum illi Deum occupatum ac deditum. De Resurr. car.*

Recolhamo-nos, continua o mesmo escritor, sigamos a mão de Deus, seu pensamento, seu conselho, sua providencia, e principalmente seu amor ; contemplem o inteiramente ocupado em cada lineamento da forma humana . O limo da terra nas mãos de Deus (si assim é possivel dizer) é bastante honrado por tal contacto. Uma ordem tinha basta-

do para tirar do nada as outras criaturas destinadas ao homem.

Mas este, seu futuro Senhor, para ter o direito de reinar sobre elas, devia ser formado pelas mãos de Deus. Tão grande era esta obra que ia sahir do limo da terra ! Cada traço, cada linha do obreiro divino, expresso na argilla, recordava o Christo que um dia havia de nascer homem. *Christus cogitabatur homo futurus.*

Ao primeiro aspecto, diz profundo escritor, se conhece no homem o rei da criação. A mesma natureza indica que o homem foi criado para o Céo. Todos os animaes tem o corpo pendido para a terra, como para renderem homenagem a alguém. O homem só tem estatura naturalmente erecta e altitude de mundo. A mesma natureza lhe diz que elle é o representante de Deus, e, como tal, ha de tocar a terra apenas pelas extremidades mais separadas.

O paganismo o confessou tambem pela musa de Ovidio :

Os homini sublimi dedit cœlumque tueri  
Jussit et erectos ad sidera tollere vultus.

Olhae, eil-o como Deus o fez, exclama, Felix : o homem ergue-se sobre os pés, olha o Céo dominando a terra ; dir-se-hia que elle

busca seu Creador, afim de levar comsigo para seu centro divino a creação que resume e resplende nelle. 1856, pag. 82.

Deus fez o homem á sua imagem e semelhança, nol-o diz a Sagrada Escritura. Ora, na economia do seu governo, Deus, pondera o Padre Ventura, quiz que toda a accão que elle directamente exerceu a respeito do primeiro homem, fosse pelos homens continuada a respeito de seus semelhantes. Os paes, portanto, são encarregados divinamente de formar os filhos á sua propria imagem, como Deus formou o primeiro homem á sua. *Creavit hominem ad imaginem suam.*

Claro está que os filhos serão modelados pela imagem de Deus, porque é a esta imagem divina que os paes foram formados.

A Deus pertence o filho que lhes nasce. Aos ouvidos dos paes resõe sempre a palavra pronunciada pela primeira mãe do genero humano : *posseidi hominem per Deum* — por graça de Deus possuo um filho, um homem, e aos olhos da alma lhes sirvam de columnas de luz para guial-os as phrases que a filha de Pharaó dirigiu á mãe de Moysés, quando lh' o confiou para creal-o Creae-o para mim.

Quando elle ficar grande, eu o admittirei na minha corte, e vos recompensarei.

Esta creação deve-se fazer quanto ao corpo e quanto á alma.

Se os paes devem acudir, quanto podem, pela conservação da vida temporal dos filhos ainda antes de nascidos, o mesmo deve ocorrer após o nascimento.

A faltarem com esta conservação se expõem as mães, que deitam a creança consigo no mesmo leito, onde o menor descuido sobra para fazer que a morte arrebate o filhinho no abrigo da existência.

A mãe compete, de preferencia a qualquer outra pessoa, aleitar seus filhinhos e cercar os dos extremos cuidados, que reclamam seus tenros membros. Isto lh' o ensina a mesma natureza, que poe no seio das mães a fonte do primeiro e suave nutrimento do filho. Rousseau, que não pôde ser suspeito á impiedade, pleiteou a favor d'esta causa em seus escriptos e ganhou-a. (1)

Mas se por motivos razoáveis lhe é mister recorrer a leite estranho, já se não pôde esquivar de escolher pessoa capaz de suprir-lhe do melhor modo as vezes.

A ama deve ser pessoa bem reputada na geral opinião, ornada de modestia e piedade, não dada ás orgias da embriaguez, devassidão nem demasiada loquacidade, e tenha esposo

---

(1) Janet 110 e 111.

tâmbem honesto. Assim aconselha S. Jeronymo á uma dama romana, Leta : *Habeat modestam gerulam. Nutrix ipsa non sit temulenta, non lasciva, non garrula. Nutriliu m gravem habeat.* *Lettres choisies.*

Ciborio da graça, tabernaculo do Espírito Santo é o menino, e como tal não se deve entregar á profanação de amas de máos costumes, honra desairada, e nem se quer de virtudes negativas.

Ordinariamente os paes fazem minuciosa inquirição sobre a saude das amas, e nisto vão bem, mas nada cuidam dos costumes d'ellas, que comtudo deviam attrahir-lhes particulares desvelos. Ora, si é certo que o homem moral se forma nos joelhos da mãe, como dizia De Maistre, calculae o resultado da influencia de amas de máos costumes no futuro da creança ! A irritabilidade d'ellas, suas palavras pouco comedidas, seus tactos maliciosos, lançarão na alma da creança sementes productoras do mal futuro, e como a lan uma vez repassada na purpura de Tyro conserva sempre sua cõr, assim, compara o bispo de Châlons, a creança conservará a boa ou má impressão recebida na infancia.

Das amas não despreguem as mães attento olhar, pois que não lhes deve ser indiferente o modo com que uma serva toca, veste ou acaricia o menino. «Repugna, diz S. Jerony-

mo, que a ama seja preferida á mãe.» Esta, pois, não se alongue do filhinho, porque das duas será com certeza preferida a que velar com mais assidua applicação de dia, curtir com elle vigilias de penosa lentidão á noute, cantar mais branduras para o adormentar, sorrir-lhe mais ternuras para o distrahir, apertal-o mais e mais conchegado ao peito, boloiçar o seu berço ao murmurio dos mais doces canticos, bafejar-lhe mais fragancias de carinhos, e trazer mais á lerta os ouvidos para escutar seus vagidos.

A mais doce consolação para uma christan deve ser a companhia do filho por ella dado a existencia.

Eis aqui como falla uma joven e nobre christan, a martyr Vibia Perpetua, mettida no calabouço por ordem do Imperador Septimo Severo : «O que me causava extrema afflccção era estar privada de meu filhinho. Dous caridosos diaconos alcançaram que nos puzessem mais a larga. Cada um cuidava no que lhe dizia respeito, Quanto a mim, puz-me a amamentar o meu filhinho, cuja debilidade era grande, visto como desde muito não lhe era dado provar leite, que o nutrisse. Muito padeci por este motivo e durante muitos dias. Mastendo obtido que não me inquietassem na posse de meu filho, comecei logo a não mais padecer, e o carcere, de intoleravel que era antes, transformou-

se para mim em aprazivel morada. » *Act. Sincer-apud Ruinart t. 1, p. 210 e seg.*

«Ha na mãe, diz Saint-Marc Girardin, duas cousas, o leite da ama e a affeição da mãe. O aleitamento é apenas o menor lado do amor materno. Ha muitas mulheres que são boas amas e mães mediocres; ellas tem os peitos cheios e o coração secco. Ao revez, ha muitas mulheres que são ruins amas e optimas mães, isto é, amam o berço de seu filho, seus primeiros passos, seus primeiros sorrisos, e seu primeiro balbuciar; ellas só cedem para a ama o aleitamento e reservam para si os outros cuidados, não ignobeis sem duvida, pois que são o signal d'um doce e grande dever executado com paciencia. *Janet 112.*

Mas, o mais importante dever dos paes christãos, depois de nascida a creança, é lhes procurar o baptismo. Differil-o por muito tempo seria culpa grave. Nalgumas dioceses de certos paizes, o deixar, sem motivo rasoavel, de baptizar a creança, dentro dos oito dias depois de nascida, já constitue materia grave para incorrerem em peccado reservado ao Bispo. Como quer que seja, merece altamente reprovada a culposa negligencia de paes que dilatam o baptizamento por pretextos de todo em todo futeis, e, mais cuidadosos do corpo que da alma dos filhos, os expõem a perder o Céo.

O menino nasce manchado da culpa original.

O pae e a mãe não lhe puderam evitar esse golpe; promptamente, porém, elle será curado.

O sacerdote que abençoou a familia, vem abençoar seus fructos; com um signal, com uma palavra, elle abre as portas da alma, logar sagrado, onde se introduziu o demonio, profanador dos nascimentos. Jesus Christo entra como triumphador; com sua Cruz ellecava um leito profundo, onde se precipita o rio de seu sangue; este Nilo divino innunda a alma do menino, a enrubece com sua purpura, enche-a da virtude do Espirito Santo e a impregna de habitos, pelos quaes se reconhecerá mais tarde o Christão.

O' pae ! ó mãe ! O' Christãos ! O menino até agora só tinha vosso sangue, vossa physionomia e a influencia mal segura de vossas virtudes, agora elle tem vossa graça, e o signal de Deus que vol-o deu. *Monsabré—Radic. cont. R. 1872.*

Não será fóra de proposito chamar a atenção dos fieis para as recommendações dadas pelo Ritual Romano sobre o nome que devem dar aos baptisandos, assim como sobre o numero dos padrinhos e suas qualidades. E' dever do christão, sacerdote ou simples fiel, «cuidar que não se imponham nomes obscenos, fabulosos, ridiculos, de vans divindades ou homens impios, pagãos, mas, quanto ser possa, de

**santos, para que os portadores d'esses nomes se excitem pelos exemplos de virtude dos seus protectores a viverem piamente. »**

**« Muitissimo convém que os padrinhos tenham attingido a idade de puberdade e já recebido o Sacramento da Confirmação. »**

**Por decreto do Concilio de Trento nunca devem ser admittidos «dous homens ou duas mulheres para padrinhos no mesmo baptismo ; basta que seja um só padrinho, homem ou mulher, ou quando muito um e uma. »**

**« Não pôdem ser admittidos os infieis, hereges, publicamente excommungados ou interdictos, criminosos publicos, ou infames, dententes, nem os que ignoram os rudimentos da fé. »**

---

## CAPITULO XVIII

**Comegar cedo. Rousseau**

---

De Jesus, que desde o nascimento é chamado o Admiravel, o Conselheiro, o Pontifice da Paz (1), se lê em S. Lucas que crescia em sabedoria e idade diante de Deus e dos homens (2). Qualo motivo? «E', diz Bossuet, para se entender que a sabedoria, que nelle residia com toda a sua plenitude, por uma sabia dispensação se declarava mais e mais com o tempo, por obras e palavras excellentes, diante de Deus e dos homens. *Eléval. sur les myst. 20 sem. XI élév.*

Na alma da creança derramou-se pelo Baptismo o rio da sabedoria divina. O Espírito Santo entrou com seus dons, geradores de virtudes, na alma recemnascida para a vida da graça.

---

(1) Isai. IX. 6

(2) S. Luc. II, 52.

**Esta vida espiritual deve ser conservada e desenvolvida.**

Aos páes incumbe esta grata e dignificante obrigação, que se pôde reduzir ao encargo honrosissimo de formar o menino na virtude, ao mesmo tempo que vai conservando e fazendo crescer nelle a vida do corpo. Assim, graças aos desvelos dos páes, o menino crescerá como Jesus, seu divino typo, em sabedoria e idade diante de Deus e dos homens.

Devem os paes começar cedo. «Tendes filhos? Instrui-os bem e acostumae-os ao jugo desde sua infancia, diz o Senhor. *Fili i libi sunt? erudi illos et curva illos a puerilia..* (1). Reparae que os vicios se fortificam com os annos. *Ossa ejus implebuntur viliis adolescentiae ejus et cum eo in pulvere dormient,* Job. XX 11.

Dizem alguns: deixemos que os meninos aproveitem seu tempo; mais tarde quando forem para o collegio, aprenderão como devem proceder e se corrigirão do que for máo.

Quando não queiram dar ouvidos á voz de Deus, não vêem estes paes que o habito, como dizia Buffon, é outra natureza? Não tem diante dos olhos o ensino quotidiano da natureza que lhes reproduz praticamente o ensino celeste? Alli tendes no jardim uma vergontea que vem

---

(1) Eccl. 7, 25.

crescendo torta. Que nos ensina a experiençia? E' que si o horticulor a não endireita na primeira phase da vida, jamais o poderá fazer.

Assim acontece com a creança. Por isso, aconselhava Ovidio:

*Resiste no principio :  
Tarde chega o remedio  
Si já por largo tempo,  
O mal raizes lançou.* (1) Trad. de Roq.

A Sagrada Escriptura louva muito o Santo homein Tobias, porque ensinou seu filho desde a mais tenra infancia a temer o Senhor e a absster-se de todo o peccado: *Ab infantia timere Deum docuil et abstinere ab omni peccalo.* Tob. 1, 10.

Bem comprehendiam os nossos paes na fé o dever que tinham de cuidar da boa formação moral dos filhos. Eis aqui como a este respeito se exprimiam pelas vozes eloquentes dos Apologistas christãos, S. Justino, Clemente Alexandrino e Athenagoras: «Ou nós não abraçamos o estado do matrimonio, ou si o abraçamos, é unicamente para nos dedicarmos á educação de

---

(1) *Principiis obsta: serò medicina paratur,  
Quum mala per longas invaluere moras.*

nossos filhos; só para elles vivemos e para ensinar-lhes a sā doutrina.» (1)

Em vez de nomes feios aprendam as creanças bem cedo a pronunciar os de Jesus e de Maria.

Esta santa obrigação era fortemente inculcada aos paes pelos mestres da fé. Ouve, ó paes christãos, as palavras que S. Jeronymo vos dirige na pessoa de Leta: «Pensae nos sagrados deveres que vos impõe o precioso deposito que vos foi confiado; escutae de que maneira deve ser educada uma alma destinada a ser o templo de Deus, porque as primicias de todas as cousas são de modo especial devidas ao Senhor. As primeiras palavras, os primeiros pensamentos do menino, devem ser consagrados á piedade.

A alegria da mãe christã será ouvir seu filhinho pronunciar, com voz ainda debil, o doce nome de Jesus Christo; os sons ainda mal articulados dessa lingua delicada ensaiar-se por piedosos canticos. Logo que seja possivel exercitar suas faculdades, fazei que tome de memoria a historia dos patriarchas, dos Prophetas, dos Apostolos, e conheça os Evangelhos, de modo que isto constitua o thesouro de seu co-

---

(2) *S. Just. Apol. I. c. 27—29— Clem. Al. Pœdag. lib. II. c. 4— Athen. Leg. pro Chris. c. 33.*

ração; cada dia vos recite a criança algumas passagens da Escriptura, que serão como o ramilhete de flôres que ella vos offereça; sejam estas cousas seus primeiros divertimentos, os jogos habituaes que a occupem no momento em que adormece, e sua primeira lembrança logo que desperte.» *Lettres choisies de Saint Jérôme*, p. 371.

No mundo está e no mundo ha de viver alguns annos o filhinho que Deus vos deu, si isto permittir a Providencia. Si quereis que esse filho comprehenda o mundo e saiba delle usar como convém para sua ventura, começae por lhe mostrar o Céo. A sciencia religiosa abre e franquêa largos horizontes ás sciencias profanas, ás quaes serve de secundissima e luminosa introducção. Só ella sanctifica a liberdade, defendendo-a de converter-se para o corpo social em veneno corrosivo; só ella desvenda os segredos do coração humano, a lucta do bem e do mal, a razão dos triumphos e quédas das nações, e tem a palavra que explica a vida e a morte... E' a fé religiosa que desabrolha e desenvolve as virtudes que se chamam sociaes. Trazei bem presente ao espirito a profunda e mui verdadeira maxima do celebre Joubert: «Só se comprehende o mundo quando se conhece o Céo; sem o mundo religioso o mundo sensivel offerece um enigma

afflictivo». *Pensées*; p. 15 — *Meign. Salomão.* 262.

Agitadores populares, architectos de uto-pias ousam arvorar em principio a extravagante theoria de Rousseau, que, si bem haja sido muitas vezes refutada, ainda desvaira muita gente.

Não querem, á moda de Rousseau, que se falle de religião com o menino antes dos quinze annos. Estes procedem, diz o Visconde de Bonald, como o homem que não permittisse ao menino caminhar e fallar senão depois que tivesse estudado as leis do movimento e da grammatica.

A razão que dá Rousseau, é que antes dos 16 annos o menino só fará de Deus idéas falsas e incompletas. Si é este o motivo, então nunca se devia fallar de Deus, porque não ha idade em que a razão humana possa comprehendender a natureza divina.

Além disto, o moço que até aos 16 annos nunca tivesse ouvido fallar em Deus, estaria no caso de tão pouco comprehendender esta palavra como um menino. *Janel* 133.

« E' necessario, diz Martin t, 1, p. 166, pôr a moral nos costumes como o habito, antes de pô-la na intelligencia como raciocinio... Mais tarde quando, atormentada pela fonte do saber, nossa alma se lançar nos campos do infinito, tudo se lhe tornará intelligi-

vel; porque as mais sublimes virtudes não se descobrem senão á luz das verdades naturaes e religiosas». Deitem-lhes nos tenros corações a semente da moral divina, germen invisivel que um dia se ha de copar em arvore gigante.

Não devem os páes abrir de mão os filhos, deixando-os entregues a si proprios ; é erro pensar que haja vantagem no deixal-os crescer sem religião, para por si mesmos, com as luzes da propria investigação, resolverem sobre a que hão de abraçar. E' certo que por sua inexperiencia e inscienza têm necessidade de direcção; as regiões do pensamento são inexplicadas para elles e cheios de ardor, viajores imprudentes, não tardarão a desgarrar-se do verdadeiro caminho, si lhes faltar quem os guie. Por ventura deixarão os paes errar seus filhos pelos mattos a titulo da liberdade que devem gozar?

A ordem natural exige que, quando aprendemos alguma coisa, a auctoridade preceda a razão : *naturæ ordo sic habet, ut quum aliquid discimus, rationem præcedat auctoritas.* (S. Ag., *De mor. Eccles. cath.*, c. 11).

Os paes que com veras se applicam á educação dos filhos, desde cedo procuram estudar-lhes cuidadosamente as inclinações; advertem-lhes os descuidos; emendam lhes os defeitos; corrigem-lhes os desmandos; e procuram-lhes

formar o caracter, que para o futuro lhes afiance benevolencia no mundo.

Fujam paes e mães de provar fortuna com os funestos principios do auctor do Emilio. A taes principios assenta com justiça a sentença de Diderot, sobre certa parte de suas illusões : «Não prestam para pregados a meninos nem a pessoas de bem» (1). «Si não fallardes aos meninos no poder divino, sinão quando sua razão estiver bastante forte para desenvolver todas as idéas que esta palavra encerra, nunca ouvirão fallar em tal coisa, e se não lhe fallares em deveres, sinão depois que as paixões lhes tiverem fallado em prazeres, vossas lições ficarão inteiramente perdidas.»

Assim o sabio D. Romualdo, Arcebispo da Bahia, fazendo suas as palavras de Bonald no tomo 3º da Legislação Primitiva, c. 3º.

Mostremos entretanto mais de espaço a necessidade e vantagem da educação religiosa em geral, e depois um lance d'olhos sobre a dada pelos paes no lar domestico. A época actual, em que se fez do ensino leigo um dogma dos governos, necessita o desenvolvimento desses principios elementares da religião Catholica.

---

(1) Glas. p. 255.

## CAPITULO XIX

### Necessidade da Religião

---

**A** Religião é de todos os tempos, precede a sociedade civil e domestica, como o fundamento precede o edificio que sobre elle se ergue.

Adão e Eva recebem preceitos do Creador. Abel sacrificia-lhe as primicias dos seus rebanhos ; e quando sobre as ruinas do mundo primitivo recomeça a segunda época do genero humano, o Patriarcha Noé practica com sua familia o dever da religião, põe-na como fundamento da sociedade nova: sahindo da arca, Noé oferece sacrificio a Deus. A unica familia que escapou de perecer no diluvio, prostra-se na terra purgada dos crimes que a mancharam, agradece a Deus o privilegio da conservação e consagra pelo culto ao Senhor Supremo o mundo postdiluviano que vinha começando. Em nome da huimanidade o chefe da sociedade nascente reconhece, como principio formador e conservador della, a Religião,

Quando Platão, resumindo o sentimento da antiguidade, quizer explicar a causa das grandezas e desgraças das sociedades, pronunciará uma palavra que ha de ficar como luminoso commentario ao sacrificio de Noé: « E' verdade incontestavel que si Deus não preside o estabelecimento de uma cidade, e ella tem começo puramente humano, não pôde escapar ás maiores desgraças» (1). O Ser Supremo, disse Themistio, philosopho pagão e Senador de Constantinopla, poz no coração do homem uma inclinação natural, que o leva á Religião (2).

A Religião, disse E. Laboulay no seu livro — La Liberté Religieuse —, é o factor politico mais importante, o unico fundamento do Estado. Não ha signal mais seguro da ruina d'um Estado que o desprezo do culto divino, disse Machiavel nos discursos sobre Tito-Livio.

Fundamento da sociedade, a Religião o é tambem da civilisação. Spencer diz que recusar á religião o caracter de factor moral e essencial da civilisação na sociedade humana é um preconceito antitheologico, contrario á sociologia.

---

(1) Plat. de leg., t. 8, edit. Bip. p. 186.

(2) Rohrb. t. 7º, p. 10.

Guizot accrescenta que, independentemente de todo o poder politico, a religião é um principio essencialmente social, o aliado natural, o apoio necessario a todo o governo regular, e a primeira força de um paiz.

Tocqueville assignala a maior necessidade desse aliado para o governo republicano, perguntando:— Como pôde deixarde morrer uma sociedade em que, ao passo que se afrouxa o laço politico, não se aperta o social, e o que se ha de fazer de um povo senhor de si, se não fôr sujeito a Deus?

O philosophismo nada pôde neste sentido. Lakanal, membro da Convenção Franceza, falando na sessão de 24 de Outubro 1794 em nome da Comissão da instrucção publica, pronunciou as seguintes palavras, que se podem tomar como anathema lançado pelo orador contra os da sua propria grei: « D'Alembert e Voltaire moraram perto de Frederico, e Diderot perto de Catharina; e a Russia continuou a ficar povoadas de barbaros, e a Prussia de escravos ». *De Maistre 1º p. 396.*

O lyrico de Roma, Horacio, na Ode sexta do Livro terceiro, estampa em bellos versos a confirmação da verdade — que sem religião só ha decadencia.

« Não é desses paes, exclama elle, contemplando a mocidade sceptica de seu tempo, que nasceu a altiva mocidade de outr'ora, que pur-

pureou os mares com o sangue carthaginez, desbaratou Pyrrho, o grande Antiocho e o fe-ro Annibal (1)». Como pois se entibiou seu antigo vigor? Como não chainêa em seu seio o fogo do patriotismo? Ah! E' que os templos caem e a Religião morre; é a ella que Roma deve sua gloria; a ella deve voltar. *Hinc omne principium, huc refer exilum.* Liv. 3º, Ode 6º. Ver. 6º.

Eis aqui ainda consagrada esta verdade pela auctoridade d'um noine cuja fama subiu neste seculo á mais brilhante e extraordinaria elevação.

Este homem, que mui de perto poude es-tudar e conhecer os homens, é o General Na-poleão: « Preciso de discipulos que saibam ser homens; ora, crêdes que o homem possa sé-l-o si elle não é de Deus? O homem sem Deus eu o vi á obra desde 1793 é um homem que não pôde ser governado, sua sorte é ser metra-lhado. »

Ninguem tem direito de ignorar as celebres palavras de Victor Hugo diante da Assembléa Franceza, que discutiu a lei de 1850.

---

(1) Non bis juventus orta parentibus.

Infecit equor sanguine Punico;  
Pyrrhumque, et ingentem cecidit  
Antiochum, Annibalemque dirum.

Liv. 3º, Ode 6º V. 25 a 28.

Depois de afirmar sua crença profunda num mundo melhor que, brilhando através da noite tenebrosa desta vida, allivia o sentimento, santifica o trabalho, torna o homem bom, forte, sabio, paciente, benevolo, justo, ao mesmo tempo humilde e grande, digno da intelligen-cia, digno da liberdade . . . , concluia : « Eu quer-ro então sinceramente, digo mais, quero ar-dentemente o ensino religioso ». Da primeira educação depende o futuro do homem. « Ella decide de toda a nossa vida e della pende a nossa salvação ou condenação, como da cou-ceira pende a porta, diz Cornelio a Lapide : *Ab educatione pendet vila et salus, vel damnalio cu-jusque, sicut oslium pendet a cardine.* »

Com este celebre commentador dos livros santos concordam as vozes pagans de Platão e Philon. Diz este : « Assim como o vaso exhala sempre o odôr das essencias que primeiro o impregnaram, assim nunca se extinguem na alma as primeiras impressões que lhe foram communicadas (1). »

---

(1) *Sicut vasa odorem, quo primum fuerint imbuta, referunt. sic juvenum animi, quae primum formae imagina-tione conceperint, nunquam aboleri sinunt.*

Diz o primeiro : « A educação da infancia é da maior importancia para a direcção de toda a vida (1). »

Mas esta educação deve ser necessariamente christã catholica.

Não basta esta moral bastarda, chamada independente, isto é, sem Deus. « Moral sem Deus, dizia Napoleão, justiça sem tribunaes». « Exquisito tribunal, dizia ironicamente Kant, onde a mesma pessoa é juiz e accusador, e onde, portanto, o individuo está seguro de ganhar sempre a causa. »

Sim, é antes de tudo em formar um verdadeiro christão o em que se devem ocupar os paes. A voz dos sacerdotes é para muita gente suspeita. Citemos, pois, autoridade que até pelos impíos deve ser acolhida como maior de toda exceção. Renan, o malogrado auctor da *Vida de Jesus*, andou melhor inspirado que seus admiradores e copistas, quando disse que « o Nazareno fechou o cyclo dos videntes e dos reformadores, porque sua obra é completa».

Escutemos Rousseau, cujo Emilio, ao parecer de gente livre, encerra o que de mais util se deve ensinar á infancia : « E' então só-

---

(1) Adolescentiae recta institutio est publicorum negotiorum omnium maxime seriums Lib. 6º de Legibus.

mente que o homem encontra o verdadeiro interesse que tem de ser bom, de fazer o bem longe dos olhos dos homens e sem que seja forçado a isto pelas leis, de ser justo perante Deus e a propria consciencia, cumprir o dever á custa da propria vida, e praticar a virtude não sómente por amor da ordem, á qual cada qual prefere sempre o amor de si mesmo, mas por amor do autor do seu ser, amor que se confunde com o mesmo amor de si, para gozar emsí a felicidade duradoura que o repouso da boa consciencia e a contemplação do Ser Supremo lhe promettem na outra vida. Sahi dahi, só vejo injustiça, hypocrisia e mentira entre os homens; o interesse particular, que, na concurrencia detodos os outros, lhes é preferido sempre, ensina a cobrir o vicio com mascara de virtude. Façam todos os homens meu bem á custa do seu; tudo se refira a mim sómente; morra todo o genero humano, se isto fôr mister, na penuria e miseria, afim de poupar-me um momento de dôr e de pena : tal é a linguagem inteira do incredulo que raciocina .»

Eis ahi pelo proprio Rousseau confessado que educaro menino christâmente, isto é, para Deus, seu pae, creador do individuo, assim como da sociedade, é salvaguardar todos os direitos, e que educal-o d'outra maneira é fazel o egoista, que é o mesmo que tornal o selvagem. « Dirijo-me ao primeiro Americano

que encontro, e pergunto-lhe se considera a religião favoravel ao imperio das leis e á manutenção da ordem sociale logo me responde que a religião é essencial para uma sociedade civilizada e especialmente para aquella que quizer ser livre. O respeito á religião é o maior penhor da estabilidade da nação e segurança individual.. Na sua patria é esta doutrina conhecida e confessada até por aquellos que menos amestrados são em economia publica ». Assim se exprime A. de Tocqueville na sua obra — *L'ancien régime*.

Accrescentemos o testemunho de A. Fouillée, cujas palavras são uma nobre e leal homenagem á força civilisadora do Christianismo. Seja qual fôr a opinião que se tenha sobre os dogmas religiosos, força é confessar esta verdade elementar de sociologia — que as religiões são um freio moral de primeira ordem...

O Christianismo, em particular, é um sistema completo de repressão para todas as tendencias más, Elle tem o merito singular, e nisso se oppõe ás religiões antigas, de impedir a má determinação da vontade combatendo-a no seu primeiro germen, o «desejo» e ainda a idéa, donde a expressão «Peccar por pensamento» expressão que, diz Garofalo, não pôde fazer sorrir senão a uma psychologia superficial». *Revue des Deux Mondes*, 15 Janvier 1897. T. 72. *Études*, Avril 1898, pag. 190.

O principal architecto da *Encyclopedie*, Diderot, no seu plano de estudos deixou assentado que o primeiro conhecimento essencial á mocidade é a religião pela qual devemos começar, com a qual continuar e acabar, porque somos de Deus, estamos com Deus e vivemos de Deus», e continuando diz que «esta deve ser a lição de todos os dias».

Firamente radicados desde a infancia nos principios do Evangelho, os moços não se deixarão facilmente enganar com as modernas theorias, que hão de ouvir e lêr sóra do lar e nem tão facilmente serão abandonados os deveres religiosos que a Egreja nos impõe. «Si tivessemos em Deus fé viva, diz Montaigne..., as occasiões humanas não teriam o poder de nos abalar como de costume o fazem, nossa fortaleza não se renderia aos choques de tão fraca bateria...; com firmeza inflexivel e constante resistiríamos a todas as ondas. Si este raio da divindade nos tocasse apareceria por toda a parte: não sómente nossas palavras, mas ainda nossas obras seriam illuminadas por esta celestial claridade...»

E ainda quando no seio do mundo se perde a crença nos dogmas, a moral nem sempre se esvae.

«A alma humana, diz escriptor de primeira ordem, é de certo modo comparavel aos vasos porosos que retem o perfume dos liqui-

**dos aromaticos já evaporados. Evaporam-se os ensinamentos dogmáticos, mas fica a suavidade da doutrina. »**

**Os paes não pódem descansar deixando esta obrigação aos mestres.**

**Em Sparta as leis perseguiam os paes dos filhos culpados.**

**O menino será melhor educado por um pae ajuizado, e de pouco alcance intellectual, do que pelo mais habil mestre do mundo, porque o zelo suprirá melhor o talento que o talento o zelo». Rousseau.**

**A melhor consolação para os paes na hora da morte será o terem cumprido este dever.**

**Bussen, politico e homem de sciencia, embaixador em Roma e Londres, se entretinha em compôr obras muito sabias.**

**Tinha para com a Biblia verdadeiro culto, sempre a defendeu em seus volumosos escriptos e teve a honra de confessar até á morte a divindade de Jesus Christo. Na sua ultima hora reuniu em redor de si toda a sua familia, e, depois de abençoal-a, disse: «Eu morro contente: neste momento solemne para mim, minha maior consolação é ter procurado, a todo o meu poder, fazer amar e adorar Jesus Christo. (*Le monde et l'hom. prim. pag. 313 e 314. Meignan*).**

## CAPITULO XX

### **Educação religiosa Catechismo e devoção**

---

**S**ÃO PAULO ensina que a nossa educação deve ser enraizada em Christo, formada segundo a sua doutrina : *radicali et superædificati in ipso.* *Coloss.* 7

Mas ainda quando o Apostolo das nações não nos dissesse isto, a propria razão humana é obrigada a reconhecer que erram os paes que não ensinam a seus filhos os principios moraes e dogmaticos da Egreja, o catechismo.

Porquanto a intelligencia necessita de principios certos para desenvolver-se, assim como uma arvore precisa pegar e meter vigorosas raizes na terra, para lançar pelos ares ramos fortes e carregar-se de fructos.

Ora, fóra da Egreja Catholica, tudo se resume em systemas, incertezas, duvidas, e não ha principios incontestaveis.

Ouçamos a Rousseau, cuja palavra deve ser acatada pelos impios, pois foi um delles. « Eu, diz elle, consultei nossos philosophos, li seus livros, ouvi seus discursos, examinei

suas opiniões; e os achei orgulhosos, cheios de si, imperiosos e dogmáticos no sistema de duvida que seguem... Si pesais as razões, elles as tem sómente para destruir, si contais as vozes, cada um fica reduzido á sua, só numa causa concordam, em negar um o que diz o outro. Não ha um só entre elles que, chegando a reconhecer o verdadeiro e o falso, não prefira a mentira que achou á verdade descoberta por outro.

Onde está o philosopho que, para gloria sua, não enganaria de boa vontade o genero humano? Onde o que tenha em mira outro objecto que não seja o distinguir-se? Com tanto que se eleve acima dos outros, e lhes diminua a reputação de sabios, que mais quer elle? O essencial é pensar de modo diverso dos outros.. Com os crentes elle é atheu, com os atheus elle é crente.» *Emile, contin. do liv. 4º*

« Um pretende, deixemos fallar o mesmo Rousseau, que não existe corpo e que tudo é representação; outro, que não ha mais substancia que a materia, nem outro Deus mais que o mundo. Este ensina que não ha vicios e nem virtudes, que o bem e o mal moral são chimeras; aquelle, que os homens são lobos, e podem se devorar com plena segurança de con-

sciencia». (1). Não parece que Rousseau descrevia nestas palavras os sociologos modernos, transformistas, positivistas e mais sabios á moderna? Vêdes,— conforme a opinião de um dos seus chefes, os philosophantes só conseguem uma cousa com suas innumerias contradicções, a que chamam systemas scientificos, e é levantarem densa poeira de incerteza, que impede ao espirito humano contemplar o sol da verdade.

«Fugi, continua Rousseau, dos que semiam no coração humano doutrinas desoladoras... Destruindo tudo que os homens respeitam, elles tiram aos afflictos a ultima consolação de sua miseria, aos poderosos e ricos... o unico freio de suas paixões; arrancam do fundo do coração o remorso do crime, a esperança da virtude, e por ciña gabam-se de bemfeiteiros do genero humano».

Conclusão. Um só livro existe do qual os paes podem lançar mão para bem educar seus filhos : é o Evangelho, unico que pôde faltar para sempre as sedes da alma, e saciar a fome que a devora. E' Rousseau quem o diz : « Este livro divino, o unico necessario a um christão,

---

(1) Discours — Si le rétablissement des sciences et des arts a contribué à épurer les mœurs.

o mais util de todos até para os que não são christãos, basta ser meditado para levar á alma o amor de seu auctor, e a vontade de cumprir os seus preceitos. Nunca a virtude fallou linguagem tão doce; nunca a mais profunda sabedoria se exprimiu com tanta energia e simplicidade.

Não se deixa a leitura destelivro sem se sentir melhor do que antes». *Réponse au roi de Pologne.*

A Egreja nol-o offerece resumido no Catechismo.

Si o que este livrinho ensina fôr fielmente executado, a felicidade será a sorte do homem ainda neste mundo. Falla a experienzia por bocca de Jouffroy. Escutemol-o «Nascido de paes piedosos e num paiz onde a fé catholica era ainda cheia de vida no começo deste seculo, eu me acostumara desde o desabrochar da razão a considerar o futuro do homem e o cuidado de sua alma como o grande negocio de minha vida; e toda a serie da minha educação havia contribuido a formar em mim estas disposições sérias. Durante muito tempo, as crenças do Christianismo tinham cabalmente respondido a todas as necessidades e inquietações, que taes disposições lançam na alma. As questões que eram para mim as unicas que mereciam ocupar o homem, a Religião de meus paes dava respostas, e eslas respostas eu

as cria; e, graças a essas crenças, a vida presente me era clara, e, além da vida que transcorre, eu via sem nuvem o futuro que deve vir após ella. Tranquillo quanto á estrada que devia seguir neste mundo, tranquillo quanto ao fim ao qual ella me faria chegar no outro, comprehendendo a vida nas suas duas phases, e a morte que as une, comprehendendo-me a mim mesmo, conhecendo os designios de Deus a meu respeito, eu gosava da felicidade que dá uma fé viva e certa numa doutrina que resolve todas as grandes questões que podem interessar o homem».

Conta depois esse philosopho que o vento da duvida soprou sobre sua alma. «Então vi que no fundo de mim mesmo, nada mais existia em pé; que eu não acreditava mais cousa alguma do que crêra outr'ora sobre Deus e meu destino nesta vida e na outra.. Este momento foi horroroso: pareceu-me sentir minha primeira vida, tão risonha e cheia, extinguir-se e a traz de mim abrir-se outrasombria e despovoada... Os dias que se seguiram a esta descoberta foram os mais tristes de minha vida, Muito longe seria descrever os movimentos que os agitaram... Minha alma não podia acostumar-se com um estado tão pouco feito para a fraqueza humana; com reacções violentas ella procurava ganhar novamente as mar-

gens que perdera». *De l'organisation des sciences philosophiques; écrit posthume de F. Jouffroy.*

Eis ahi a consequencia necessaria do ensino ministrado pelos diversos systemas de educação que não é fundada no ensino christão: por toda parte o vacuo da alma, a agitação do coração pela incerteza da intelligencia.

Um pequeno livro existe, já tinha dito Jouffroy, que os meninos decoram e sobre o qual são interrogados na Egreja: lede este livrinho, que é o Catechismo; ahi achareis solução de todas as questões, de todas sein excepcion. Perguntae ao christão d'onde procede a especie humana, elle o sabe; para onde vai, egualmente sabe; perguntae a esse pobre menino, que nunca pensou em referencia á vida, porque elle está no mundo, e o que será depois da morte: dar-vos-ha uua resposta sublime, que não comprehenderá, mas que nem por isso é menos para assombros.

Perguntae-lhe como o mundo foi criado e para que fim; porque Deus collocou animaes e plantas; como a terra foi povoada; si por uma só familia ou por muitas; porque os homens fallam muitas linguas, porque padecem; porque se guerreiam, e como tudo isso acabará: elle o sabe. Origem do mundo, origem da especie, questão de raças, destino do homem nessa vida e na outra, relações do homem com Deus, dever do homem para com seus seme-

Ihantes, direito do homem sobre a creaçāo: o menino que sabe o cathechismo nada ignora; e quando fôr homem, não hesitará mais sobre o direito natural, o direito politico e o direito das gentes, porque tudo isto emana, tudo isto decorre, com clareza e como que naturalmente, do Catechismo.» *Mélanges philosophiques, Du problème de la destinée humaine p.* 424.

O catechismo, resumo do Evangelho, encerra o optimo de tudo o que pôde ser proveitosamente ensinado á humana geração. Quem o affirma é Diderot, um dos primeiros mestres da philosophy impia do seculo passado.

Um amigo de Diderot, certa occasião, deu com elle a ensinar o catechismo a sua filha.

— Que quer isso dizer? exclamou elle. Então tu ensinas o catechismo a tua filha? Estás em teu juizo perfeito?

Diderot, que só com seus amigos queria ser impio, não, porém, na presença de sua filha, franzio o sobrolho e respondeu com gravidade:

— Si conhecesse melhor livro para fazer de Maria uma menina respeitosa e terna, boa mulher e digna mãe de familia, ensinar-lh'o-hia; em verdade, porém, não conheço no mundo livro que tudo isto possa fazer como o catechismo; oxalá que, para a felicidade della e minha, creia, aime e pratique tudo o que elle ensina!

Mas não é só a doutrina christan em geral, os dogmas e a moral que delles dimana que os paes devem ensinar a seus filhos. Para que sejam virtuosos é necessario, e não util sómente, que se acostumem ás praticas de devoção. *Pielas ad omnia utilis est.*

Mas com quanto sejam a catholicos dirigidas estas linhas, como é facto que aos ouvidos de muitos faz mais impressão a palavra de algum celebre homem secular, apresentaremos, por virem muito ao caso, as flôres do pensamento de um delles, que por duas rasões merece ser ouvido, pois é Norte Americano e sabio ás direitas. E' Benjamin Franklin o qual ninguem chamará ignorante e nem fanatico.

Nas memorias destinadas á educação de seus filhos selê: «Como eu conhecia ou acreditava conhecer o bem e o mal, não via porque não poderia fazer sempre aquelle e evitar este; mas não tardei a comprehendêr que tinha posto hombros a uma empreza mais difficil do que o havia imaginado. Em quanto applicava meu pensamento e punha meus cuidados em preservar-me de uma falta, cahia muitas vezes, sem percebel-o, noutra. O habito tirava vantagem de minha inattenção, ou a inclinação era muito forte para ser dominada pela razão.

Finalmente comprehendi que, embora estivessemos especulativamente persuadidos ser de nosso interesse o sermos completamente

virtuosos, esta convicção era insufficiente para prevenir as quedas; que era necessário destruir os habitos contrarios, adquirir habitos bons e nelles enraizar. »

E querem os paes saber o metodo que Franklin adoptou para adquirir a virtude? O mesmo que nos ensina S. Ignacio de Loyola: o exame quotidiano de sua consciencia, e para facilitar este exame, elle seguia mais ou menos a pratica que os cenobitas adoptaram e ensinaram a sens primeiros discipulos na Thebaida. Franklin tinha um livrinho, no qual, sob a epigraphe de cada virtude, ia notando as faltas que commettia contra ella, e a emenda que fazia. Diversos textos, que lhe recordavam o Supremo Senhor, serviam-lhe de breves orações que recitava todos os dias para implorar a assistencia divina.

Eis ahí um dos mais afamados sabios modernos pensando do mesmo modo que um dos maiores santos da Egreja.

Ainda mais: o illustre sabio fez um plano para bem empregar as 24 horas do dia natural...

« E' talvez util, diz elle, á minha posteridade saber que é a este pequeno artificio, e ao soccorro de Deus, que seu antepassado deveu a felicidade constante desua vida até o 79º anno em que isto se vai escrevendo. Eu me propunha fazer um pequeno commentario sobre cada

virtude, e meu livro seria intitulado: — ARTE DA  
VIRTUDE: — um methodo para bem se dirigir  
vale mais que una simples exhortação» (1).

A Egreja catholica nos apresenta nos exerci-  
cios de piedade, que nos recomienda, a pra-  
tica diaria das diferentes virtudes, para as  
quaes o grande Americano desejava compôr  
sua arte.

O Catholicismo traz compendiados esses  
exercicios, e a Egreja convida seus filhos a pra-  
tical-os nas procissões, genuflexões, inclinações  
do corpo e da cabeça, que, diz Joubert, não são  
de pouco effeito e nem sem importancia, pois  
que amalgam o coração á piedade e curvam o  
espírito sob a fé (2).

Paese mães, exclama grande orador, vós, e  
não os professores, sois os chefes da officina da  
virtude; são artifícies que deveis formar, isto é,  
homens que tenham o habito da virtude, e que  
produzam, sem quasi darem por isto, os mais  
admiraveis actos d'ella.

Ponde pois desde cedo vossos filhos no  
aprendizado, applicae-vos d'alma e coração aos  
começos, que são mais custosos. Cuidae que  
elles trabalhem sob vossos olhos com ordem,

---

(1) Vie de Franklin, écrite par lui-même, t. 2, p. 388  
e suivantes.

(2) Essais et Maximes t. 1, p. 110 ...

paciencia, coragem, promptidão, não se desanimando com as primeiras dificuldades, seguindo vossos conselhos, observando como fazeis, examinando como fazem os mais virtuosos e repetindo sem cessar os actos, alé que o hábito virtuoso os tenha constituido servidores de Deus.

Quereis vossos filhos honrados, nobres, homens de bem.

Desejais, porém, saber no que consiste a verdadeira honra e verdadeira nobresa?

A verdadeira honra é o tacto vivo e delicado dos deveres, cuja observancia ella exige de nós ainda com actos de heroismo.

A 4 de Janeiro de 1791 os Revolucionarios de França exigiam dos ministros de Deus o juramento da Constituição civil do Clero. Bispos e Sacerdotes oppõem inflexivel negação, ainda que ameaçados pelos gritos da populaça desenfreada. «Nós, dizia então Mirabeau, temos o seu dinheiro, mas elles conservaram a honra.»

E', pois, contrario á honra, tudo quanto a consciencia prohíbe.

Fazer o que a consciencia manda; evitar o que ella prohíbe, este é o código da honra.

Fazei que vossos filhos se compenetrem bem do seguinte:—para serem dignos da sociedade honrada, necessário lhes é cumprir os deveres em todo o tempo, em todos os lugares,

custe o que custar. Nem basta que elles respeitem os deveres, forsoço é que amem o cumprimento delles.

Habituae-os portanto a executal-os todos desde os mais verdes annos.

Acostumae-os ao trabalho. Quem não ocupa os dias a bem da propria vida, consome os de ordinario em devorar a alheia.

Ensinae-lhes a grandeza, necessidade e vantagens da honra.

Saibam elles que ella é patrimonio da familia, quelhes não é permittido estragal-a, nem deslustral-a, mas que lhes corre por conta mantel-a em toda sua belleza, e transmittil-a aos vindouros, não só intacta, senão que acrescentada com novas e mais invejaveis virtudes.

Ponderae agora o caracter da verdadeira nobreza. A virtude, e só ella, é a unica nobreza, já o disse o poeta: *Nobilitas esl sola alque unica virtus.*

Sem a virtude, que são realmente sciencia, riqueza e mando?

«Lisongeia-me o pensamento, dizia Racine a seu filho, de que, trabalhando para seres homens de bem, comprehendes que é impossivel sel-o sem dar a Deus o que lhe é devido.» (1).

---

(1) Lettres de Racine.

**Em resumo, honra e nobreza não consentem transacções com a consciencia.**

Disei a vossos filhos, ó paes, o que Santa Branca, Rainha de França, usava dizer a seu real infante: «Mui ternamente vos amo, filho meu. Antes quero vosvêr morto do que manchado d'um só peccado mortal.»

Si, porém, á sentença d'uma santa dais menos apreço que á maxima d'um sabio, repeti a vossos filhos o que diz Seneca: *Sem Deus ninguem é homem de bem (-).*

---

† Livros Católicos para Download



(2) *Bonus vir, sine Deo nemo est.*

## CAPITULO XXI

### **Primeira Communhão**

---

Ha um dia na vida catholica que se distingue de todos outros; é o da primeira communhão. Deus, depois de ter fallado ao menino pela voz de sua mãe e do padre, pelas licções do Evangelho, pelo estudo do catechismo, depois de se ter revelado á sua nascente intelligencia pelas primeiras impressões das cousas que o cercam, desce no dia da primeira communhão ao intimo do seu coração, mostra-se á sua fé, e vem dizer-lhe de viva voz palavras que o ouvido não ouve, a boca não pode repetir, mas que repercutem no fundo da alma como um écho da palavra, ao mesmo tempo doce e poderosa, que creou e salvou o mundo. Esta voz divina fallará ao christão todas as vezes que no porvir elle se aproximar da mesa santa, mas nunca tão brilhante e sonora, porque a alma depois de haver provado os fructos amargos da vida, nunca mais será tão bella pela innocencia, nunca mais tão pura de toda a liga humana».

Do Visconde de Melun são estas palavras, e comellas começamos este capitulo sobre o dever que os paes tem de preparar com santas disposições a seus filhos para a primeira comunhão.

Alimentados desde os mais tenros annos com o ensino evangelico, cumpre que os paes os vão affeijoando desde cedo á practica dos deveres christãos, pois que não basta para que alguem se considere catholico saber o ensino da Egreja; é indispensavel reduzir a actos sua crença.

A primeira communhão pôde ser feita na familia ou no collegio.

Neste ultimo caso, os paes podem descansar sua consciencia na dos mestres que elegem aptos em sciencia e virtudes para adornarem com formosura espiritual o interior de seus filhos.

Quando, porém, não pôde o filho frequentar casa de educação religiosa: e a época da primeira communhão, encontra-o no seio da familia, sobresahe em maior vulto a acção paterna. Fica a cargo dos paes o cuidar que se execute nos filhos este trabalho verdadeiramente divino, de enriquecê-los com cabedaes de virtude e doutrina para receberem na mesa santa o *Corpo de Jesus Sacramentado*.

Dahi o velar mais circunspecto sobre si e sobre elle; dahi o fazel-os assistir ás lições de

cathecismo dadas pelo parocho, visto como esta doutrina excede não raro as posses da razão dos paes ou lhes falta o tempo necessario para isto.

Cuidem os paes sériamente em levar os filhos á Egreja onde o parocho lhes dará o ensino christão, e com elles assistam, quanto lhes fôr possível, ás explicações do sacerdote, que nesta occasião procura amoldar-se á capacidade intellectual de uns e outros.

Antes de se approximarem do banquete eucaristico, hão de os meninos purificar suas almas na piscina da penitencia.

A confissão é um dos principaes deveres do christão, e inapreciaveissão seus fructos.

Esta verdade arrancou solemnes testemunhos dos maiores engenhos, dos mais insolentes inimigos da Egreja, assim como dos mais humildes santos.

Leibnitz, grande philosopho e protestante, disse deste Sacramento : « Impossivel é não confessar que esta instituição é digna da Sabe-doria Divina, e nada ha mais bello, nem mais digno de elogio na Religião Christã» (1).

« Pôde-se considerar a Confissão, diz o Patriarcha da impiedade, como o maior freio dos

---

(1) Nicolas. Etudes, t, 3, 447.

crimes secretos. Optima é ella para reduzir os corações offendidos a perdoar, e para fazer que os roubadores do alheio, restituam aos que lessaram» (2).

« O melhor de todos os governos, diz Raynal, seria uma theocracia, onde se estabelecesse o tribunal da Confissão. » *Hist. phil.* l. 3.

Este Sacramento impede que as faltas se convertam em habito, e por isso mesmo alcança para a sociedade cidadãos uteis, que sem este meio seriam criminosos perturbadores da ordem publica. « Todo o peccado ao qual não se applica o remedio da Penitencia faz nascer novos, diz S. Gregorio Magno».

« Confessar os vicios, disse Seneca, é signal de cura *vitia sua confiteri sanitatis indiciun est.* *Epist. C. III.*

Nas Leis de Manou, antigo legislador das Indias, selê: « Quanto mais o homem se confessa verdadeira e voluntariamente do peccado que commetteu, tanto mais se vae despindo delle como a serpente de sua pelle velha ». Nas obras de W. Jones, l. 3, c. XI, *Études* 3, 448.

Destas citações podem os paes inferir quão rico peculio de bens para si, para os seus, e para

---

(2) Diction. phil. art. Catéchisme du curé. Étude, 3. 445.

a sociedade irão enthesourando pela pratica da Confissão, da qual devem dar exemplo a seus filhos, tão promptos a assimilar em si o que nos outros vêm.

Muito influirá nelles para alcançarem bons lucros da Penitencia o juizo que fizerem deste Sacramento e dos seus ministros. Procurae que considerem a pessoa do Confessor como a encarava o grande philosopho protestante que acima citamos. «Eu,— são suas palavras,— olho um confessor piedoso, grave e prudente, como o grande órgão da Divindade para a salvação das almas porque seus conselhos servem para regular as asseições do penitente; levam-no a conhecer seus proprios defeitos, a evitar as occasiões do peccado, restituir o roubado, reparar os escandalos; dissipam-lhe as duvidas; erguem-lhe o espirito abatido; enfim, curam todos os males das almas enfermas». *Systema theologicum, de Confessione.*

Chega enfim o dia da Communhão. Deus que até então estava á distancia do Christão que o contemplara do Socrario ou nas mãos do Sacerdote, vem para perto, para dentro do peito de seu filho, vem unir-se com sua alma. Que preparação poderá ser muita para tão incommensurável honra? ! Aquelle que vae commungar, é pensamento de S. João Chrysostomo, deve considerar que vae pôr seus labios no lado

de Jesus e beber largamente as aguas da vida eterna. *In Encœniis.*

« Quem ousará commetter d'epois nma só falta, ou conceber o densamento della. Era impossivel, continúa Voltaire, imaginar um mysterio que retivesse mais fortemente os homens na virtude». *Questions sur l'Encyclopédie, t. VI Etudes +81, 3.*

Penetrados destes sentimentos, os paes catolicos disputarão entre si a honra de fazel os descere encarnar nos corações de seus filhinhos.

Concentrando todas as attenções, procurarão illuminar os espiritos infantis sobre o grande acto a que se propõem, e se esforçarão para inflamar seus corações no amor de Jesus, a quem vāo receber.

Eloquente modelo para os paes nos offerece a Historia na pessoa do Rei de França, Luiz XVI. Eis como esse rei fallou á sua filha, duqueza d'Angoulême, na vigilia de sua primeira communhão : « E' do fundo do coração, minha filha, que eu vos abençōo, pedindo ao Céo a graça de que bem aprecieis a grande acção que ides fazer. Vosso coração é inocente e puro aos olhos de Deus: vossos votos lhe devem ser agradaveis. Offercsei-lh'os para bem de vossa mãe e meu. Pedi-lhe me conceda as graças necessarias para felicitar aquelles sobre quem elle me deu o poder, e que devo considerar como filhos.. Lembrae-vos, minha filha, que a Re-

ligião é fonte de felicidade e nosso sustentaculo nas adversidades da vida.

Qualquer que seja o logar onde a mão de Deus vos colloque, lembrae-vos que deveis edificar por vossos exemplos, fazer o bem toda as vezes que se vos apresentar occasião.

Ide aos altares onde sois esperada, e pedi ao Deus de misericordia nunca vos deixe esquecer os avisos d'um pae. »

E', sim, nesse dia da primeira communhão, que os paes devem ter para com seus filhos palavras mais ungidas de celeste amor, poisen tão mais perennemente lhes ficarão gravadas nos seios da alma.

E' então occasião de brindal-os com algum precioso mimo, que lhes recorde a data feliz da união da alma com Christo, a quem nesse dia juraram amor sem quebra. E' então que os paes vencerão todas as dificuldades e se apresentarão ante o altar com seus filhinhos, dando-lhes neste mesmo dia o exemplo do seu amor a Jesus, recebendo-o sacramentalmente.

A felicidade que com a primeira communhão os paes procuram para seus filhos lhes deixa nas almas impressão tão deliciosa e viva, que nada pôde apagar-a depois; e se no curso da vida se desgarram mais tarde do caininho do bem e da honra, basta muitas vezes a lembrança desse dia para reconduzil-os á senda da virtude.

Vossos filhos, ó paes. são diamantes que possuis, permitti-me denominar os como a matrona historica. A vós compete a obrigação de polir-os e lapidar-os. *Mas sem os Sacramentos frustrados ficarão todos os vossos esforços.*

---

## CAPITULO XXII

### **Meios para educar. Influencia das mães**

---

**O**s meios de que os paes dispõem para bem educar seus filhos podem resumir-se nos seguintes : influencia pessoal, livros e mestres.

A influencia dos paes na educação de seus filhos não tem igual no mundo é a mais decisiva e a mais natural. Dos paes aprendem os filhos o fallar, caminhar, vestir-se; emfim, tudo quanto lhes é necessario e util nos primeiros annos vem dos paes. O contacto com elles é de todas as horas, dia e noute, sem interrupção; delles dependem os filhos em tudo até a idade em que podem pensar por si. De industria dizemos — em que podem pensar por si, porque os mesmos pensamentos os paes lhes communicam e lh'os desenvolvem... Onde haverá influencia mais natural e decisiva ?

Assim concordam em proclamarlo todos os povos. Os Lacedemonios considerando os paes

responsaveis pelos peccados dos filhos, tinham costume de punir aquelles pelos crimes que estes commettiam.

Narra a historia o facto de serem condenados a grande multa paes cujos filhos se bateram certa occasião.

Os Lacedemonios seguiam as leis de Lycurgo, o mais celebre dos antigos legisladores.

Na Sagrada Escriptura se lê : Conhece-se o homem nos filhos que elle tem. — *In siliis suis agnoscitur vir Eccl. XI, 30.*

O mesmo Deus dá culpa aos paes pelos peccados que não cuidaram de impedir nos filhos, como sucedeu com o Summo Sacerdote Heli, a quem Deus mandou dizer pelo profeta Porque calcaste aos pés minhas victimas, e os dons que mandei me offerecessem no Templo ?

Com efeito, na edificação de um predio, trata-se primeiro de deitar-lhe mui fundos e solidos os alicerces que possam sustentar a construcção que se vae erguer. Ora, na educação os primeiros fundamentos só pelos paes é que podem ser lançados, pois em suas mãos estão as almas dos filhos, aptas para receberem os primeiros elementos bons ou máos, que lhe queiram communicar.

« A molleza do cerebro nos meninos, diz Fénelon, faz que todas as cousas se imprimam

nelle facilmente e que as imagens de todos os objectos sensiveis se gravem ahi muito vivas.

Por isso é necessario dar-se pressa em escrever na cabeça delles, enquanto os caracteres se formam facilmente. Mas é preciso escolher bem as imagens que se hão de gravar, porque não se deve derramar nesse reservatorio, tão pequeno e tão precioso, senão cousas excellentes; é necessario não esquecer que nessa idade se deve derramar nos espíritos unicamente o que se deseja que ahi fique toda a vida. »

Grande, incomparável é a influencia dos pais em geral, e ambos devem della se aproveitar para preparar os filhos, fazendo que desde a infancia amem a virtude e aborreçam o vicio.

Indiquemos contudo, antes de prosseguirmos, a parte mais seria que cabe á mãe de família, que a todos sempre pareceu ter maior influencia que o pai.

« A primeira educação, disse Rousseau, é a que mais importa, e esta pertence incontestavelmente á mulher. » « *Point de mère, point d'enfant*. » E' sentença do mesmo impio.

Já notará o grande stagirita que a mãe é a metade dos filhos; *dimidium illorum mater esl* (1) querendo mostrar assim a immensa influencia de que ella dispõe.

---

(1) Arist. 1, Palit. c. 8.

A' mãe toca ministrar a primeira amamentação da alma dos filhos, como a ella incumbe a amamentação do corpo.

« O futuro d'um menino, dizia Napoleão, é sempre obra de sua mãe, e o grande homem se comprazia em repetir que elle devia á sua mãe o ter subido tão alto».

Barnave, o rival de Mirabeau, lançado no calabouço, pensa nos sentimentos que sua mãe lhe inspirou; confessa em carta á sua irmã que é á sua mãe que elle deve a coragem que o sustentava nas perseguições; afirma, enfim, que mais que tudo em pontos de educação lhe valeu e a seu irmão a materna. *Martin*, 56, 1.

Mirabeau, a quem na idade de 5 annos seu pae considerava como um futuro criminoso, passou a infancia como si não tivesse mãe. a qual escandalosamente separada de seu marido, nunca teve a menor influencia sobre o filho. A falta da prudente affeição materna explica as desordens, faltas e vicios de Mirabeau.—*Janet*, p. 127 e 128.

De sua mãe recebeu o illustre Cuvier as primeiras lições que fizeram brotar tão abundantes fructos de seu genio: Eu desenhava sob seus olhos, diz elle, e lia alto livros de historia e de litteratura. Deste modo ella alcançou que a paixão pela leitura pegasse e profundasse rai-zes em minha alma».

O grande homem referia a sua mãe toda a

felicidade de seus estudos e toda a gloria de suas descobertas. *Martin*, 56, 2. (!)

Compara depois Martin a influencia exercida por duas mães, diversas em genio e proceder, sobre os dous poetas Byron e Lamartine, e diz que as corrosivas paixões da mãe de Byron gravam-se fundo no seu coração; o odio, o orgulho, a colera, o desdém, fermentam nelle, e, como lava ardente d'um vulcão, borbotam e transbordam-se de repente sobre o mundo em torrentes d'uma harmonia infernal, ao passo que a mãe de Lamartine espalha sobre seu filho todas as luzes do amor; as virtudes que ella lhe inspira, a oração que lhe ensina, não fallam sómente á sua intelligencia; mas cahindo na sua alma a fazem desprender sons sublimes, uma harmonia que sobe até Deus. Assim, cercado desde o berço dos exemplos da mais tocante piedade, o gracioso menino marcha nos caminhos do Senhor sob as azas de sua mãe; seu genio é como o incenso, que embalsama o ar com torrentes de perfumes, mas que arde sómente para o céo... p. 58.

Quão eloquente exemplo para ser seriamente meditado e copiado pelas mães !

Só a mãe possue o segredo de fazer mover segundo seus desejos o coração dos filhos.

---

(1) *Les Mémoires de Lord Byron* t. 1º p. 393.—*Martin* 35.

Pode-se dizer que o leite, sorrisos e osculos da mãe, são o alveo natural por onde vão passando para o filho o caracter, indole, genio e sentimentos bons ou máos que tem, de modo que á semelhança de si proprios os vão formando desde as mantilhas da infancia !

Quadra-lhes bem, á mãe e ao filho, o que da terra e seu fructo disse o nosso Fil. Elycio : «Resabe sempre a fructa á terra em que nasceu.»

Já que tão grande é a influencia materna, justo é que oíçam ellas os sabios conselhos que lhes dá S. João Chrysostomo : «Começae, diz elle, por inocular os tenros animos de vossos filhos com os rudimentos da verdadeira sabedoria; nunca tanto ganhareis em inicial-os nas sciencias profanas que os levarão á fortuna, como em lhes ensinar a sciencia que lh'a fizer desprezar.

Promovei, com inquebrantavel fervor sua jormação antes na arte do bem viver do que na de bem fallar; regulae mais suas acções do que suas palavras; é pelas obras que nós chegamos á fonte de todos os bens. Não é que eu reprove enriquecer os com as sciencias da terra, só não quero que as considerem como o mais importante negocio da vida.

Quanto maior sciencia tiver vosso filho, tanto maior necessidade tem da religião. Ao navio em pleno mar é necessário mais habil pi-

loto do que ao que está no porto. *Hom. XXI, in Epist. ad Eph.*

«Não descanceis em outras pessoas o cuidado de educar vossas filhas, pondera elle em outro logar... Conservae-as assiduamente ao vosso lado no interior de vossa casa. Acostumae-as, principalmente, á piedade, ás praticas religiosas, ao desprezo das riquezas e vãos adornos. D'esta maneira, não sómente as salvais, mas ides abrindo caminho de felicidade para os esposos a que se unirem; e da posteridade que nascer d'ellas, como de uma boa haste, sahirão naturalmente brotos ornados de todas as virtudes.» *IX in I ad Timoth.*

A mãe, segundo a linguagem do Ecclesiastico, 26, 22 «é a lampada do sanctuario da familia, (*Lucerna splendens super candelabrum sanctum*), cuja luz meiga, suave, benefica, diz o Bispo Martyr de Olinda, reflecte docemente sobre o esposo, filhos e criados, allumia-lhes as ingremes veredas da virtude e dirige-lhes os passos com segurança, mostrando-lhes os temerosos despenhadeiros do vicio.

Quando má, porém, é, segundo outra comparação das Sagradas Escripturas, aspide peçonhento, que envenena os dias do amargurado esposo, corrompe a educação da desditosa prole, torna impossiveis as santas e puras delicias do lar domestico, e, levando a morte ao seio da familia, prepara a inevitavel decompo-

sição do corpo. *Mulier nequam, qui lenel illam, quasi qui apprehendil scorpionem.*

Com quanto tenha o homem a chefia, o mando supremo sobre a familia, todavia o seu influxo sobre ella é infinitamente inferior ao da mulher. Nem pôde haver termo de comparação. Levado pelo turbilhão dos negocios exteriores, pequena estancia faz no reinanso da familia, e poucos lazeres lhe restam para curar dos negocios domesticos.

A mulher é quem d'elles geralmente se encarrega; é ella quem vive em contacto diario, constante, com todos da casa; é ella, em summa, cuja immediata auctoridade sentem os domesticos; cujo olhar solicto acompanha sem cessar os filhos; cuja mão diurna e nocturna cultiva essas delicadas plantasinhas ; quem exerce maior dominio e acção mais directa, mais positiva, mais efficaz no seio da familia.

Nunca deve desesperar da salvação o povo que por ventura ainda possua joia tão preciosa, — a mulher virtuosa. Ella lhe vae a pouco e pouco regenerando os costumes, exercendo sua branda mas poderosa influencia no sanctuario da familia, e por conseguinte, no seio da sociedade : — *Sapiens mulier ælisical.* Sendo, porém, viciosa a mulher, nenhuma esperança de salvação haverá para o povo, antes cairão sobre elle todos os infortunios; por quanto tudo ella estraga e destróe, tudo ella per-

verte e corrompe, o esposo, o filho, o doméstico, a família, até a sociedade : *Insipiens destruit.* » *D. Vital, A Maçonaria e os Jesuítas,* p. 624.

«E' sein duvida ao sexo masculino que pertence formar geometras, tacticos, chimicos, etc.; mas o que se chama o homem, isto é, o homem moral, é talvez formado aos dez annos; e si não o foi sobre os joelhos de sua mãe, será sempre grande desgraça. Nada pôde substituir esta educação. Si a mãe se desvela em estampar profundamente sobre a fronte de seu filho o carácter divino, certamente a mão do vicio não o apagará nunca. O moço poderá, sem duvida, desmandar-se; mas descreverá, relevae-me a expressão, uma curva reentrante, que o levará ao ponto donde havia partido. »

Empregae pois todos os thesouros de vossa ternura para formardes vossos filhos.

---

## CAPITULO XXIII

### **Leituras**

---

**¶** SEGUNDO meio de que dispõem os paes para educação são os livros.

Em geral a educação pelos livros é feita fóra do lar domestico, e esta grande força de formar o homem moral é tirada das mãos dos genitores, para ser manejada pelos professores na educação primaria, secundaria e profissional.

Comtudo, tem neste ponto os paes seus direitos e seus deveres.

Assim, cabe-lhes o direito de acautelar os filhos contra a leitura de livros máos, romances immoraes, peças theatraes offensivas da moralidade.

Plutarco diz aos paes de familias: «A vós cumpre velar para que vossos filhos sejam tão sobrios na leitura como na alimentação: para melhor digeriremo que lhes é util, é mister não cedam a um appetite enganador.»

Pelo que diz respeito a livros obscenos, attenta a fragilidade da especie humana, sua

leitura é geralmente damnosa. É peccado lelos, excepto si forem lidos, por necessidade e com prudencia, por pessoas que tem a seu cargo conhecê-los. Os outros leitores, pelo mesmo facto de procurarem taes leituras, revelam-se desprovidos da força necessaria para se premunirem contra a peçonha que distillam, e só o abrileiros é já estar perdido, como diz Rousseau, que bem entendia disto.

Mas, ainda tratando-se sómente de doutrinas perversas, a fraqueza do coração cega facilmente o espirito Rousseau caracterisou maravilhosamente essa influencia do coração no espirito quando disse no seu Emilio: «Meu filho, conserva tua alma no estado de desejar sempre que Deus exista, e nunca duvidarás da existencia d'elle.»

«A vontade é um dos principaes orgãos da crença, diz Pascal; não que ella forme a crença, mas porque as cousas parecem verdadeiras ou falsas, segundo a face pela qual são olhadas».

A vontade, que se compraz em uma mais que em outra, aparta o espirito de considerar as qualidades d'aquelle que elle não ama; e assim, o espirito, caminhando com a vontade, pára em olhar a face que ama, e, julgando pelo que vê nella, regula insensivelmente sua crença segundo a inclinação de sua vontade.

Mas tenhamos que tal sujeito é bastante

habil para destruir os sophismas d'um escripto. Una vez que as paixões o dominem, desejará, lendo um livro mau, que este lhe falle ao sabor do appetite, e todos os sophismos lhe hão de parecer razões peremptorias, ou simplesmente plausiveis, para tirar remorsos de sua consciencia e abandonar-se aos māus desejos. Então tomará por bons quaesquer argumentos que lhe sejam offerecidos. Nesta disposição de espirito, as cousas parecerão á sua alma, não o que de verdade são, mas o que elle aspira que pareçam, e sem poder apreciar em seu justo valor os argumentos favoraveis á fé, suporá solidas, ainda que sejam especiosas, as razões oppostas, e correrá a passos largos para o erro, si é que não caia miseravelmente em heresia.

Quanto a poesias amorosas e romances immoraes, esse acervo de lixo immundo, onde se revolve a mocidade cynica; ouçamos testemunhas insuspeitas. Fallando Rousseau do seu romance a Nova Eloisa, escreveu: «Nunca moça casta leu romances. . Aquella que, apesar do titulo d'este, ousar ler uma só pagina, é já mulher perdida. Não impute sua perda a este livro; o mal já estava feito.» Fev. l. 39, p. 92.

A sentença de Rousseau, em parte verdadeira, não o defende do mal que fez.

Quantas, que ainda não eram de todo perdidas, com a leitura do seu venenoso romance se tornaram desbriadas ?!

Ainda que os romances não sejam desbragadamente immoraes, o tecido de phrases, com que vestem idéas immodestas, é tão raro que os olhos da innocencia, traspassando-as facilmente, não divisar maldades ainda mais venenosas.

O que se diz de livros, entendido fica, se extende a jornaes pouco escrupulosos na escolha de assumptos. Esse folhetins cheios de phrases obscenas, reveladores de torpezas publicas e privadas, são a causa primaria da perda de muitos moços até então honestos e donzelas noutro tempo innocentes.

E' destas cadeiras de pestilencia que mestres impudicos dictam, em linguagem corrompida, lições de incontinencia e adulterio; pregam a insubordinação e a revolta; cobrem de calumnias a Religião e seus ministros; difamam as pessoas virtuosas, e exaltam como dignos de imitação os impíos e escandalosos.

E' nessas mesmas columnas baratas que, a pretexto de critica litteraria, os segredos escandalosos da vida d'um escriptor são expostos á curiosidade de leitores imprudentes.

«Nem a tampa da sepultura, observa Jayme de Séguier, defende os mortos desta sacrilega indiscrição.

O publico não admitté que d'um grande escriptor ou d'um grande artista lhe pertençam

apenas os livros, os quadros, as estatuas, as obras de seu genio em sim.

Quer saber o que se passava na casa d'esse homem, e não só na sua casa como na sua alma e no seu coração.

Graças á complacencia criminosa de certos infieis depositarios, de todos os lados affuem documentos reveladores, os jornaes intimos, as cartas confidenciaes, as correspondencias amoroosas; e tudo o que era em vida o mysterio dessas almas, o sacrario dos seus amores, ou o museu secreto dos seus vicios, é brutalmente posto em estendal sob o olhar sarcastico e lascivo da turba. »

Em consciencia não podem os paes permitir a seus filhos a leitura de tales escriptos, nem pelo futile pretexto da litteratura. Esta podem elles estudar em escriptores limpos de todo vicio, que, mercê de Deus, ainda os ha em todas as linguas.

Si querem avaliar o immenso mal que fazem á sua prole, negando-se a cumprir esta recommendação, saibam que, dando a seus filhos occasião de leituras indecentes, criam nelles uma propensão quasi invencivel para satisfazerm a curiosidade com noticias imundas.

O mesmo escriptor acima citado faz esta preciosa confissão no que diz respeito á critica descomedida.

«Revolto-me, diz elle, contra este modo de tratar as grandes memorias e apezar disto é com febre que devoro estes documentos, tão commoventes, tão palpitantes de amor desgrenhado e convulso, tão suggestivo da época e do sentir de então.

E afinal o que eu sinto, multiplicado por muitas mil unidades como eu, — é o que explica a violação d'esses sepulturas e a audacia d'esses sacrilegios. Quaes são os mais culpados nós que sentimos tão insalubres curiosidades, ou aquelles que nol-as satisfazem?

Uns e outros, creio eu.»

Que são em geral as innumeraveis peças de theatro de que o mundo está inundado?

Com rarissimas excepções, são feiras de peccados, pregação perfida de maximas devassas, comosejam o adulterio, desprezo da autoridade paterna, etc. Que é o palco scenico, senão uma arena de combate aberto ou disfarçado contra o pudor e a Religião? E as galarias se apinhoam com pessoas de todos os sexos, condições e idades, para assistirem á glorificação dos desmandos moraes, que facilmente vão assimilando em si, amplificados pela vivacidade fogosa da imaginação exaltada.

Platão excluia da sua Republica Illesiodo e Homero, porque, dizia elle, suas poesias são cheias de fabulas escandalosas.

A unica poesia que podemos admittir, ajuntava o philosopho, é a que sob imagens agradaveis dá idéa justa da Divindade e torna os homens solidamente virtuosas. *Plat. de Repub. lib. I, c. 3. Meignan, p. 384.*

Quintiliano não consente que se confiem aos moços certos auctores senão depois que seus costumes estiverem já firmes e seguros. *Lib. 1, Capit. 5—D. Rim. 1, p. 38 e 40.*

O' paes, lembrae-vos que devemos á infancia profundo respeito, como disse Juvenal :

*Maxima debetur puero reverentia. Salyr. XIV vers. 47º.*

Passemos agora a examinar o dever dos paes quanto aos mestres.

---

## CAPITULO XXIV

### **Mestres**

---

**E**' hoje dogma da moderna sociedade civil o ensino sein Deus.

Os Gymnasios, Academias e até escolas primarias, segundo os legistas e sapientões á moderna, devein ser despidos de todo o carácter religioso; tolhe-se aos instituidores e pedagogos o discursar sobre Deus, e delles se requer silencio mortal em volta do gravissimo problema religioso.

« De certos annos para cá, diz um dos veteranos do ensino superior na França, a palavra Deus e sua idéa desappareceram, digamos assim, da philosophia. Póde-se afirmar que neste sentido se tramou a conspiração do silencio.

Na sciencia pura, na metaphysica, se estableceu uma especie de lei, segundo a qual parece que a idéa de Deus não é philosophica. nem

scientifica. Procuram dar-lhe equivalente, mas temem pronunciar a palavra Deus. De nossa parte quereríainos romper com estes hábitos pusillanimes.

A idéa de Deus é, a nosso juizo, essencialmente philosophica, e impossivel é deixarmola de lado.» *Métophysique et Psychologie de Paul Janet.*

O sistema da educação sem Deus é a aplicação da palavra de Renan: «O principio essencial da sciencia é fazer abstracção do sobrenatural.» De todos os tempos combatido, este pernicioso princípio só tem sido secundo em catastrophes tremendissimas para a sociedade, como era de esperar.

E', como foi, um abutre insaciavel que vacroendo o coração da sociedade: é punhal de Aristóglilão, coberto de flôres de amor á liberdade de consciencia, mas que leva em sua lâmina perfurante a morte dessa mesma liberdade.

O maligno gracejador de Athenas, Aristophanes, já em seu tempo fustigava com ditos pilhericos essas cabeças vaporosas e vasias, que como mestres corrompiam a mocidade. «Não é com tales ensinamentos, dizia elle, que se formaram os heróes de Marathona, esses jovens simples, castos e altivos, que faziam retumbar suas escolas com hymnos religiosos.» *Les Nuées, Laroche, p. 9.*

A Convenção franceza ensaiou o systema de instruir a mocidade sem Deus. Eis como Portalis falla do resultado obtido: « E' tempo, dizia elle a 15 Germinal do anno X ao Corpo Legislativo, é tempo de calarem as theorias diante dos factos. Não ha instrucção sem educação, sem moral e sem religião. Os professores tem ensinado no deserto, porque imprudentemente se proclamou que nunca se devia fallar de religião nas escolas. De dez annos para cá a instrucção é nulla; é necessario tomar a religião por base da educação. Os meninos vivem entregues á ociosidade: não tem idéa da divindade, noções do justo e do injusto; dahi costumes barbaros, um povo feroz. Se compararmos a instrucção coim aquillo que ella devia ser, só ha motivos para lastimar a sorte que espera as gerações presentes e futuras. Toda a França chama a Religião cm socorro da moral e da sociedade. » *Idem* 15.

Estas ultimas palavras indicam o pensamento dos revolucionarios, que suppõem poder haver uma moral em tudo e por tudo civil, isto é, sem religião ou relação coim Deus. Utopia crassa !

« A moral do Evangelho, diz Montesquieu, é o mais bello presente que Deus poude fazer ao homem. »

Blasonem, quanto queirain, o estado de bondade organica, que fará o homem praticar

o bem sem que seja a isto levado pela idéa de Deus, pela lei, seus castigos e recompensas, como quer Guyan na sua Moral sem obrigação e nem sancção. Tanto não alcançam as leis humanas. Estas, ou prescrevam ou prohibam, não bastam para levar os homens ás boas ações ou desvia-los das más, disse Cicero no c. 4, liv. 1 das leis (1).

Sem religião não pôde haver moralidade, e as leis sem moralidade poderão servir para alguma causa? *Quid leges sine moribus vanæ proficiunt?*

« E' necessario, dizia Guizot na Câmara dos Deputados em 1853, é necessario que a atmosphera da escola seja moral e religiosa: na escola trata-se mais de educar que de ensinar. Senhores, reparae num facto, que nunca brilhou talvez com tanta evidencia como em nosso tempo: o desenvolvimento intellectual, quando é unido ao desenvolvimento moral e religioso, é excellente; mas o desenvolvimento intellectual só, separado do moral e religioso, torna-se principio de orgulho, de insubordinação, de egoismo, e por conseguinte de perigo para a sociedade. » *Moulatl.*, 108.

Toda educação que não é religiosa, escreve

---

(1) *Intelligi sic opportet, iussa ac vetita populorum vim non habere ad recta facta vocandi et a peccatis avocandi.*

Martin, quando muito só alcançará formar um animal intelligente.

E' erro pensar que o homem é grande pela sciencia; elle é grande, é homem, sómente pelo conhecimento de Deus.

Fóra d'ahi, vemos sómente sua vida limitada, e umá philosophia sem luz.

Porque o egoismo geral ? o amor do ouro, do poder, da vingança, em vez do amor da humanidade ?

Porque tantas ambições, origens de tantos crimes ? Porque tantos assassinatos, adulterios, ingratidões, calumnias ? Duas causas: o erro e a miseria . Um unico remedio a verdade moral religiosa Para suprir esta potencia divina, inutilmente interrogareis todas as scien-cias de que tão orgulhosos sois.

Para fazer um homem, é necessario desenvolver a alma, e desde que a alma apparece, logo busca seu Deus: assim voltamos sempre a esta cousa tão despresada : a religião.

A idéa de Deus, só ella, completa o homem ». T. 1, p. 123 e 124.

A moral suppõe deveres a cumprir. Ora, unicamente a Religião pôde, em nome de Deus, offerecer bases indiscutiveis do dever,

Um marechal de França dizia a respeito do exercito em operações na Criméa: «Eu julgo que nunca se viu um exercito tão dominado pelo sentimento do dever, e, quando se cava

no fundo deste sentimento, acha-se o Christianismo.» *Gerbert* I, p. 236.

Não querer Deus nas escolas é querer o individuo sem religião. Ora, ouçamos o que diz Montesquieu : «Um principe que ama a religião e a teme, é um leão que cede á mão que o anafia ou á voz que o aquietá : o que teme a religião e a odeia, é como as bestas selvagens que mordem a cadeia, que as impede de se lançarem contra aquelles que passam : aquelle que não tem religião de todo, é como um animal terrivel que só sente sua liberdade quando rasga e devora presas». (1).

Eis aqui o que se tem experimentado como fructo das escolas sein Deus.

Ha poucos annos o General Roca foi vítima de tentativa de assassinato por parte de Thomaz Sambrice, um menino de doze annos de idade.

Qual a causa determinante, que uniu em tenebrosa traíta onze meninos, e os arrojou á senda do crime ?

«Thomaz Sambrice e os demais cúmplices, dizia o *El-Diario*, de Buenos-Ayres, são a encarnação sombria da escola leiga, da escola sem Deus. O atheismo, enthronizado em nossos estabelecimentos de primeiras letras, sómente pôde produzir engenhos monstruosos».

---

(1) Em Feller, Diction. His. art., Montesquieu.

Paulo Bourget, um dos mais afamados escriptores da França actual, depois de examinar na sua obra *Oulre-Mer* a questão capital da educação e ensino na America, diz «que os franceses deviam procurar o que resta da velha França . . ., reerguer a vida religiosa . . ., desfazer systematicamente a obra mortifera da revolução francesa»

A mesma condenação já fôra fulminada por le Play e Taine, como affirma Henri d'Hessert. .

Oxalá o sinistro incendio que devora as sociedades sem Deus, allumiasse com seu lugubre clarão os horrores que juncam o caminho, que devem percorrer as nações novas, e as fizesse arrepiar carreira da voragem para onde se atiram.

Quando se quer escola sem Deus firma-se na hypothese de que a sciencia basta e dispensa a Religião. Luze mais luz, dizem, e teremos moralisado o povo.

Nada mais falso. A instrucção faz sabios, gente versada, a educação gente honrada, bons cidadãos, e a educação é a moral, escreveu preclaro polemista.

«Os actuaes exploradores da Africa, de quem tantos horrores se contam, são, diz o Dr. Prado, mais ou menos adeptos do scientificismo moderno. Ora, a sciencia não ensina a caridade, a sciencia não prega a fraternidade. O

que a sciencia ensina é a lei da sobrevivencia do mais forte e do mais apto, é a eliminação do fraco, e por isso, hoje, na África, o branco quer apenas sobreviver, sacrificando o negro. E' rigorosamente scientifica esta politica».

---

## CAPITULO XXV

### **Deus e a sciencia**

---

**O**s diversos systemas, mais ou ou menos scientificos, nunca chegaram e nunca chegarão a supprimir o Creador, o que vale tanto como dizer que a sciencia não pôde passar sem Deus, e nem suprir a moral religiosa.

Na ordem do dia estão o positivismo e o transformismo.

O positivismo que, segundo Dupont-Wittre, faz profissão de só conhecer a materia, suas propriedades e leis, e é antes de tudo uma excommunhão da religião e philosophia, denominadas como malsazejas ao espirito humano, é refutado pela propria enunciaçao de 'eu postulado' (1). «Affirmar em geral, como faz o positivismo, que a scien cia humana deve limitar-se sómente aos phenomenos é, diz Antoine Mol-

---

(1) Arduin t. 1, p. 23—De la Destinée humaine 1873 p. 17

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

lière, escriptor lionez, ultrapassar os phenomenos e entrar pelo campo da metaphysica pura» (1).

Com efeito, segundo Cl. Bernard, o nome propriedade não é experimental, é abstracto, e é impossivel fallar de outro modo que fazendo abstracções. *Phen. de la vie*, t. 1. pag. 369.—Nós, diz o mesmo physiologista, não podemos fallar sem metaphysica. *Ibidem* p. 291.

«De todas as partes diz Brunetière, a insufficiencia do positivismo e do naturalismo logo se mostra aos olhos até dos mais prevenidos...

Todas estas questão de origem, de natureza e fin, são em todo caso, questões que a todos nos interessam». (Conferencia feita em Besançon, a 2 de Fevereiro de 1896.) Quem então nos esclarecerá? Os Philosophos? Sua impotencia é hoje notoria. Todos os sabios que rejeitam a revelação, não dão senão respostas contraditorias, e é sobre este terreno que a sciencia tem faltado a suas promessas. Só uma revelação vinda do Céo era, diz Platão (*Phe-don* vol. 1. n. XXXV), um navio bem seguro e resistente para a travessia da vida.

O eminente academico affirma que ha no

---

(1) *Études sur la théorie de l'évolution* em Arduin, t. 2, part. 2, p. 99.

mundo intellectual «a convicção que si a scien-  
cia ou o conhecimento dos factos, o conhe-  
cimento experimental, o conhecimento racio-  
nal é una das «funcções do espirito», ella  
não é a unica, nem pôde ser a mais importan-  
te. Ha muitas cousas neste mundo que nossos  
sentidos—instrumentos maravilhosos, mas mui-  
liitados, não poderiam perceber nem atin-  
gir. Assirma tambem «a intima persuasão, a  
crença indestructivel numa causa invisivel,  
num mysterioso futuro occulto atraç da tela,  
além da scena onde se representam o drama da  
historia e o espectaculo da natureza,—*Deus abs-  
conditus—Deus escondido*—, que preordenou a  
successão e as peripecias».

\* Demais, é impossivel que a humanidade  
se contente com este erro—que não se deve  
inquerir da causa das cousas, pois a historia  
demonstra que este estudo foi em todos os  
tempos e povos séria preocupação para a  
humanidade. «Ora, diz Carrau, o problema da  
origem primeira das cousas é e será sempre um  
problema transcendent: o positivismo não  
pôde aspirar resolvê-lo sob pena de ser infiel  
ao espirito do seu proprio methodo» (1).

Paulo Bert, professor de physiologia na

---

(1) *Études sur la theorie de l'évolution* pag. 19, Arduin.

Faculdade de sciencias de Pariz, diz : «Fóra da physiologia fica o campo immenso dos phenomenos verificaveis apenas por via subjectiva.

Quando se trata d' saber si a intelligencia humana é ou não o simples resultado d'uma transformação da força, tendo como substratum a materia organisada, ou si ella é a manifestação d'uma substancia especial, diferente da força e da materia, como se pôde pensar em apartar do debate a noção do bem e do mal, a consciencia e o sentimento do livre arbitrio que resiste a tudo ?.. E' absolutamente necessario que estas noções fundamentaes, no que ellas têm de scientificamente esclarecido, intervenham n'uma disputa, que durará tanto como o mundo: e os physiologistas que recusam dar-lhe attenção, longe vão da verdade.. Vós conhecéis uma Escola (A Escola Positivista), que recommenda aos seus discipulos sujam das questões desta ordem, o que valeria tanto como banil-as das preocupações humanas.... E' obra impossivel. Ellas se impõem ao espirito, e tanto mais fortemente o sitiaram, quanto maior é o esforço para evitá-las. A contragosto nosso, usamos todos de metaphysica, muitas vezes sem darmos por isso. E porque, enfim, não confessal-o ? A honra da especie humana, o verdadeiro caracter de sua grandeza, é esta impaciencia d'um eterno ignoto.» *Discours d'ouverture. Revue des cours publics*—25 Mai 1870.

De tal modo se impõe ao espirito do homem a idéa real da Divindade, que ao seu influxo não alcançam escapar os mesmos positivistas, que fazem profissão de não indagar em seus estudos senão o que cárde sob o calculo e experientia. Eis o que diz Stuart Mill... « O modo positivo de pensar não é necessariamente uma negação do sobrenatural; contenta-se com rejeitar-o para a origem de todas as cousas. Si o universo teve um começo, este começo, por isso mesmo que o é, foi sobrenatural; as leis da natureza não podem dar a si mesmas conta de sua propria origem. »

Perguntae aos positivistas donde vem a matéria e a força que a move?

Elles não poderão fornecer uma resposta satisfactoria, por mais que se esforcem para satisfazer á propria vaidade.

O positivismo é uma doutrina coxa, infecunda, incapaz de responder ás necessidades da verdadeira sciencia, diz Arduin...

O inventor da Psychologia cellular, Hœchel, positivista, materialista, atheu, disse: « A experientia limita nossa sciencia toda, e nunca, em parte alguma, podemos chegar ao fundo d'um phenomeno qualquer. » *Hist. de la création naturelle* p. 30.

Alguém poderia pensar que a theoria das evoluções dispensa uma causa primaria de tudo, contradiz a finalidade dos seres e remove

scientificamente todo o mysterio. E' engano. Leibnitz e Descartes, reflecte P. Janet, invocam á cada hora os principios da evolução. . , mas por estes principios Leibnitz não pensava e não queria com certeza enfraquecer a acção divina em a natureza. Elle julgava que na origem Deus tinha imprimido em cada creatura a lei do seu desenvolvimento, e que o universo não era senão a manifestação d'essa lei.

A mesma verdade parece proclamada por H. Spencer, o subtil defensor da evolução sob a forma mais recente. «A genese d'um atomo, nos diz elle, não é mais facil de se conceber que a dum planeta. A evolução, longe de tornar o universo menos mysterioso do que antes, o constitui mysterio ainda maior. O homem pôde dispôr uma machina, mas não pôde fazer uma machina que se desenvolva a si mesma. Que nosso harm onio: o universo tenha outrora existido em estado de materia diffusa, sem forma, e haja chegado lentamente á sua organisação presente, é isto muito mais espantoso que sua formação segundo o methodo official que o vulgo suppõe. A hypothese da nebulosa, implica uma causa primeira tão superior ao Deus mecanico de Paley, como este o é ao fetiche do selvagem. *Essays / 1, d. -98. — Ribot, Psychologie anglaise, 2, edit. pag. 192.*

« Notemos de passagem que o Deus de Paley não é um Deus mecanico. Como é impos-

sivel fallar sem metaphora, nota P. Janet, é certo que quando se compararam as machinas da natureza a machinas humanas, é a gente tentada a fallar de Deus como d'um mecanico : da mesma sorte se dirá o divino poeta, o grande geometra, etc.» *Les causes finales*, pag. 309.

Como outr'ora os Athenienses adoravam um Deus desconhecido —*Ignoto Deo*—; assim a sciencia moderna, por mais que procure remover a acção divina no Universo, é sempre coagida a confessar uma causa primeira incognita, que é para os Christãos Deus. O antecedente Universal de que falla Mill, esta causa absoluta que escapa ás pesquisas chimicas e physicas, este incognito que a sciencia positiva suppõe e confessa, embora o não apprehenda em seus laboratorios anatomicos, é o que chamamos Deus.

Pasteur, que neste seculo foi um dos cinco ou seis mais illustres representantes da civilisação; que cincuenta annos passou em contacto quotidiano com a materia, cujos segredos foi indagando e arrancando um a um; a quem o proprio Renan tece elogios pelos serviços prestados á sciencia, diz do positivismo conforme definiu Littré: «O grande e visivel defeito do sistema consiste em que, na concepção positiva do mundo, não é attendida a mais importante das noções positivas, a do infinito. Que é o que ha para além dessa abobada es-

trellada ? Novos céos constellados. Vá ! E mais além ?

O espirito impellido por uma força invencivel nunca cessará de indagar : Que haverá para além ?

Quer elle porventura parar, seja no tempo, seja no espaço ? Como o ponto onde pára não passa de uma grandeza finita, maior unicamente do que todas as que a precederam, ainda elle mal começa a consideral-a, e já a implacavel pergunta recomeça sempre e sempre sem que elle possa impôr silencio á sua necessidade. De nada serve responder : para além acham-se espaços, tempos, grandezas sem limites.

Ninguem comprehende estas palavras. Aquelle que proclama a existencia do Infinito, e ninguem se pôde eximir disto, accumula nesta afirmação mais sobrenatural do que o ha em todos os milagres de todas as religiões: porque a noção do Infinito tem este duplo carácter de se impôr e de ser incomprehensivel. Quando esta noção se apodera do entendimento só resta ao homem prostrar-se. Ainda nesse momento de anciedades pungentes, é mistér pedir misericordia á nossa razão ; todas as molas da vida intellectual ameaçam distender-se; o individuo sente-se prestes a ser dominado pela sublime loucura de Pascal. Esta noção positiva e primordial, o positivismo afasta gratuitamente, assim como a todas as suas conse-

quencias na vida das sociedades. A noção do Infinito, em toda a parte vejo a sua inevitável expressão. Graças a ella, o sobrenatural está no fundo de todos os corações... Em quanto este mysterio pesar sobre o pensamento humano, hão de elevar-se templos ao culto do Infinito...

E sobre as lages desses templos vereis homens ajoelhados, prostrados, engolfados no pensamento do infinito. A metaphysica não faz senão traduzir dentro de nós a noção dominadora do Infinito. Não é porventura a concepção do ideal, a faculdade, reflexo do Infinito, que, em presença da belleza, nos impelle a imaginar uma belleza superior? A sciencia e a paixão de comprehender são acaso outra cousa senão o effeito do aguilhão do saber que o mysterio do Universo pôz em nossa alma? Onde estão as verdadeiras nascentes da dignidade humana, da liberdade e democracia moderna, senão na idéa do Infinito, perante o qual todos os homens são iguaes?»

Este homem em quem, disse Poincaré, ministro da Instrucção Publica na França, a sciencia não se cansará de admirar o genio, a força combinada d'uma imaginação creadora e do mais rigoroso methodo experimental, nunca desertou da crença na Religião Catholica herdada de seus paes, e expirou tendo o Crucifixo nas mãos.

«No dia, diz Cornely, em que Pasteur provou experimental e terminantemente á Academia das Scienciás, que a vida não se organisa por si e que o que até então era tido por seres de geração espontanea eram, nem mais nem menos, animalculos creados com os outros e como os outros; esse dia foi para as doutrinas espiritualistas, e por necessaria consequencia para as doutrinas religiosas, dia de victoria decisiva qual não foi a de Austerlitz.»

A sciencia que repelle a Religião, a sciencia sem Deus, é obrigada pelos seus representantes mais auctorizados e orgulhosos a confessar sua impotencia para explicar os factos.

«O começo e origem dos seres organisados são para nós mysterio, façamos o que fizermos, diz em nome da sciencia Zimmermann... Elles existem; mas d'onde vieram?... Em todos estes mysterios primitivos, uma palavra nos pára e se dirige ante nós—o Fiat do Creador. Sua origem paira acima de nossos meios de investigação, e somos obrigados a nos contentarmos com o estudo de seus começos.» *Le monde*, p. 43.

«O que dissemos desse primeiro periodo (falla da terra) não está para nós em estado de sciencia, mas de hypothese. O que julgamos ter sucedido seria conforme ás leis da natureza, como ellas existem; mas não está decidido que tenha acontecido precisamente assim, por-

que, muito provavelmente, não conhecemos todas as leis da natureza.» Pag. 51.

Si não temeramos enfadar o leitor, facil nos fôra ensiar citações, pelas quaes veria que só a falsa sciencia é que nega a Deus. Quereis com isto ensinar, dir-nos-hão, que os filhos não devem aprender as sciencias?

Quereis que os paes façam de seus filhos outros tantos pariás da instrucção? De modo algum, respondemos. Não ha perigo para a Religião em que seus filhos sejam sabios.

A mais excelsa virtude pôde muitissimo bem existir com a mais alta sciencia.

Uma feita o abade de Banger advertiu o joven Luan contra os perigos que havia no estudo muito apaixonado das artes liberaes. Respondeu o moço: «Si eu tivesse a sciencia de Deus nunca o offenderia, porque estes o desobedecem que o não conhecem.» Ouvindo isto, retirou-se o abade, dizendo: «Meu filho, tu és firme na fé, e a sciencia verdadeira te porá no recto caminho do Céo.» *Vé Ozanam em Monl. t. 2 p. 48S. Moines de l'Occid.*

Si não ha perigo para a Religião em se adquirir sciencia, o ha certamente para a sciencia em divorciar-se de Deus, pois que a Religião, como disse Bacon, é o aroma necessario para impedir que a sciencia se corrompa—*fides aroma scientiarum.*

Unidas devem andar no ensino a sciencia.

e a religião, e não podem ficar tranquillos de consciencia os paes que entregam seus filhos a mestres que não lhes ensinam a moral religiosa. Ainda não ha muito a Sagrada Congregação da Propaganda o decidiu a respeito dos Canadenses.

---

## CAPITULO XXVI.

### **Exemplos. Conversação. Passeios**

**P**ARA bem educar os filhos os paes devem empregar, além desses meios, todos os mais que podem adequar-se a seus intentos e que Deus pôz a seu alcance.

O jantar, os passeios, o trabalho, a vigilia, a oração da noite, os domingos, a conversa, o exemplo, são ocasiões para desenvolver-se esta benefica educação.

Comecemos pelo exemplo.

«Oxalá, exclamava um dos mais alumiados homens do paganismo, Quintiliano, oxalá que os paes não fossem por si mesmos a causa da perdição de seus filhos:—*ulinam liberorum mores ipsi non perderemus!* Nós mesmos deixamos corromper-se pela nossa criminosa condescendencia os seus primeiros annos no seio das delicias —*infanliam statim deliciis solvimus*; elles veem todos os excessos, e máos procedimentos de um pae irreligioso; ouvem os seus discursos impios, e as canções lubricas, que resoam na

alegria dos convivios—*convivium obscenis canticis strepit*: numa palavra aprendem a ser libertinos e viciosos, ainda antes de saberem o que é vicio e libertinagem—*discunt hæc miseri, anlequam sciant esse vilia*. *D. Rom.* pag. 149, 150, t. 1.

«A educação é a creação moral do homem. Este desde os tenros annos se formará e se transformará sob a influencia de tudo quanto o cercar, de tudo que ferir seus sentidos, seus olhos, seus ouvidos, seu coração.

Como cêra molle, conservará o signal de tudo que o houver tocado; como a placa da photographia, elle reproduzirá todos os raios que o houverem esclarecido; como a gotta do orvalho suspensa na ponta d'uma haste entre o Céo e a terra, elle reflectirá a luz do alto e a sombra de baixo.

Essas impressões tão variadas, fundindo-se juntamente e sobrepondo-se, formarão pouco e pouco o caracter do homem; simples ou confuso, baixo ou elevado, conforme a educação tiver sabido dirigil-o durante o periodo do seu desenvolvimento.» *Le Goupils*, p. 29.

«Instrue teu filho, diz o sabio, não te desalentes nunca, mas toma sentido que tua vida não se torne causa de sua morte. *Erudi filium tuum, ne desperes: ad imperfectionem aulem ejus ne ponas animam tuam*. *Prov.* c. 19. 18.

Têm os paes na familia o logar mais ele-

vado, e por isso mesmo de todos os lados os estão observando os filhos, assim como n'uma cidade para o mais assomado torreão convergem todos os olhos dos habitantes.

Na calada da noite, entre o mesmo dormir, lá os estarão espreitando olhos curiosos, em quem madrugou a malicia...

« A natureza o quer assim, cantou em vigorosos versos o satyrico Juvenal, os exemplos domesticos nos corrompem mais depressa, porque procedem de grandes auctoridades.

Aos meninos se deve o mais profundo respeito. O'pai, si planejas perpetrar alguma feia acção, pensa nos tenros annos de teu filho; si vais peccar, detem-te por causa de sua presençā... Desgraçado, tu receias que teu amigo veja as manchas que deshonram tua habitação, e não cuidas em deixar a teu filho uma casa santa, sem mancha, pura de todo o vicio » (1).

---

(1) Sic natura jubet: *velocius et citius nos Corrumput vitiorum exempla domestica magnis Quum subeunt animas auctoribus.....*

Maxima debetur puerō reverentia; si quid Turpe paras, ne tu pueri contempseris annos;  
Sed peccaturo absistat tibi filius infans.

Illud non agitas, ut sanctam filius omni  
Adspiciat sine labe domum vitioque carentem.

(Juven. Satyr XVI.)

Não devem os paes ser como os philosophos de que falla Seneca. Estes, dizia elle, são muito eloquentes em fazer suas proprias satyras. Si ouvirdes seus discursos contra a avareza, a devassidão, a ambição, acreditarcis que fazem um processo de sua profissão; as reprovações que lançam contra a massa popular, cahem sobre elles mesmos. E' necessario consideral-os como medicos que annunciam remedios nos rotulos de frascos que contêm veneno,

Sejam as acções dos paes sempre de accordo com suas palavras, exprimam estas sempre pensamentos generosos, e os paes terão feito para seus filhos mais do que poderiam fazer os pedantes de todas as universidades do globo, diz Martin, p. 147. t. 1.

São duas cousas que se entreajudam, o exemplo e a palavra.

Esta sem aquelle não produz o effeito desejado: os máos exemplos perdem as optimas lições, e as pessimas lições corrompem os bons exemplos: *Corrumpunt mores bonos colloquia mala.*

Com isto bem se ajusta o que diz Seneca: «Onde quer que vires uma oração corrupta agradar, ahi, não ha duvidar, os costumes também decahiram. *Ubi cumque videris orationem corruptam placere, ibi mores quoque a recto descivisse non est dubium».* (Senec. Epist mor. 114.)

Deus como que facilita o dever dos paes,

depondo na alma dos filhos o desejo innato de aprender, esta força espontanea, que naturalmente se manifesta pela curiosidade que o está continuamente picando. « A curiosidade, diz Fénelon, é uma inclinação da natureza, a qual como que vairasgando praça para a sciencia».

Devem os paes utilal-a para o bem. Pela curiosidade abre-se o espirito da creança para os uteis conhecimentos, como para receber o orvalho matutino desdobra a flôr o seu calice. Ainda os paes podem espertar esta curiosidade. aguçal-a por perguntas e ministrar ás criancas explicações que vão dar em cheio na intelligenzia e coraçao d'ellas.

Aprendei, ó paes, com o philosopho escossez Beattie o modo engenhoso pelo qual elle ensinou a seu filho a crença na Providencia. « O menino tinha cincoa seis annos e começava a ler; mas seu pai ainda não tinha querido lhe fallar de Deus, pensando que sua tenra idade o impedisse de comprehendender taes lições. Para melhor sahir com seu intento, isto é, para fazer penetrar no seu espirito esta grande idéa d'uma maneira accommodada á sua idade, elle executou o expediente seguinte : Num canto do seu pequeno jardim traçou com os dedos na terra, sem que ninguem soubesse, as tres letras iniciaes do nome de seu filho e semeando nos sulcos certas sementes, cobriu-as com terra e comsigo calou o que fizera. Dez dias depois,

diz elle, o menino correu á desfilada para mim, e, com alvoroço no rosto, os olhos faiscando espanto, disse-me que seu nome tinha nascido no jardim. A's occultas me ri a bom rir ao ouvir estas palavras, mas disfarçando a hilaridade, simulei de proposito não dar tento ao que elle me dizia. Elle, porém, insistiu em levar-me para ver o que succedera: «Sim, disse-lhe eu, ao chegarmos ao logardo phenomeno, eu vejo bem que é assim; mas nisto nada ha que deva espantar: é um acaso»; e voltei-me. O menino seguiu-me e chegando-se a mim, disse-me com tom seguro de palavras « Não pôde haver acaso naquillo. E' necessario que alguem tenha preparado os grãos para produzirem tal resultado». Talvez não fossem exactamente as suas palavras; mas ellas exprimem com justeza o seu pensamento. «Tu pensas, então, disse-lhe eu, que o que se nos apresenta tão regular como são as letras de teu nome, não pôde ser produzido pelo acaso? — Sim, disse elle, logo e com firmeza, eu penso assim. — Pois bem, considera-te a ti mesmo; considera tuas mãos e teus dedos, tuas pernas e teus pés, e todos os teus membros: não parecem regulares na sua apparencia, e uteis no seu uso? — Sem duvida, respondeu-me. Podem, insisti eu, ser resultado d'um acaso? — Não, de modo nenhum; alguem necessariamente me fez. — E quem é este alguem? tornei-lhe eu. Elle respondeu-me que

não sabia. Lançando mão da occasião eu lhe fiz conhecer o nome do grande Ser, que fez todo este mundo, e dei-lhe sobre a natureza divina todas as lições que sua idade comportava. A lição impressionou-o profundamente, e elle, que de animo fito a escutou, e no sorriso mostrava a alegria que pelo intimo transbordava, nunca a esqueceu, nem tão pouco a circunstancia que serviu de occasião para ella. » Paul Janet, *Causes finales*, p. 405 e 406.

Quão uteis conhecimentos em ordem ao tempo e á eternidade podem d'est'arte ser ministrados pelos pais a seus filhos. O jantar, o passeio, as noticias de boas e más acções, quão optimas monções de ensino e edificação !

Não sabeis talvez de que artificio usou Kepler para desafiar chistosa resposta de sua esposa e provar-lhe a suprema intelligencia ordenadora do mundo ? Merece narremos aqui o que neste particular nol-o refere Bertrand na sua obra *Les fondateurs de l'Astronomie moderne*, p. 154. « Um dia, depois de ter meditado muito tempo sobre os atomos e sua combinação, fui chamado, diz Kepler, por minha esposa Barbara, que apresentou-me na mesa appetitosa salada. « Pensas-tu, disse-lhe eu, que depois da creaçao, si pratos de estanho, folhas de alface, grãos de sal, gottas de oleo e vinagre, fragmentos de ovos duros fluctuassem no espaço em todos os sentidos e sem ordem, o acaso

poderia approximal os hoje para formarem uma salada? Com certeza não tão boa, respondeu-me minha formosa consorte, e nem tão bem guisada como esta». P. Janet, p. 405.

As refeições, entre as quaes se costumam desatar tão livremente as linguas em parlandas mais que inuteis, podem se converter em escola agradavel de educação e instrucção. Conta-se que o Dr. Ernest Luwig Hein aproveitava-se da hora do jantar para instruir os dous Humboldts. A' mesa, diz Latino Coelho, passavam-se os colloquios em que o Dr. explanava aos dous meninos os principios de botanica, explicando-lhes as vinte e quatro classes do sistema de Lynneu.

Quão afortunada occasião se abre então para entrelaçar os paes licções de civilidade com os deveres christãos!

Ahi, o prevenir os filhos contra a gula, ahi o indicar-lhes praticamente as regras que devem observar na mesa; ahi, o inculcar-lhes o dever de agradecerem á Divina Providencia os alimentos que recebem, acostumando-os pelo exemplo e palavras a orarem antes e depois da comida, como o recommenda a Religião.

Um outro filho do povo, o celebre Kant, gostava de repetir que elle devia tudo aos piedosos cuidados de sua māi. Esta boa mulher, embora sem instrucção, havia-lhe dado instrucção maior das sciencias, a da moral e da

virtude. «Eu nunca me esquecerei, dizia Kant na sua velhice: é ella quem me fez germinar o bem que se acha na minha alma.»

Quão cabal doutrinação podem os paes fazer derivar para seus filhos do espectaculo physico do globo, esse livro escripto pela mão de Deus, mais intelligivel que todas as humanas concepções, na phrase de Raymundo de Sebonde...

Brilha na abobada celeste o sol, que esclarece a natureza? Façam os paes que os filhos comprehendam que Deus é o sol da verdade, e que assim como ficam offuscados os olhos que encaram o sol de fito em fito, assim Deus e os mysterios divinos, não podem ser comprehendidos por intelligencias humanas, as quaes do mesmo sol eterno recebem luz para comprehensão das cousas finitas.

Assim, conversando, vão os paes infiltrando na alma infantil os celestes ensinamentos a par dos conhecimentos terrenos, que para a vida lhe são tão uteis.

Luiz, Delfim de França, tinha maximo cuidado em tomar tempo para examinar por si mesmo, cada semana, sobre lingua, a seus filhos, entre os quaes estava Luiz XVI. Um dia, o Delfim mandou vir o livro de baptisamentos da parochia, e abrindo-o, fez notar a seus filhos que aquelle que os precedia era o nome d'um pobre official, e disse-lhes estas bellas palavras:

«Vós o vêdes, meus filhos; aos olhos de Deus as condições são iguaes, e não ha outra distincção mais do que a que dão a fé e a virtude: vós sereis um dia maiores que este menino no juizo dos povos, mas elle será maior do que vós diante de Deus, si fôr mais virtuoso.»

Da mesma piscina corre a agua baptismal sobre a creança amantilhada em brilhante purpura real e a pobre da gente do povo, enfaixada em humildes pannos da pobresa.

Melhor penetram na alma e mais aproveitam as lições ministradas sem apparato na conversação quotidiana do que todo ensino proposital e premeditado,— e muito melhor se comprehende aquillo cuja applicação se vê nas lições da vida.

Considere-se bem e vêr-se-ha quão verdadeira é a palavra de Varillas, que usava dizer que de dez cousas que elle sabia nove aprendera na conversação. *Barthelemy*, t. 12, p. 99.

Ora, ahi está facil e efficaz meio de educar.

Com singelas e curtas narrativas esculpi lições proveitosas nos espíritos de vossos filhos, gravae-lhes na memoria conceituosas sentenças, e os acontecimentos que mais lhes ferem a imaginação acompanhae com finas observações.

Nos domingos e dias santificados, quanto tempo tem os paes, pobres e ricos, para dar

licções a seus filhos. São dias de repouso e destinados á santificação. Cumprindo com os filhos o dever religioso de ouvir a Missa, é a occasião opportuna para acostumal-los a praticar a Religião, e tambem verbalmente lhes explicar as passagens do Evangelho, excitando-lhes a curiosidade com perguntas sobre o que ouviram do parocho na Egreja.

Levae-os ao Catechismo, que resume o ensino sublime que Jesus nos deu, e sua Egreja nos explica.

Os dias de festa nacional dão occasião para licções sobre a historia patria, fazendo que os filhos conheçam os principaes acontecimentos, e os mais benemeritos vultos da nossa nacionaldade.

Mas os dias de repouso não são os ordinarios. Os do trabalho são os mais communs, e ainda então ficam os serões, que offerecem tempo disponivel para apraziveis confidencias da familia. A reunião á noute no lar é magnifica occasião para conversações educadoras,

E' então uma das horas em que os paes devem animar os filhos para o trabalho, louvando-lhes a diligencia, despertando emulações, censurando-lhes a indolencia, sem comtudo incutir-lhes ambições. Dir-lhes-hão então como o filho de Sirac «que o trabalho é o melhor preservativo contra as enfermidades ». Eccles. XXXI, 27; «que o preguiçoso é um sér odioso e

despresivel» XXII, 1—2; «que um bem precioso que nada substitue sobre a terra é a boa reputação.» C. XLI, 14—16. Mas não se esqueçam de introduzir-lhes no animo «que, como diz o Siracida, o homem laborioso deve lembrar-se que seus suores nada valerão sem a benção de Deus—XI, 10—17; que «saude e justiça valem mais que todo o ouro.» XXX, 14—16.

Recordar-lhes-hão o antigo proverbio: *o mal havido, mal consumido: malé parta, malé dilabuntur*. Este antigo proverbio é de todas as linguas e de todos os estylos. Platão disse: A virtude é que produz todas as riquezas, como produz todos os outros bens; tanto publicos como particulares. (*In Apol. Soc. Opp. t. 1, pag. 70*).

Não desaproveitem occasião alguma de encarnar nos corações dos filhos a doutrina do Evangelho.

Fazei que comprehendam que o abysmo da felicidade se encontraria no abysmo da caridade. *Berthier*.

A felicidade, diz este sabio escriptor nas suas Reflexões espirituaes, não se acha na posse de bem algum deste mundo. Os que delles gozam se queixam todos da situação em que se vêem.

Todos desejam alguma cousa que não tem, ou diferente da que tem. De outra parte, todos os males que inundam a face da terra são obra dos vicios... que nos apresentam a imagem do

inferno desencadeado para tornar o homem desgraçado... Supponhamos no mais elevado cimo da gloria e no seio dos prazeres, os homens que não comprehendem a verdadeira doutrina, serão desgraçados, porque os bens são incapazes de saciar os seus desejos; ao contrario, os que receberam a palavra de vida... marcham pelo caminho da felicidade, ainda quando vivam a braços com todas as calamidades temporaes... Percorrendo os annaes do universo, só encontro a felicidade naquelles que levam o jugo amavel e ligeiro do Evangelho... Vossa lei é recta e enche de alegria os corações (Psl. XVIII, 9). Ella dispõe um estado de reponso, de contentamento, e até de delicias no meio das tribulações...

Ao revez, diz o sabio, (Eccl. 41, 11—12), desgraçados impios! Elles viverão na maldição... *Berlhier, Réflex, spir. t. 1, 4 médil. 3 réflex.*, p. 438 e seg.

Os paes acharão nas Sagradas Escripturas, donde são as palavras citadas, passagens inspiradoras de sãos conselhos para formarem seus filhos. Lêde-as com os filhos que Deus vos deu: mettei o pensamento por aquellas páginas de divina inspiração, e nunca levantareis os olhos de sobre ellas e nem volvereis ás luctas da existencia sem farta messe de esforçados alentos, e risonhas esperanças.

A Deus prouvera fossem os paes christãos

de lei, e seus filhos seriam virtuosos, porque, como escreveu Rousseau a Offreville, «O cristão não tem necessidade senão de logica para ter virtude:— *Le chrétien n'a besoin que de logique pour avoir de la vertu.*»

Vem depois as noticias boas e más, que, correndo mundo, penetram o lar e aportam nos ouvidos dos filhos.

Os paes devem certamente conservar e salvaguardar a innocencia de seus filhos: mas quantas vezes os crimes são sabidos por elles? ! Aos paes cumpre reprovar o mal como o merece, fazendo que os filhos fujam de imitar as más acções.

«Ainda que, escreveu S. Francisco de Salles, seja necessário que tenhamos grande delicadeza em não maldizer do proximo, é preciso nos precatarmos de resvalar em extremo opposto, como acontece a alguns, que para evitarem a maledicencia, louvam e dizem bem do mal...»

Assim, é mister dizer francamente mal do mal e reprovar as cousas dignas de reprovação, e assim fazendo glorificamos a Deus. » *Fevr. t. 33, p. 17.*

## CAPITULO XXVII

### Vigilancia Paterna

A vigia sobre os filhos merece particular indicação neste capitulo. A falta de velarem os paes no proceder dos filhos, desde os mais tenros annos, é causa de irreparaveis ruinas.

Más companhias estragam-lhes muitas vezes os costumes, e mettidos redea solta no caminho dos prazeres mundanos, tornam-se desobedientes e viciosos.

Cáem a proposito palavras de Rousseau : «Eu sempre vi que moços cedo corrompidos são deshumanos e crueis, diz elle; não conhecem nem piedade nem misericordia ; promptos são a sacrificar pac e mãe, e o universo inteiro, ao menor dos seus prazeres. Ao contrario, um moço criado na feliz simplicidade, é levado pelos primeiros movimentos da natureza para as paixões ternas e affectuosas ; seu coração compassivo se commove com as penas de seus semelhantes; exulta quando revê seu camarada;

seus braços sabem estreitar amplexos carinhosos; seus olhos sabem derramar lagrimas de enternecimiento ; é sensivel á vergonha de desagradar, ao pesar de ter offendido... Sim, eu o sustento, e não temo ser desmentido pella experientia : aquelle que conservou até os vinte annos sua innocencia, é, nesta idade, o mais amante e amavel de todos os homens. »

Mui de caso pensado citamos Rousseau, para que se veja quanto neste particular concordam suas palavras com os ensinamentos cristãos.

Paes ha tão pouco zelosos, que não se quietam a respeito das casas que seus filhos frequentam; dos companheiros com quem andam de restea; que os deixam alongar passeios por lugares suspeitos; não inspeccionam suas desenvolturas, nem se incomodam com o se recolherem dos passeios nocturnos a horas mortas da noite.

Outros ha que nem siquer sobre as filhas depositam o mais ligeiro cuidado; não lhes mostram perigos de certas frequencias, e talvez até lhes facilitam o caminho da perdição.

Apenas começam desenvolver-se as facultades intellectuaes e chega o tempo de frequentar escolas e cursar humanidades, são mandados a estudar em um meio social occasionado a lances perigosos, porque são muitas vezes entregues á propria inexperiencia, sem terem

mão attenta que esteja alli a ponto para desvial-os do caminho do vicio. Aguilhoados pela concupiscencia e livres de qualquer vigilancia, atiram-se a toda a rédea em vida desordenada, dissipando tempo e gastando dinheiro a rodo para satisfazerem grosseiros deleites, que nunca cessam de bradar ; affer, affer, mais, mais... E depois vel-os-heis encanecidos nos vicios, pobres de vigor physico, ricos de enfermidade que os vai arruinando, mas ainda rudes nas sciencias, porque nada embota e esterilisa a intelligenzia como a crapula...

« Os prazeres do amor nos esfalfam», já dizia o velho Hippocrates.

« O homem que modera seus gozos, diz Corneil (*Dictionn. de médecine, art. continence*), sente-se com mais força, mais energia, vigor intellectual e physico.»

A vigia ensina tambem a prevenir os filhos contra a presumpção. Apenas apparecem os primeiros signaes da intelligenzia, já os meninos deliciam-se vaidosos, extraviando-se ante os fructos que o proprio engenho vai colhendo na instrucçao ; são logo tentados de orgulho, vicio que os torna insupportaveis entre gente de boa educaçao. « Logo que parece que a razão dos meninos faz algum progresso, é necessario premunir-os contra a presumpção.—Vós vêdes, dir-lhe-heis, que sois mais adiantados que no anno passado; daqui a um anno vereis couisas

que não sois capazes de ver hoje. Si no anno passado tivesseis querido julgar das cousas que agora sabeis e então ignoraveis, vós as terieis julgado mal. Tambem terieis errado si pensasseis que ellas eram acima do alcance de vossa intelligencia. O mesmo acontece hoje a respeito das cousas que vos restam para conhecerdes. — Um dia vereis quão imperfeitos são vossos conhecimentos presentes. Entretanto, tende confiança no que vos dizem as pessoas que julgam como vós proprios o fareis quando tiverdes sua idade e experiencia,» *Fénelon.*

A nenhum esforço perdoai-vos para insinuardes a vossos filhos a humildade, esta virtude que, diz Balmes, nos indica os limites de nossas forças; nos revela os defeitos proprios; impede-nos de exagerarmos nosso merito; de nos levantar-mos acima de outrem; leva-nos a aproveitarmos todos os bons exemplos e bons conselhos; ensina a olharmos como indigno o espirito serio a busca de aplausos, vãos prazeres e fumo dos louvores.

Entretanto ha paes que com desmedidos louvores levantam soberba nos filhos, assopram-lhes as vaidades, conferindo fóros de realeza a seus talentos porque não sahiram de todo boçaes ou estupidos, e quando elles alcançam alguns progressos nos estudos, logo são julgados mimosos filhos da fortuna intellectual, e ganham diploma de sabedores universaes.

Fazei comprehendam que o verdadeiro homem debem, por entre os esplendores das honras e no auge do saber, é sempre modesto, e nem desmerece a magestade da sciencia com o descer a conversar entendimentos populares e rudes.

Com a humildade ensinae-lhe a praticar pelo amor fraterno a caridade social, fazendo que vejam na sociedade a grande familia humana a que todos pertencemos. Fugi de accender-lhes odios, fatal herança de muitas familias que convertem o mundo em campo de sanguentas disputas, onde homens se dilaceram como jaguares. Quantos que, em vez de lançarem ao esquecimento desavenças já passadas, accendem nos fogosos animos dos filhos desejos de vingança e perpetuam de geração em geração as discordias da familia ! . . Quantos ensinam e recommendam aos filhos vinganças dos offensores e os consentem carregados de armas mortiferas como se foram panoplia ou cabide dellas !

Tenazes na lembrança das injurias, querem esses paes que seus filhos sejam duros na remissão dellas.

E' necessario tambem premunir as filhas contra a vaidade.

« Nada temais tanto nas moças, diz Fénelon, como a vaidade; ellas já nascem com violento desejo de agradar. » Fev. t. 31, p. 93.

A Religião, appliquemos-lhe o que Janet diz da philosophia, não é inimiga da belleza, ella que ensina que a belleza da mais fraca creature, a d'uma flôr ou d'um insecto, é um reflexo da belleza invisivel e increada; mas dando-lhe tão alta origem, ella realça pela mesma razão suas obrigações...

As vantagens que a natureza nos fez, não foram dadas para as usarmos á nossa fantasia, e humilharmos os que são desprovidos dellas, mas devem servir de materia ás nossas virtudes e quanto mais favorecidos somos, maiores contas temos a dar. A belleza não é isenta desta lei: ella não deve considerar-se nem sofrer que a tratem como divindade. *La famille*, pag. 205.

Combattei n'um e n'outro sexo o amor proprio e jactancia por motivos de haveres, de sanguine, ou outro qualquer, e reprimidesde as primeiras amostras os indicios do amor das honras.

A unica nobreza, escreveu Herculano, é a dos corações e dos entendimentos que buscam erguer-se para as alturas do Céo, mas essa superioridade real é exteriormente humilde e singela e no tope da felicidade cumpre, disse Felinto Elyseo, conservar lembranças da humana pouquidade.

Alguns se contentam que as filhas recebam pequeno verniz de educação; saber tocar

piano, cantar modas, dançar, nisto cifram contentes o aprendizado que deve formar a futura māi de familia. Mas de pouca dura costuma ser a lua de mel; as horas do prazer a breve trecho se esvahem como ephemera visão, e logo cedem lugar ás horas da vida real. Os deveres da esposa, as pensões de māi, começam em cheio, com todo o sequito de cuidados diarios, e tudo isto foi olvidado na educação. A familia, este pequeno mundo, que para a moça christanamente educada é sanctuario de paz e alegria, transforma-se em foco de suppicio para aquella que carece de solidas virtudes. A vida leviana dos salões, o gosto que lhe infundiram para folguedos e apuro excessivo no vestir e nas maneiras, embeberam-lhe então no intimo a vaidade e lhe grangearam para mais tarde o enojo, este grande assassino da felicidade domestica.

A vigia impõe aos paes o dever de não deixarem os filhos ociosos. E' a ociosidade a māi da malicia : *nullam enim malitiam docuit otiositas. Eccl. 33, 29.* — Recordae a vossos filhos que todos somos condemnados ao trabalho; *in sudore vullus lui vesceris pane, Gen. III, 19,* etc.

Muitos paes julgam ter bem cumprido os deveres da educação, quando fazem todos os desejos e vontades de seus filhos e filhas, sem lhes dar a menor contrariedade. São elles outros tantos idolos no lar, e dahi quando no

meio da sociedade não podem supportar o mais  
ligeiro infortunio ou desgosto.

Além de ser rigorosa obrigaçāo dos paes  
o não satisfazerem caprichos de seus filhos;  
acostumal-os a vestuarios modestos e limpos  
mas não pompeantes de luxo, nem demasiados  
em vaidades; dar-lhes o alimento necessario e  
util, mas separal-os de toda a especie de sensua-  
lidade, habituando-os a evitar os excessos «é  
util que elles de tempos experimentem  
privações, afim de que não se esqueçam de que  
sobre a terra estão nas mesmas condições que  
tantos outros, desprovidos do necessario». S.  
*Sev. Epist. ad Lætam, Mamachi,, t.3, c.1.—(1).*

Dous caminhos oppostos levam os filhos á  
prodigalidade.

Paes que concedem aos filhos quanto estes  
pedem, e compram para elles o melhor e mais  
caro, sem que lhes façam reparar no preço  
das cousas, concorrem para que elles sejam  
gastadores .

---

(1) Não ha muito tempo os jornaes se referiam ao caso recente d'uma joven que morreu repentinamente num omnibus de Londres, porque se tinha apertado de mais com o espartilho. Autopsiaram seu cadaver, e ficou verificado que todos os orgaos das regiões thoraxicas estavam deslocados e nelles se iam formando tumores cancerosos. Não ha muito, Lemaitre, num estudo sobre o vestuario contemporaneo, escreveu que o espartilho é inimigo irreconciliavel dos deveres naturaes da mulher: a maternidade e a amamentação.

Paes avarentos, que negam aos filhos o necessário, provocam nelles reacção, e em vez de economicos sahirão perdularios.

Que pensar dos castigos?

O fim da educação é persuadir os espiritos e inspirar o amor do justo, do bom. A violencia dos castigos nada aproveita em geral.

Como disse Manoel Bernardes, o castigo deve ser tal que lhe chegue mais á alma que ao corpo.

Antes de reprehender e castigar é mister persuadir, fazer que confessem o crime sem refolho, mas com lisura.

O homem que, diz Gastão Paris, até nas menores causas tem horror á falsidade e mesmo á dissimulação, está por isso mesmo afastado dos vicios e preparado para todas as virtudes.

Não sejam extremos na brandura os paes e nem implacaveis na correcção. Ande esta adubada sempre com conselhos nascidos da alma...

« Que aproveitou a Mirabeau, o humilhante e barbaro castigo que lhe infligiu seu pai, de não trazer o seu nome de familia? O unico efecto foi accender na sua alma fogosa e altiva sentimentos de colera e revolta». Janet. p. 127.

Mas, sem ser tyranno, pôde o pai contrariar seus filhos, e em collegios bem moralizados encontram elles meios de aprender muitas

cousas uteis. «Ahi aprendem, diz Janet, a regra, que na familia é sempre complacente e desigual; o trabalho, pois que este é na familia mui facilmente relaxado, suspenso, interrompido; a justiça, porque na familia a mais rigorosa justiça é sempre misturada de favores».

Mas os paes querem no geral seus filhos e filhas sem este razoavel exercicio da vida, e os mais futeis pretextos servem para impedil-os de collocar os filhos onde a moralidade e a sciencia os façam homens e senhoras de virtudes. O mais a que chega a diligencia de alguns, é que seus filhos corram ligeiramente o que se ensina, e possam com protecção tirar pergaminho ou carta para empregos publicos.

A vigia sobre as relações com os creados, eis aqui outro ponto de cuidado do pae. Os filhos são de ordinario propensos á familiaridade com esta casta de gente, que mais os agrada e lhe disfarça os defeitos. E' necessario impedir a familiaridade, sem para isso inspirar nos filhos as falsas idéas do orgulho...

## CAPITULO XXVIII

### Amor

**Tudo quanto trazemos dito reune-se no amor que os paes devem a seus filhos.**

Esse amor deve ser generoso, moderado, discreto, igual.

Que é amor generoso? E' um amor desinteressado, que se não deixa vencer das ingratidões, não busca louvores e nem procura o reconhecimento. « O homem que dá sem esperança de reconhecimento, sem receio de ingratidão ; que dá ao proprio inimigo necessitado ; que dá sem ostentação e vaidade, é generoso, lê-se nos Synonimos de Fr. Fr. de São Luiz.

Em summa, o homem generoso é estranho ás paixões baixas, e a todas as considerações meramente pessoaes» .

Tal cumpre seja o amor dos paes para com seus filhos.

Amal-os só por causa dos serviços que elles hão de prestar, é ser egoista; amar porque elles mostram amor, é tambem interesse. O amor dos paes tem esphera mais elevada, e dá-se sem reserva. Elles devem amar tudo o que interessa a seus filhos: amar seus brinquedos, sua companhia, suas alegrias, seus interesses, e doer-se dos seus pezares e males: realizar a palavra do Apostolo, que diz de todo o christão que deve alegrar-se com os que se alegram, chorar com os que choram: *gaudere cum gaudenibus, flere cum flentibus*

Os mesmos sacrificios e trabalhos são amados pelos paes generosos: o coração paterno recebe força e felicidade d'estes sacrificios..

Na mãe particularmente a generosidade tem uma nota mais delicada. A mãe é necessariamente generosa no amor, porque deve por vocação ser a heroína dos sacrificios pelo parto doloroso, pela criação do filho com seu leite e pela educação. No seu seio o formou com o proprio sangue; depois de nascido continua a formal-o com seu leite, que é tambem sangue; e depois o vae formando pela educação, que é nova criação e não menos dolorosa...

O amor paterno deve tambem ser moderado e não cego. «Ensinae-me, Senhor, a bondade, a disciplina e a sciencia», devem os

paes dizer com David.— A sciencia no amor fará que os paes colloquem acima do amor filial o amor de Deus, que conserva, nobilita e engrandece todos os outros amores, porque só elle veste de pureza os corações, e só almas puras é que são verdadeiramente amantes. Si os paes deixam que os filhos offendam a Deus e se calam para os não desgostar ; si carregam a consciencia propria com latrocínios e outros crimes para os enriquecer, o seu amor é cégo, é immoderado. E' necessario que unam a disciplina á bondade, — corrigindo-os no mal para o bem.

Só assim será de Deus abençoado o pae nos filhos, porque tem o temor de Deus *ecce sic benedicetur homo qui timet Dominum*. Ps. 4.

Repitam os paes a seus filhos as palavras do santo homem Tobias: «Tende a Deus no espirito todos os dias da vida, não consintais em peccado algum, nem violeis os preceitos do Senhor... Nunca a outro façais o que não queréis que vos façam. Dae esmolas de vossos bens da maneira que puderdes; si fordes ricos, dae muito; si o não fordes, dáe do pouco que houverdes, mas sempre de boa vontade... Fugi das companhias perigosas dos máos, e em vossos negocios aconselhae-vos sempre com pessoas de bem, etc.» (1)

---

(1) *Omnibus diebus ultæ tuæ in mente habeto Deum,* —  
etc. Tob. 6 do 4º c.

Seja tambem discreto o amor. — A discreção é o uso do que é bom nas materias prudencias. Consiste no meio termo com que se hão de repartir e applicar affectos, mimos e penas. Consiste em distribuir signaes de amor de modo que os filhos vos respeitem, ó pais, ainda quando os acariciaes, e não cessem de amar-vos ainda quando os punis. «Fazei que elles entendam que os amaes, diz Fénelon; mas saibam tambem que vosso amor não vos governa. Condescendei algumas vezes com seus desejos; mas reservae para vós o poder de fazer que deixem seus sentimentos pelos vossos. Mostrae-lhes que vossa intenção é lhes fazer bem; mas que vossas bondades são livres, e que as retirarieis, ao primeiro máo uso que dellas fizessem».

Deve o amor paterno ser igual : com todos repartir irmanmente os affectos do seu coração. Santo Ambrosio diz elegantemente : « que os paes que preferem alguns de seus filhos, violam os direitos da natureza, a qual os faz nascer do mesmo tronco, e quer que sejam cobertos da mesma folhagem».

Os paes que sem motivo justo preferem uns filhos a outros, introduzem a desgraça no seio da familia, irritando os filhos e fazendo-os rivaes.

Póde haver justa razão para determinada preferencia, e ás vezes convém que os paes

façam sentir esta preferencia, á proporção do que merece o filho, mas entãoé necessário que os filhos conheçam a razão. Assim um filho procede bem, e outro procede mal. O pai com justas razões louva e distingue o primeiro, mas deve fazer conhecer ao segundo o motivo, e instigal-o com a esperança das mesmas delicadezas logo que seja como o primeiro.

---

## CAPITULO XXIX

### **Deveres dos filhos para com os pais**

**P**ão sabemos de assunto mais para se meditar que o milagre historico e moral da lei dada ao povo de Israel nos cimos do Sinai.

Em numero bem superior ao das nações são os codigos por elles transmittidos á posteridade, a quem servindo de guia offerecem tambem medida para julgar-se da sabedoria dos seus maiores engenhos.

Lycurgo, Solon, Confucio, Numa, Justiniano, Theodosio, Carlos Magno, Napoleão, são para os povos synônimos de sabedoria ; raios de gloria, atravessando as sombras dos seculos, banham de esplendor sua gigantea estatura moral, que a muitos parece não só extraordinaria, mas sobre humana.

Com tudo, entre as Constituições, que nos revelam a grandeza do genio desses legisladores,

será possível sacar a limpo uma só que corra parelhas com o Decalogo?

Em boa verdade afirmamos que um abismo immenso separa do código moral christão todas as legislações, em cuja realização a flor da raça humana concentrou riquezas do coração e esgotou forças do espírito.

A lei do Sinai, transpondo barreiras do tempo e do espaço, que limitam as leis humanas, atinge nas suas prescripções o interior do homem, sua intelligencia e seu coração, arrancando de raiz a arvore do mal pela destruição do germen que a produz, pois que proscreve a má determinação da vontade, o pensamento do peccado...

Isto nunca alcançaram fazer, nem para o futuro o hão de alcançar, os mais poderosos legisladores, cuja acção se esvae á porta do sanctuário inviolável da consciencia humana. Só no Decalogo recebe o homem ordem de amar, crer, não pensar o mal nem desejar-o. Só o Decalogo é destinado a todos os homens e a todos os tempos; só elle serve de constituição moral e religiosa para a humanidade inteira; só nelle se hão de inspirar os legisladores das nações sob pena de não viverem...

Base moral da existencia dos povos, o Decalogo reinou, reina e reinará no mundo.

E' nelle, portanto, que devemos procurar

o preceito que regula os deveres dos filhos para com os paes.

Honra teu pae e tua māe ; *honora patrem tuum et matrem tuam.*

Eis ahi o mandamento divino, que comprehendia as santas obrigações dos filhos para com aquelles que lhes deram a existencia.

Quatro deveres abrange a honra devida aos pais, segundo diz S. Jeronymo: amor, respeito, obediencia e assistencia.

Só grandes proveitos ha de render para os filhos a observancia do divino preceito.

Castigos e premios, ainda temporaes, sancionam esta lei fundamental.

Lêde o codigo sagrado e vereis que «a benção dos paes firma as casas, a maldição da māe as destróe pelos fundamentos (1) »; «que aquelle que abandona seu pae é infame e o que irrita sua māe é maldito de Deus» (2); «que viverá longo tempo aquelle que honra seu pai e sua māi» (3); « tudo lhe correrá bem» (4); «terá alegria nos filhos, etc. (5)».

---

(1) *Benedictio patris firmat domos filiorum : maledictio matris eradicat fundamenta.* Eccl. 3, 11.

(2) *Quam malæ famæ est, qui derelinquit patrem : et est maledictus a Deo, qui exasperat matrem.* Eccl. 3, 18.

(3) *Honora patrem tuum et matrem tuam... ut longo-vivas tempore.* Deuteronom. V, 16.

(4) ... et bene sit tibi... Deuteronom. V, 16.

(5) *Qui honorat patrem suum jucundabitur in filiis.* Eccl. 3, 6.

Assim, sob a defeza de Deus são collocados todos os direitos paternos, porque a piedade filial é exaltada á dignidade d'um dever religioso.

Quão diverso era o sentimento dos barbares, para quem não brilhára a luz evangelica!

« Entre os Bactrianos, diz Onesecrito citado por Strabão, os velhos paes eram abandonados vivos a cães nutridos de proposito para o fim de enterra-los em suas visceras». Strab. liv. XI. p. 284.

Dos Caspios se conta cousa semelhante, continua Strabão. Logo que os paes attingem os setenta annos são encerrados pelos filhos, que os deixam morrer de fome».

A penna recusa transcrever tantas e tão crueis barbaridades, hoje difíceis de cridas por aquelles cujos entendimentos são illuminados pela fé christã.

Tratemos agora dos deveres da piedade filial, e veremos quão á justa se adaptam as prescripções do Céo á degradação da natureza humana...

## CAPITULO XXX

### **Piedade filial. Amor.**

**A**PIEDEDE filial, virtude moral, que consiste em tributar aos paes amor, respeito, obediencia e assistencia, é ensinada pela mesma natureza que pune pelos direitos dos paes por meio das vozes eloquentes dos propriospagãos.

Facil ser nos-hia firmar esta sentença por multiplos e claros testemunhos de grossa multidão de escriptores pagãos.

Para não cançarmos, porém, o discurso, apontemos uma ou outra auctoridade, que por todas poderão bastar, visto como são de genios que já conquistaram acatamento universal.

A primeira lei da natureza, affirma Valerio Maximo, é amar os paes. De feito, Deus lançou nas almas as sementes das virtudes, afim de que os homens fossem excitados á sua pratica por instincto natural, e pelo freio do pudor se desviassem do mal, para o qual são inclinados. Destas sementes de virtudes, a principal e mais natural, ensina Granada, é o movimento da

alma que nos leva a honrar aquelles a quem devemos o dia. Esta verdade é tão incontestável, continua o sabio mestre da vida espiritual, que, segundo Aristoteles, tão insensato e inutil é questionar sobre a honra devida aos paes como o seria disputar a respeito da brancura da neve. Ambas são igualmente evidentes e reconhecidas.

« Esta lei, discorre Cicero, é, não escripta, mas innata; nós não a aprendemos, recebemos nem lemos, mas a tomamos da natureza; ella nos não foi ensinada, mas fomos feitos para ella; não é lei humana, comnosco a trazemos. » Cic. *pro Milone*. « A piedade é o fundamento de todas as virtudes. A ella o sumíno louvor, diz o mesmo orador romano: *Pielas fundamen-tum est omnium virlulum. Pietati summa tri-buenda laus est.* »

No ensinamento christão os deveres da piedade filial tiram sua origem e força do seio de Deus, donde ella desceu ao coração do homem.

Como não amarem os filhos a seus paes si lhes devem a geração, a vida, e sua conservação abaixo de Deus?

Como não pagar-lhes sem estreitezas o amor que delles recebem? *Memento quoniam nisi per illos natus non fuisses et retribue illis, quo-modo et illi tibi. Eccl. 7, 30.*

São, pois, os paes em relação aos filhos como deuses secundarios (*ul deos quosdam visi-*

biles, diz Philo), copias ou imagens do Creador, por este postas na terra para nos darem uma idéa mais sensivel do que nos cumprepara com a primeira causa. O pae e a mãe são representações vivas do Deus Immortal, nos ensina o Catechismo do Concilio de Trento *sunt immortalis Dei quasi quædam simulacra, De 4 præc.*

Da parte dos filhos não bastam, pelos olhos se está mettendo, os signaes de veneração e deferencia para com os paes a propria natureza, voz de Deus, exige delles affeição sincera e verdadeira para aquelles a quem devem amor e sacrificio. E' necessario, diz o sabio, honral-os de todo o vosso coração: *in loco corde tuo honora patrem tuum.* Eccl. 7, 28 e 29.

Lembrae-vos, se lê no mesmo livro do filho de Sirac, lembrae-vos das dôres e dos gemidos de vossa mãe: *Gemilus malris lux ne obliviscaris.* 7, 29.

As inquietações de espirito que por vós padeceram; a solicitude com que trabalharam para sustentar vossa vida e vos darem educação; as lagrimas qne verteram, não são motivos superabundantes que em proprio favor podem apresentar para vos exigirem amor e reconhecimento? *Et retribue illis, quomodo et illi tibi.* 7,30.

Assim, no Ecclesiastico, que os Santos Padres chamam livro de todas as virtudes, foi o Espírito Santo espalhando sentenças de sá doutrina, com que não somente se atalhassem

desattenções e affrontas aos paes, senão que também lhes garantissem da parte dos filhos pagamento do amor a que têm direito.

Mais tarde, para dar vida á palavra escripta e amparar com mais segurança os direitos paternos, o Filho de Deus veiu cónversar com os homens, e pelo exemplo d'uma piedade filial sem igual antes nem depois d'elle, offereceu-se para sempre como espelho, no qual se olhem e se componham os filhos quanto ás obrigações que têm para com os paes. E' em Jesus que o amor filial se nos manifesta sem as falhas com que nos contam nou o peccado original.

Olhos em Jesus, o' filhos christãos, e amareis, como é dever, a vossos paes.



## CAPITULO XXXI

### Respeito

**D**ão nos deteremos em demonstrar que os filhos devem respeito a seus paes.

O preceito é tão formal e tão frequentes vezes repetidos na recitação dos Dez Mandamentos pelos Christãos, que parece nos fariamos réos de irreverencia para com elles, si nos demorassemos em lhes provar o que trazem tão de memoria.

Passemos, pois, a explicar o que devem os filhos fazer para cumprirem este mandamento.

O respeito deve ser nas obras, nas palavras e em toda a paciencia, nos ensina o Sabio. Por esta via descerá sobre os filhos a benção dos paes e d'elles nunca se ausentará : *In opere, et sermone et omni patientia honora patrem tuum; ut superveniat libi benedictio ab eo, et benedictio illius in novissimo maneat.* Eccl. c. 3, V. 9º e 10.

Apparece ahí novamente a promessa de  
<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

recompensa aos bons filhos, sendo este preceito o primeiro que tem promessas, conforme ensina S. Paulo aos Ephesios : *quod est mandatum primum in promissione* Eph. 6, 2,

Nas acções será respeitoso o filho que não se mostrar renitente ou levantado para com os paes; que não emprehender cousa alguma sem lhes pedir conselho; não fôr grosseiro nos modos com que os trate, mas antes mostrar-se attencioso e reverente para com elles.

Escreveu S. Jeronymo que « merecia ter vasados os olhos o filho que ousasse lançar iracundo olhar contra seus paes».

Exemplo muito para imitado neste particular nos apresenta o illustre Conde de Maistre.

Eis aqui o que nos refere seu biographo :

« O traço principal da infancia do Conde de Maistre foi uma submissão amorosa para com seus pais. Presentes ou ausentes, seu menor desejo era para elle lei imprescriptivel.

Quando a hora do estudo marcava o termo da recreação, seu pai se lhe apresentava na porta que punha para o jardim sem dizer uma palavra, e com prazer elle via cahir os brinquedos das mãos de seu filho, sem que este lançasse nem uma vez mais a bola ou o volante. Durante todo o tempo que o joven José demorou-se em Turim para cursar as aulas de Direito na Universidade, nunca tomou a liberdade de ler

um livro antes de escrever a seu pae ou a sua māi, em Chambéry, para que lhe dessem autorisação.

Nada igualava a veneração e o amor do Conde de Maistre para com sua māi.

Elle costumava dizer : « Minha māe era um anjo, a quem Deus emprestara um corpo; minha felicidade era adivinhar o que ella desejava de mim, e eu era nas suas mãos como minha irmā mais joven».

Haverá respeito nas palavras, si lhes responder com modestia e docilidade, fallar com honra a respeito delles, dando-lhes o nome de pae, defendendo-os ante os outros, desculpan-do-lhes as faltas e não motejando de sua ignorancia, pobreza ou quaesquer defeitos.

Ainda quando os filhos tenham razão contra seus paes, devem lhes fallar sempre com humildade e respeito, diz Salviano, porque um filho ha de considerar o pae como causa santa e sagrada, diz a Lei : *Filio semper honesta et sancta patris persona videri debet.*

Tanto mais que modos humildes, assim como respostas brandas, quebram a ira, como se lê nos Proverbios : *responsio mollis frangit iram* (1).

Em vez de disputar com os paes e contra-

---

(1) XV. I.

dizel-os, devem os filhos procurar vencer-lhes as exasperações pela paciencia : *parentes patientia vince*, escreveu um sabio da Grecia, e com elles não disputeis, deixou recommendado outro — *noli contendere cum parentibus*.

Soffrer asperezas dos paes, receber com humildade e executar com rosto alegre suas ordens ainda que arduas e repugnantes, não molestal-os de modo algum, honral-os publica e privadamente, são cousas que exige o respeito que os filhos lhes devem em toda a paciencia.

O respeito é devido, qualquer que seja a posição social do filho, e sua idade.

Eis alli Salomão no ineio dos esplendores da gloria. Vendo chegar sua mãe Bethsabé, levantou-se, prestou-lhe signaes de veneração e fez collocar o throno para ella á sua direita : *Veniente Bethsabee malre, surrexit Salomon rex, adoravitque eam, (et positus est thronus matris ad dexteram filii regis)*. 3 Reg. 2, 19. (1).

Vêde, o' filhos, a Jesus na Cruz. O divino amante das creanças recommenda ao discípulo amado a Virgem sua Māi: *pendens in cruce Jesus, matrem suam dilecto discipulo commendavit*. Joán 19, 27. (2)

Vide Cyro, a quem o Psalmista chama

---

(1) Merz, Thesaurus Biblicus, Grat. Parentes.

(2) Table Homilétique de Merz, Grat. Parentes.

feliz, o conquistador da Syria, da Assyria, das Prygias, da Lydia, Caria, Phenicia, Bactrianna, India e muitos outros paizes. Convidado por seu tio Cyaxaro, Rei dos Medos, a receber por esposa sua filha, Cyro, embora já sexagenario, só respondeu depois de ter o consentimento de seus paes.

Assim comprehendia e observava a piedade filial esse homem, cuja presença fazia tremer o Oriente, e isto n'uma idade em que já podia contar nelos. (1)

Não maravilha que Tertulliano tenha afirmado que desrespeitar os paes é quasi commetter sacrilegio, e tornar-se réo de atheismo e impiedade, porque é Deus quem é violado na pessoa dos paes, e Cicero, com não ser Christão, tenha acertado em dizer que — honrar os paes era honrar a Deus *parentem esl Deum vereri.*

---

(1) Consulte-se Rohr. t. 3, p. 62 e seguinte. Hist. de l'Eglise.

## **GAPITULO XXXII**

### **Obediencia**

**O**bedecer é inclinar-se uma pessoa livremente sob a ordem da auctoridade.

Obediencia é a lei soberana da vida humana, diz preexcellentor orador jesuita.

Fóra do homem, em toda a creaçao, ha uma obediencia passiva dos sêres materiaes á vontade creadora, e essa obediencia, relativa á sua natureza, é condição de sua harmonia, do seu crescimento e progresso.

Dos abysmos do firmamento aos abysmos da terra, todos ouvem a voz que os chaîna, e dizem: Eis-nos aqui. Do mais inexplorado fundo dos espaços os sóes seguem sua orbita com exactidão tão prodigiosa, que escapa á expressão dos mathematicos: elles vem no ponto e na hora que o dedo divino lhes marcou, mostrar-se ao nosso olhar, saudar o Creador.

O mundo das estrellas é um concerto de sóes que cantam a gloria de Deus e executam sua vontade. Na terra, a vida circula por mil

canaes profundos, onde o genio do homem não alcança seguir-a para sorprehender todos os seus mysterios, mas nesses movimentos tão multiplicados, tão occultos e impenetraveis, ha uma cousa que por toda a parte se revela com esplendor divino ao genio que contempla: é a fidelidade da vida ás ordens da Providencia (1).

Abaixo de Deus, nada existe mais sagrado que a auctoridade d'um pai.

Nada, portanto, mais justo do que obedecerem os filhos aos paes, a quem devem o sér.

A razão indica essa obediencia devida aos paes.

Irreflectidos, inexperientes, os filhos precisam ser guiados e instruidos para gosarem a vida do corpo e do espirito. E como poderão ser dirigidos si não obedecerein? A quem cabe melhor direito e mais forte dever de guial os que áquelles que os geraram e lhes desenvolveram a vida?

Tambem muito bem avisado andou o antigo que chamou a auctoridade paterna. — *Majestade paternal.*

E' a obediencia maravilhoso talisman que nol-o assegura triumphos e victorias. A Sagrada Escriptura nol-o garante: *vir obediens loquetur victoriam.* A obediencia é uma força que funda, salva e regenera, disse Felix.

---

(1) Felix, 1861, p. 176.

Escutae. Ha tres seculos, continua o orador, Deus se preparava para execucao d'um grande designio; ia dar á catholicidade um mundo novo...

A quem mandarei? disse o Senhor: *Quem millam?* Um homem respondeu: Eis-me aqui, enviae-me: *ecce ego, mille me.* Que faz esse homem? Eu resumo uma heroica historia.:

Do extremo Occidente ao extremo Oriente, elle se lança como gigante para vencer seu caminho: *exultavit ut gigas ad currēdam viam.*

Francisco Xavier vai mais longe que Cyro, mais longe que Alexandre, mais longe que Pompêo, mais longe que todos os conquistadores. Deus lhe tinha predestinado dez annos. E nestes dez annos que fez Xavier? Percorreu dezoito mil leguas; converteu mais de dez milhões de homens; prostrou na adoração de Christo cincoenta reis da terra... (1).

Da obediencia brotaram os prodigios com que Francisco Xavier assombrou o mundo, que nelle admira estupendo conquistador vestido da humilde roupeta do submisso jesuita.

Com irrefragavel testemunho d'um illustre pagão avigoremos a doutrina que vamos trasladando para estas paginas.

Alguem disse a Thcopompo: «A Republica

---

(1) Felix, 1861, p. 212 e 213.

de Sparta subsiste porque os reis sabem mandar. Não, respondeu elle, é porque as cidades sabem obedecer. » (1).

Aos paes mandar, aos filhos obedecer, eis aqui a felicidade na familia, porque, como dizia Agesiláo, «mandar e obedecer são as duas cousas que banem as sedições dentre os cidadãos e protegem a união.» (2)

Para o Christão o typo da obediencia é Christo, que assim se nos revela por actos e palavras : *et erat subditus illis.* Luc. c. 2, V. 51. Esta só palavra resume os trinta annos de Jesus na companhia de Maria e José, e é no mais submisso obedecer que elle crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens : *Et Jesus proficiebat sapientia, et aetate, et gratia apud Deum et homines.* Ibidein. V. 52.

Depois, no alto da Cruz, Jesus obedece também: *factus est obediens usque ad mortem,* e por isso é glorificado : *propter quod et Deus exaltavit illum* — Philip. II, 8.

«Aprendam os filhos a obedecer a seus paes, diz-lhes S. Agostinho. (S.63 *De Diversis*) porque Christo, a quem o mundo é sujeito, submette-se com tudo aos seus».

«Cora-te, soberba cinza, diz S. Bernardo :

---

(1) Plut., *Apophthegmas dos Lacedemonios.*

(2) Idem, ibidem.

Deus se humilha e tu te exaltas?... E Jesus lhes era submisso. Quem? A quem? Deus a homens, não só a Maria, mas a José também». (1)

«Christo submetteu-se mansa e obedientemente a todo trabalho corporal, discorre São Basílio. Porquanto sendo Maria e José justos e pios, mas pobres e nem fartos das coisas necessárias, com razão lidavam nos assíduos trabalhos do corpo, para por esta via lograrem o que lhes era mister. Jesus, porém, que lhes era submisso, como diz a Escriptura, declarava sua obediencia; ajudando-os em todos os seus labores. Assim saibamos os filhos obedecer a nossos paes». (2).

«Sim, nota S. Boaventura, Jesus, que veio ao mundo para servir, servia a Maria e a José. Não ha duvida que o Filho de Deus aju-

---

(1) Erubesc superbe cinis: Deus se humiliat, et tu te exaltas?... Erat subditus eis. Quis? quibus? Deus hominibus, nec tantum Mariæ, sed et Joseph?

(2) ... Onnem laborem corporalem mansuete et obedienter sustinuit. Cūm enim homines illi essent justi quidem ac pii, verum pueres et rebus necessariis non abundantes etc., merito labbris assiduis dediti erant, per hos necessarias res sibiipsis acquirentes. Jesus autem his subditus, velut ait Scriptura, omnino etiam simul preferendo labores obedientiam declarabat. Itaque discamus filii subjecti esse parentibus....

dou sua mãe, tomou parte nos misteres humilímos da officina e do trato caseiro». (1).

Promptidão, simplicidade, afseição e universalidade, eis enumeradas as qualidades que devem caracterisar a obediencia filial.

Em breves traços memoremol-as antes de pôrmos fecho ao presente capitulo.

Prompta seja a obediencia como foi a de José do Egypto a seu pae. Disse-lhe Jacob : vem, que te quero mandar a Sichem. E José para logo acudio : Prompto estou. *Genesis, 37, 13.*

«O homem verdadeiramente obediente, diz S. Bernardo, não deixa para o dia seguinte, mas no mesmo instante dispõe seu ouvidopara escutar, sua lingua para fallar, seus pés para caminhar, suas mãos para trabalhar e recolhe todas as forças para cumprir a ordem recebida.

Simples no obedecer será o filho que executar a ordem paterna sem negar-se aos descommodos, que ella lhe acarreta, sem discutir-lhe as razões e oportunidade. «O verdadeiro obediente, expõe o mesmo S. Bernardo, não pára em impertinentes reflexões sobre o que é mandado; bastante lhe é que a ordem seja conhecida».

Outro caracter da obediencia perfeita é

---

(1) Veuillot, Vida de J. Christo, traducção de Castilho.

cumprir com amor a causa mandada, ainda que os misteres sejam humildes e penosos. « Quando, ensina S. Gregorio, a causa que vos manda é appetecivel, o ardor e inclinação natural, que vos excitam a executal-a, roubam grande parte do merecimento ».

Emfin, accrescenta o mesmo Santo: « a verdadeira obediencia cumpre a ordem recebida, não por temor servil, mas por affeição da caridade, não por medo do castigo, sim por amor da justiça\*.

A universalidade abrange todas as causas e todo o tempo da vida.

Não pôde o filho obedecer sómente naquillo que é contra a lei divina.

Claro está que peccam, porque faltam a seus deveres, os filhos que deixam de cumprir á risca as derradeiras determinações paternas, ou sejam ellas escriptas ou sómente verbaes, uma vez que sejam justas.

Ao contrario do que de ordinario praticam, cumpre-lhe apurar o zelo em executar por cheio o que os paes lhes prescreverem ou aconselham, quer quanto a funeraes e suffragios, quer quanto a restituições, pagamentos de dividas, legados, e o mais.

Sinas causas justas hão de os filhos não trepidar em obedecer e nem impedir intervenção paterna, de seu lado os paes não podem pela lei divina metter-se em negocios que só

competem á consciencia dos filhos, como o é a escolha do estado em que possam mais a seguro operar a propria salvação. «Neste seculo, em que o estado ecclesiastico nada mais tem de brilhante aos olhos do mundo do que o devotamento, a paes, aliás christãos. não lhes döe a consciencia de apartar do espirito dos filhos o pensamento dessa generosa vocação, para dirigil-os para outras carreiras, nas quaes contam obter fortuna e glorias, mas não verdadeiros meritos. Pensam elles na responsabilidade com que carregam a consciencia, quando se esforçam por privar a um grande numero de almas do sacerdote que lhes Deus destinou para esclarecel-as, guial-as e salval-as? Si consultassem o espirito de fé, não comprehenderiam que um filho, offerecido a Jesus Christo para ser o dispensador de seus mysterios; e seu ministro na obra da salvação dos homens (1), é para suas familias penhor de bençãos divinas, ainda temporaes?

Mas as preocupações terrestres offuscam, em muitos espiritos, as verdades que deveriam tornal-os attentos a não turvar, nos jovens corações, uma das mais bellas operações da graça. » (2).

---

(1) Ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei. S. Paulo, Epist. I ad Corinth. c. IV, v. I.

(2) Gerbet, Mandement pour le carême de l'an 1857.

Nestas palavras do illustre Bispo de Perpignan resumimos tudo quanto podemos dizer nesta melindrosa materia, e seus conceitos se devem extender a todas as outras vocações, que os paes nunca devem perturbar.

Obedecei, ó filhos, a vossos paes em todas as cousas, porque esta é a vontade de Deus, diz o Apostolo: *Fili, obedite parentibus per omnia : hoc enim placilum est Domino.* *Coiss. 20.*

Não seja, porém, cega vossa ternura: sabei que antes de tudo vos corre o dever de obediencia para com vosso Pae que está no Céo. Sôa porventura a hora de oppôrdes reverente negação ás supplicas d'um pae dilecto e veneravel pelas caus que lhe alvejam a fronte, porque elle vos pede a acção que fere a consciencia?

Empenhae todas as potencias da alma em reduzill o pelas armas pacificas da razão e do amor, mas não duvideis em offerecer firme resistencia ás descabidas pretenções, com que vos podem propinarr a morte eterna. Santa Perpetua em Carthago, S. Cyrillo em Cesárea de Cappadocio, são para vós, nestas duras provações, illustres exemplos, pelos quaes deveis modelar vossas acções. Não deixeis escapar a occasião do pôrdes em praxe as licções que vos dão os heróes christãos, a quem dedicais amore e veneração...

## CAPITULO XXXIII

### **Assistencia**

**P**or assistencia entendemos todo o soccorro espiritual e temporal a que os pais tem direito.

Ella é dívida de gratidão que a seus progenitores devem os filhos, cujos corações de primeiro lhes pertencem pelos direitos da nascença e recepção dos benefícios.

Ingrato será o filho que não fôr largo de coração para com seus paes, e lembrem-se todos do que proferiu sobre a ingratidão a aurea bocca portugueza, Padre Antonio Vieira: « Dirás todas as cousas más, sī disseres ingrato. »

Em reverter para os paes os benefícios recibidos devem os filhos imitar os secundos terrenos, que dão mais fructos ao agricultor do que as sementes que elle aos sulcos confiou.

E' dever delles contribuir com soccorros temporaes e espirituais, que aplanem as dificuldades dos paes na vida e na morte; levar com paciencia sua decrepitude; consolal-os e

acudir com discreta providencia em prevenir os descommodos da necessidade; remediar-lhes as estreitezas da fortuna com sustento, vestuario e remedios nas doenças, mas de modo que o soccorro não amargue com a cruel usura da humilhação, antes lhes chegue attractivo e saboroso pelas mostras da boa vontade e palavras de bom termo com que é feito. «Meu filho, nos aconselha o Espírito Santo por bocca do Sabio, consola teu paí na velhice e não o contristes durante a vida: *Fili, suscipe senectam patris tui, et non contristes eum in vita illius,* Eccles. 3, 14. «Si o seu espirito se enfraquece, supporta o e não o desprezes: *Si defecerit sensu veniam da.*»

A historia profana registra bellos e instructivos exemplos do cumprimento heroico da assistencia dos filhos ainda pagãos, tão innato é em nós esse divino preceito.

Affrontando as devoradoras chamas do incendio de Troia, Enéas, arriscando a propria vida, toma sobre os hombros seu invalido paes Anchises e salva-o do furor dos Grégos.

As supplicas de sua māi Veluria, Coriolano, prestes a destruir a cidade de Roma, por seu numeroso exercito assediada, depõe a espada triumphantemente e esquece as offensas que pretendia vingar.

Não só em attender ás necessidades manifestadas pelos paes devem correr os filhos, mas acudam de vontade em prevenil-as por affectuo-

sa caridade. Enfermam os autores de vossa vida? Sêde pontuaes em visital-os, e prestae-lhes os serviços que poderdes, de modo que elles comprehendam não correrem os meios, que exgottais, ao compasso dos desejos que sentis.

Vedes que se torna grave a enfermidade? Cuidae de preparal-os para a temerosa jornada da outra vida, acercando o seu leito com os soccorros da Religião. Sêde os primeiros a facilitar-lhes a recepção dos Sacramentos, chaman-do sacerdote que lhes ouça a confissão, os fortifi-que com o Adoravel Corpo de Nosso Divino Salvador, e os apparelhe pelo Sacramento da Extrema Uncção, luctadores invenciveis nas ultimas batalhas, que lhes ha de offerecer o inferno.

Não fínda, porém, a missão filial com o re-colher o ultimo alento, com que d'esta vida se despedem os pais.

E' mister que a caridade os acompanhe além do tumulo; é necessario que com religioso respeito tratem de sepultar o cadaver, que na ultima jazida vae esperar a resurreição geral: é preciso que orem e façam orar pela alma, que foi prestar rigorosas contas no tribunal divino. E' esta a norma que nos deixaram recommendada os Santos varões do Antigo e Novo Testamento. «Quando Deus tiver chamado a si mi-nha alma, toma cuidado da sepultura do meu corpo, disse Tobias a seu filho *Cum acceperit*

*Deus animam meam, corpus meum sepeli...* Tob. IV, 3. S. Bernardo ora por sua mãe muito tempo depois de sua morte. De si refere Agostinho ter feito o mesmo com afinado zelo constante applicação.

A negação dos deveres para com os pais, até aqui explicados, acarreta sobre os filhos ignominia e infelicidade, com que Deus os castiga. «Aquelle que afflige seu pae e afugenta sua mãe, lê-se nos Proverbios, é infame e infeliz. *Qui affligit patrem, et fugat matrem, ignominiosus est et injelix.* » Prov. c. XIX, 26.

Deus os castiga ainda com o permillir, que sejam tratados por seus filhos como elles trataram seus paes.

Celebre é aquillo que contam de certo pae, que arrastado ignominiosamente da casa pelo filho até o limiar da porta, lhe disse: «Basla, filho, até aqui arrastei meu pae: *Sine, fili, hucusque enim ego protaxi patrem meum.* » C a Lapidé in Prov.

E' o que tambem dizemos nós no eloquente risão popular: Filho és, pae seiás; como fizeres, acharás.

## INDICE

	PAGS.
<b>Approvação do Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo de Marianna.</b>	<b>5</b>
<b>Dedicatoria .....</b>	<b>7</b>
<b>Introducção.....</b>	<b>11</b>
<b>Cap. I           Instituição do Matrimonio.....</b>	<b>15</b>
<b>Cap. II          Continuação.....</b>	<b>27</b>
<b>Cap. III         Proveitos ou bons effeitos da indisso-</b>	
<b>                    lubilidade.....</b>	<b>39</b>
<b>Cap. IV         Divorcio.....</b>	<b>47</b>
<b>Cap. V           Effeitos damnosos do divorcio.....</b>	<b>61</b>
<b>Cap. VI          Continuação .....</b>	<b>71</b>
<b>Cap. VII         Resolvem-se objecções.....</b>	<b>81</b>
<b>Cap. VIII        Os Papas e o casamento.....</b>	<b>91</b>
<b>Cap. IX          Preparação para o casamento.....</b>	<b>109</b>
<b>Cap. X           Continuação da precedente materia...</b>	<b>119</b>
<b>Cap. XI         Impedimentos do Matrimonio e cere-</b>	
<b>                    monias.....</b>	<b>129</b>
<b>Cap. XII         Obrigações dos esposos.....</b>	<b>137</b>
<b>Cap. XIII        As esposas.....</b>	<b>157</b>
<b>Cap. XIV         Paes.....</b>	<b>171</b>
<b>Cap. XV          Direitos dos paes.....</b>	<b>175</b>
<b>Cap. XVI         Educação.....</b>	<b>179</b>
<b>Cap. XVII        Amamentação e baptismo.....</b>	<b>191</b>
<b>Cap. XVIII       Começar cedo. Rousseau.....</b>	<b>201</b>
<b>Cap. XIX         Necessidade da Religião.....</b>	<b>209</b>
<b>Cap. XX         Educação religiosa. Catechismo e de-</b>	
<b>                    voção.....</b>	<b>219</b>

<b>Cap. XXI</b>	Primeira communhão.....	231
<b>Cap. XXII</b>	Meios para educar. Influencia das mães.	241
<b>Cap. XXIII</b>	Leituras.....	251
<b>Cap. XXIV</b>	Mestres.....	259
<b>Cap. XXV</b>	Deus e a soiencia.....	267
<b>Cap. XXVI</b>	Exemplos. Conversação. Passeios.....	279
<b>Cap. XXVII</b>	Vigilancia paterna.....	293
<b>Cap. XXVIII</b>	Amor.....	303
<b>Cap. XXIX</b>	Deveres dos filhos para com os paes...	309
<b>Cap. XXX</b>	Piedade filial. Amor.....	313
<b>Cap. XXXI</b>	Respeito.....	317
<b>Cap. XXXII</b>	Obediênciia.....	328
<b>Cap. XXXIII</b>	Assistencia.....	333

---